



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE**

CAROLINA DE MOURA OLIVEIRA CARVALHO

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

**Presidente Prudente
2009**

CAROLINA DE MOURA OLIVEIRA CARVALHO

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Presidente Prudente, para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Produção do Espaço Urbano.

ORIENTADOR: PROF. DR. ARTHUR MAGON WHITACKER

**Presidente Prudente
2009**

Carvalho, Carolina de Moura Oliveira.
C322p A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do
Bairro. - Presidente Prudente : [s.n], 2009.
148 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Orientador: Arthur Magon Whitacker
Banca: Maria Encarnação Beltrão Sposito, Oscar Alfredo Sobarzo
Miño
Inclui bibliografia

1. Cidade. 2. Bairro. 3. Geografia. I. Autor. II. Título. III.
Presidente Prudente - Faculdade de Ciências e Tecnologia.

CDD(18.ed.) 910

**Ficha catalográfica elaborada pela Seção Técnica de Aquisição e Tratamento da
Informação – Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação - UNESP, Câmpus de
Presidente Prudente.**

TERMO DE APROVAÇÃO

CAROLINA DE MOURA OLIVEIRA CARVALHO

A PAISAGEM DO MACUCO: OS LUGARES POR DETRÁS DAS FORMAS DO BAIRRO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Geografia, da Universidade Estadual Paulista, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker
Departamento de Geografia, UNESP.

Prof. Dr. Maria Encarnação Beltrão Sposito
Departamento de Geografia, UNESP.

Prof. Dr. Oscar Alfredo Sobarzo Miño
Departamento de Geografia, UFRGS

Presidente Prudente
2009

Dedico esta dissertação a quem chorou quando peguei o meu diploma de ensino fundamental; a quem, cheia de orgulho, lavava minhas fantasias de princesa, de fada, de dálmata durante o período que animei festas, porque para ela eu realmente era uma princesa; dedico àquela que no dia da minha colação de grau afirmou que aquele era o dia mais feliz de sua vida.

*Dedico a você **mãe, minha fortaleza...** Agradeço toda vez que perguntei: Mãe, passei de ano, o que vou ganhar? Nada, estudou para você mesmo. Sua intenção sempre foi demonstrar que o conhecimento é o maior presente que cada indivíduo carrega junto de si... Hoje, posso afirmar que a maior riqueza que um ser humano pode ter é uma mãe, que conduziu a mim e meus irmãos para o caminho da vida, levantou-nos quando necessário e nos jogou do ninho quando já poderíamos voar...*

Agradecimentos

O percurso trilhado para a elaboração desta dissertação se efetivou com a ajuda de muitas pessoas, que de forma direta ou indireta, contribuíram para a superação de mais uma etapa da minha vida. Sem dúvidas, são pessoas extremamente especiais, tendo em vista que foram em momentos de muita inquietação, angústia e também felicidade que estiveram presentes. Neste percurso demonstraram a verdadeira amizade, pois foram capazes de pegar em minha mão para livrar-me da escuridão do medo.

Não existe uma ordem para os agradecimentos, todavia, seguirei a trajetória do mestrado para tecer a minha gratidão.

Deste modo, agradeço a grandes amigos que me incentivaram a prestar o mestrado e, ainda, proporcionaram momentos de valiosos estudos para que pudesse se concretizar a entrada no Programa, são eles: Aline, Leandro, Vitor e Elias, vocês foram essenciais...

Ainda, retorno a agradecer ao Vitor, Elias e Zeca que me auxiliaram na elaboração dos cartogramas utilizados na pesquisa, todavia, sou muito grata pela amizade de vocês, por todo carinho que sempre me proporcionaram.

Agradeço aos meus meninos, que desde o primeiro ano da graduação estiveram e estão presentes na minha vida, sempre torceram por mim, estão sempre ao meu lado para darmos boas risadas e para enxugar minhas lágrimas quando necessário, são eles: Mazinho (Panda Wins), Fabio Junior (Bigula), Eder Lucas, Felipe, Zeca (David) e Renato, vocês vivem no meu coração, foram essenciais em cada etapa da minha vida, muito obrigada!

Sou extremamente reconhecida, grata e honrada pela amizade de duas meninas extremamente especiais para mim: Taluana e Karina. Posso considerá-las minhas amigas-irmãs, que além de toda a força durante a trajetória acadêmica, perpassaram por diversas etapas da minha vida, auxiliando-me a manter a esperança e continuar firme pela estrada da vida.

Além disso, agradeço a minha amiga Karina pelas aulas imprescindíveis sobre o Programa SPSS, obrigada pela paciência... foi difícil aprender!!!

Também agradeço aos meus amigos do Programa de Pós-Graduação, que na verdade já estavam presentes na minha vida antes da entrada no programa. Agradeço os preciosos momentos que passamos juntos, seja em congressos ou pela universidade. O que importa é que tornaram a minha vida muito mais interessante, do ponto de vista acadêmico e social: Marcinho (Catelan), Denis Richter, Andréia, Igor Catalão, Silvia, Loboda, Leda, Maria Julia e Erica Moreira.

Também não poderia esquecer os meus comparsas que em cada etapa estiveram presentes para comemorar, ou seja, sempre acreditaram em mim: Roxo, Nizete, Neto, Marcel (Cabelo), João Paulo, Dani, Toninho, Nai, Cecília, Wil, Ízide, Michelle, Mãe, Janine, Betinho, Flávia e Marcel (Xibungo).

Agradeço a Seção de Pós-Graduação, em especial, a Ivonete, que sempre me encontra em “situações suspeitas para puxar a minha orelha”, a Márcia e a Erinat.

Não poderia deixar de agradecer a minha amiga Lairce, que desde o período em que fui estagiária da biblioteca torceu por mim e muito me auxiliou nesta trajetória, também agradeço a D. Marilda, Regina, Tadeu, Silvia e Raquel.

Sou grata aos funcionários da FCT-Unesp, que sempre nos trataram (alunos) com muito carinho, em especial: D. Leonídea, Lourdes e D. Neusa.

Alguns amigos são inesquecíveis, portanto, agradeço aos amigos do primeiro colégio que trabalhei: D. Darcy, Jeovane e a sua mãe D. Maria, Leila, Letícia, Lígia e Rílton. E também agradeço aos meus amigos do Colégio Municipal 1º De Maio: Magda, Simorá, Semira, Tânia, Célia, Ana Célia, Ana Lúcia, Luciana, Regina (Geografia) e Regina (Ciências); o carinho de vocês é motivador.

Agradeço a Leila, pela correção ortográfica e gramatical e, claro, pelo carinho que tem manifestado pela minha pessoa.

Não poderia deixar de agradecer aos professores que compuseram a banca de qualificação, os apontamentos tecidos foram fundamentais para a concretização deste trabalho: Carminha e Oscar.

Também sou muito grata ao meu orientador Arthur pela amizade, incentivo e a imprescindível orientação desde o período da graduação. Obrigada por mais esta conquista!!!

Exprimo meus agradecimentos ao Conselho Nacional de Pesquisa, CnPQ pela concessão da bolsa durante parte do desenvolvimento da pesquisa.

Manifesto o meu agradecimento aos moradores do Macuco por contribuírem com suas experiências de vida, por tornarem o meu estudo expressão da vida, da amizade, dos conflitos que se manifestam em nosso *lugar*.

Destaco meus amigos de Santos que mesmo distante, fizeram parte da torcida para a finalização deste trabalho: Suellen, Léo, Cida e Bruxinha.

Igualmente agradeço aos meus novos familiares, por cada gesto de amor que compartilharam comigo: Seu Manelito, D. Eulina, Dani, Décio e Lílian.

Não agradeço a minha família pela realização deste trabalho, porque na realidade, são tão fundamentais na minha vida que teria que escrever uma tese sobre eles somente para agradecê-los. Vocês são o motor da minha existência, são a luz que guia o meu caminho, são parte elementar da minha alma, o meu pedaço mais precioso está em vocês: minha mãe (meu exemplo de vida, a minha fonte de coragem e amor), ao meu irmão Isael (meu verdadeiro pai), ao meu irmão Luciano (meu companheiro de jornada), aos meus sobrinhos Nathaly, Isabela e Guilherme (luzes da minha vida) e ao meu esposo Matheus, meu pretinho.

Reitero meus agradecimentos ao Matheus por todo auxílio prático que me proporcionou, e ao carinho que permeia o nosso caminho até os dias de hoje, que o amor seja a palavra principal para definir a nossa união.

Se por algum motivo deixei de registrar o nome de algum amigo, peço desculpas, mas reitero que estão presentes no registro da minha vida.

Resumo

A cidade materializada é resultado de um processo contraditório que a (re)define conforme o tempo e os agentes que a modelam. A partir disso, esta dissertação pretende compreender o processo de produção do espaço urbano da cidade de Santos-SP, tendo como recorte empírico o Bairro do Macuco, que se localiza numa área de transição entre a zona portuária e bairros mais próximos a praia. O objetivo da pesquisa é analisar os processos que culminaram nas formas apresentadas em sua paisagem e o modo que estas formas foram sendo apropriadas ao longo do tempo. Partindo do pressuposto de que a produção do espaço urbano é dinâmica e compreende ações de diferentes agentes sociais que o modelam a partir de suas práticas, da realização do cotidiano, almeja-se neste trabalho analisar o espaço também como materialização da reprodução da vida.

Palavras-chave: produção do espaço urbano, paisagem, lugar, formas, cotidiano e apropriação urbana.

Resumen

La ciudad materializada es el resultado de un proceso contradictorio que la (re)define según la modelan el tiempo y los agentes de su producción. En ese sentido, esta tesis pretende comprender el proceso de producción del espacio urbano de Santos, SP, bajo el recorte empírico del Bairro do Macuco, que se ubica en un área de transición entre la zona portuaria y los barrios más cercanos a la playa. El objetivo de la investigación es el de analizar los procesos que han resultado en las formas presentadas en su paisaje, bien como el modo como esas formas han sido apropiadas a lo largo del tiempo. A partir del presupuesto de que la producción del espacio urbano es dinámica y comprende acciones de distintos agentes sociales que lo moldean a partir de sus prácticas, es decir, de la realización del cotidiano, se busca, en este trabajo, analizar el espacio también como materialización de la reproducción de la vida.

Palabras clave: producción del espacio urbano, paisaje, lugar, formas, cotidiano y apropiación urbana.

Lista de Figuras

Figura 1	O Bairro do Macuco no contexto urbano de Santos, SP.....	p.1
Figura 2	Mapa de saneamento dos documentos da Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo.....	p.26
Figura 3	Projeto de canais, ruas e avenidas propostos por Saturnino de Brito em 1910.....	p.27
Figura 4	Expansão urbana de Santos até 1950 – perspectiva espacial do Macuco.....	p.28
Figura 5	Planta da cidade de Santos em 1921.....	p.33
Figura 6	Propaganda de venda de lotes em áreas pertencentes ao Macuco em 1928.....	p.37
Figura 7	Bacia do Macuco.....	p.39
Figura 8	Localização das ÁREAS analisadas.....	p.66
Figura 9	Figura 9– Comentários sobre a Corrida do “Sonrisol”.....	p.121

Lista de Fotografias

Foto 1	A Bacia do Macuco na atualidade.....	p.40
Foto 2	Casas geminadas I.....	p.42
Foto 3	Casas Geminadas II.....	p.42
Foto 4	Casas geminadas III.....	p.43
Foto 5	Chalés do Macuco I.....	p.45
Foto 6	Chalés do Macuco II.....	p.46
Foto 7	Chalés do Macuco III.....	p.46
Foto 8	Chalés do Macuco IV.....	p.47
Foto 9	Moradias das elites no início do século XX no Macuco.....	p.48
Foto 10	Moradias das elites II.....	p.48
Foto 11	Atividades portuárias no Macuco I.....	p.54
Foto 12	Atividades portuárias no Macuco II.....	p.54
Foto 13	Atividades portuárias no Macuco III.....	p.55
Foto 14	ÁREA 1: As atividades portuárias.....	p.66
Foto 15	ÁREA 1: As atividades portuárias e os demais usos do lugar.....	p.66
Foto 16	ÁREA 1: As moradias geminadas.....	p.67
Foto 17	ÁREA 2: Limite do Macuco com um bairro mais enobrecido, o Embaré.....	p.69
Foto 18	ÁREA 2: Fachadas antigas, porém mais enobrecidas.....	p.70
Foto 19	ÁREA 2: As atividades portuárias adentrando o espaço de moradia.....	p.70
Foto 20	ÁREA 3: Novas moradias sobrepostas.....	p.71
Foto 21	ÁREA 3: Moradias construídas sobre os lotes de antigos chalés.....	p.72
Foto 22	ÁREA 3: O porto e o Macuco.....	p.72
Foto 23	ÁREA 3: Formas antigas.....	p.73
Foto 24	ÁREA 3: Novas tendências do Macuco – moradias sobrepostas.....	p.73

Foto 25	ÁREA 4: Atividades portuárias e a Bacia do Macuco.....	p.79
Foto 26	ÁREA 4: Instalação recente de infra-estrutura no Bairro.....	p.80
Foto 27	ÁREA 4: “Casas populares - residências antigas e reformadas.....	p.80
Foto 28	Festa do Dia das Crianças no Macuco I.....	p.119
Foto 29	Festa do Dia das Crianças II.....	p.119
Foto 30	Festa do Dia das Crianças III.....	p.120
Foto 31	Trabalhadores portuários praticando o lazer em frente a um bar da ÁREA 1.....	p.130

Lista de Gráficos

Gráfico 1	Padrão sócio-econômico dos moradores do Macuco.....	p.83
Gráfico 2	A renda conforme as áreas analisadas.....	p.84
Gráfico 3	Trabalho dos entrevistados freqüentadores-moradores do Macuco.....	p.86
Gráfico 4	Situação das moradias dos entrevistados moradores-freqüentadores do Bairro do Macuco.....	p.94

Lista de Quadros

Quadro 1	Procedimentos executados no SPSS.....	p.16
Quadro 2	Áreas delimitadas para a análise do Macuco.....	p.64

Lista de Tabelas

Tabela 1	Fatores que nortearam a ocupação do Macuco.....	p.88
Tabela 2	Problemas do Macuco.....	p.90
Tabela 3	Qualidades do Macuco apontados pelos seus moradores-freqüentadores.....	p.93
Tabela 4	O tempo de moradia dos moradores-freqüentadores do Macuco..	p.98
Tabela 5	Questão: Você deseja se mudar para outro lugar dentro ou fora da cidade? Por quê?.....	p.99
Tabela 6	O que representa o Macuco para moradores e freqüentadores.....	p.129

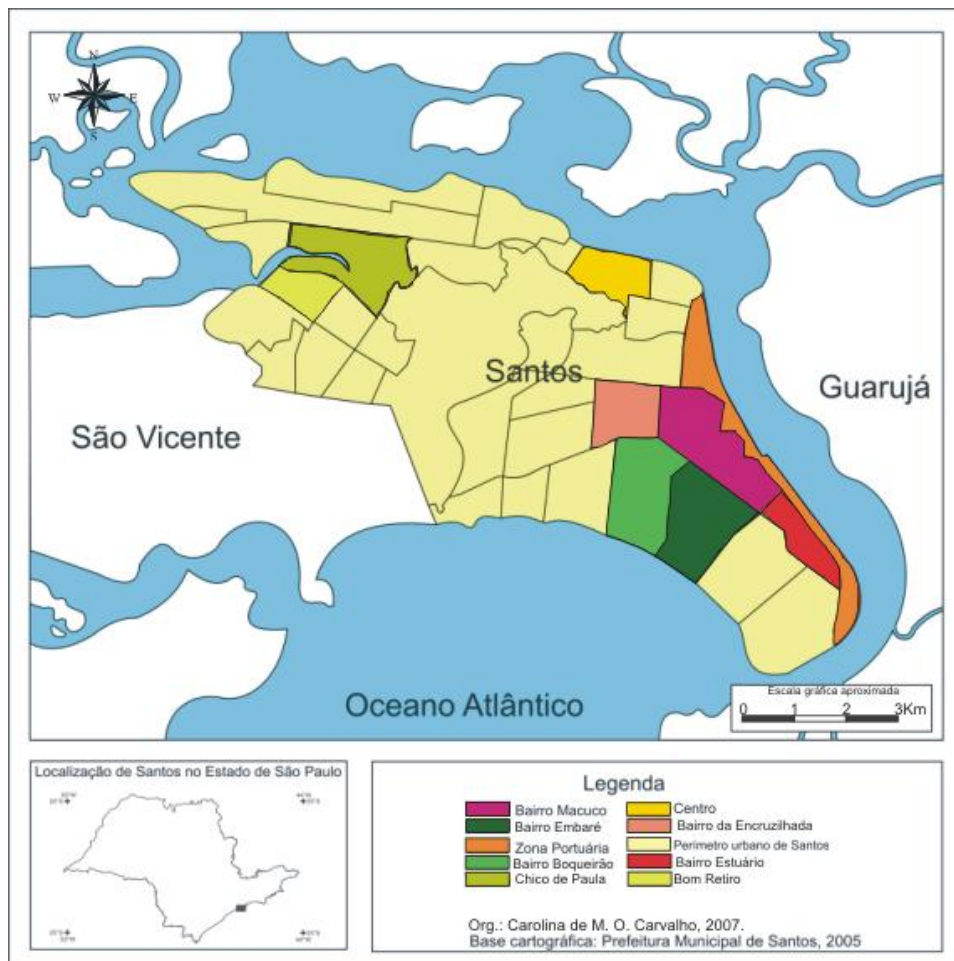
Sumário

1	Introdução.....	p.1
2	Procedimentos metodológicos.....	p.9
3	O loteamento do Bairro do Macuco no contexto da expansão urbana de Santos – SP.....	p.19
3.1	O processo de expansão urbana da cidade de Santos e o loteamento do Bairro do Macuco.....	p.20
3.2	Loteamento e ocupação do Bairro do Macuco.....	p.34
3.3	As transformações recentes do Bairro do Macuco	p.49
4	A leitura da Paisagem do Bairro do Macuco.....	p.59
4.1	A descrição da paisagem do Macuco.....	p.64
4.2	Os conteúdos do Bairro do Macuco.....	p.81
4.3	Por detrás das formas do Macuco.....	p.81
5	O espaço vivido no Bairro do Macuco.....	p.102
5.1	Macuco: lugar de heterogeneidades.....	p.114
5.2	Macuco: lugar de múltiplas territorialidades.....	p.124
6	Considerações Finais.....	p.132
7	Referências	p.136
	Anexos.....	p.143
	Anexo 1 – Questionário.....	p.144
	Anexo 2 – Entrevista.....	p.146
	Anexo 3 – Enquete.....	p.148

1 Introdução

O presente trabalho propõe uma discussão sobre a paisagem do Bairro do Macuco, localizado em Santos-SP. No contexto espacial da cidade, este Bairro situa-se entre a zona portuária e os bairros limítrofes com a praia (ver Figura 1, abaixo).

Figura 1 - O Bairro do Macuco no contexto urbano de Santos



Esta discussão pretende evidenciar os significados das formas de moradias que compõem a área de pesquisa. As formas de moradias do Macuco materializam o processo de produção do espaço urbano da cidade. A princípio, a paisagem do Bairro demonstra a coexistência de tempos distintos, os quais refletem parte da dinâmica que consubstanciou a produção da cidade de Santos.

A principal inquietação que norteou este trabalho advém da paisagem do Macuco. Nessa paisagem, em que coexistem tempos distintos, observa-se que o velho é marcado pelas formas residenciais antigas, e o novo é matizado pela modernidade de determinadas formas de moradia. Não obstante, na mesma paisagem verifica-se a reprodução de funções diferentes no mesmo espaço, como as funções portuárias, comerciais e residenciais, delineando o cotidiano do Bairro.

As transformações ocorridas ao longo do tempo na cidade de Santos, mediadas por processos econômicos de âmbito nacional — como a produção voltada para a atividade de monocultura para a exportação —, nortearam as ações voltadas para a expansão urbana da cidade.

O uso do espaço dimensionado pelo tempo evidencia a dialética que envolve a apropriação urbana. Apropriação do espaço confere-lhe significados distintos em virtude de a reprodução nele realizada se manifesta por meio de sujeitos sociais diferenciados entre si cultural, ética e economicamente.

A proximidade espacial e simbólica de indivíduos distintos entre si figurou como um dos principais questionamentos inseridos neste trabalho: O que representa o Macuco para sujeitos sociais tão distintos entre si, seja do ponto de vista econômico, seja do ponto de vista cultural? O que o Bairro oferece para que estes sujeitos sociais permaneçam no lugar?

Partimos de três elementos para a análise do Macuco, quais sejam: a paisagem, o lugar e o espaço. A paisagem do Bairro norteou o início dos questionamentos da pesquisa, pois nela se observam diferentes formas residenciais (moradias geminadas, moradias assobradadas, cortiços, chalés, edifícios altos e baixos); diferentes funções (função portuária, comercial e residencial); diferentes usos do espaço (festas, brincadeiras infantis, conversas, passeios, trânsito, estacionamento de caminhões).

Nesse sentido, vimos no conceito de paisagem a possibilidade de entender aquilo que a nossa visão, a princípio, apreendia. Todavia, a aparência captada pela observação não vislumbrava a dinâmica que envolve a produção da paisagem analisada.

A paisagem, *a priori*, é entendida neste trabalho como um conceito capaz de assimilar a materialização de processos econômicos, sociais e políticos implícitos nas formas do Bairro.

Nesse sentido, a paisagem do Bairro entremeada de formas antigas e recentes suscitou a discussão inicial sobre o processo de produção desse espaço da cidade: quais foram os processos que materializaram essas formas? Quem são os sujeitos sociais que se apropriam desses espaços? Como esses sujeitos sociais se reproduzem socialmente nesse lugar?

A paisagem seria o início de uma discussão que partiria das formas para entender os conteúdos do lugar. Milton Santos (1985) amplia nossas discussões

[...] “As formas ou artefatos de uma paisagem são o resultado de processos passados ocorridos na estrutura subjacente. Todavia, divorciada da estrutura, a forma conduzirá a uma falsa análise: com efeito, formas semelhantes resultaram de situações passadas e presentes extremamente diversas” (SANTOS, 1985, p.51).

Silva (2007, p.205) após escrever um artigo bastante relevante acerca da paisagem, desenvolveu uma analogia a partir da interpretação da obra de Santos (1988) sobre o referido conceito: “[...] a metáfora de que uma paisagem é uma escrita sobre a outra, ou que a paisagem é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos e diferentes momentos”.

Essa abordagem consiste na ideia elaborada por Santos (1985) para a compreensão da relação entre espaço e tempo no movimento e na permanência que podem ser verificados na paisagem. Nesse sentido, observa que:

A paisagem é o resultado cumulativo desses tempos (e do uso de novas técnicas). No entanto, essa acumulação a que chamamos paisagem decorre de adaptações (imposições) verificadas nos níveis regional e local, não só a diferentes velocidades como também em diferentes direções (SANTOS, 1985, p.50-51)

Compreendendo a contribuição dos autores acima citados, esta pesquisa parte do pressuposto de que devemos recorrer a outros conceitos e categorias que corroborem para a leitura da área de pesquisa além do conceito de paisagem. Assim, não priorizamos realizar uma análise apenas descritiva, o que não ensejaria sequer o uso metodológico do conceito de paisagem. No entanto, não podemos negar a descrição como um procedimento metodológico válido e necessário, pois nosso intento é sinalizar para as transformações que ocorrem no espaço por meio do estudo da materialização da paisagem.

A partir disso, o estudo do Bairro do Macuco pretende evidenciar o processo econômico, social e político para compreender as formas e funções do espaço. Assim, recorreremos ao passado, sob a égide de um capitalismo mercantil, para compreender seus desdobramentos materializados na cidade de Santos, e, em especial, no Bairro do Macuco. Percebemos, todavia, que somente a dimensão econômica não se mostrava capaz de atingir a totalidade da lógica de produção desse espaço; priorizou-se, então, investigar a ação dos agentes urbanos envolvidos em todo o processo.

Preliminarmente, o que se pode perceber nas formas da paisagem do Macuco é a expressão de uma multiplicidade em torno da reprodução da atividade de morar. Essa multiplicidade é evidenciada nas formas de moradias expressas em cada área do Bairro: veem-se moradias de padrão elevado e moradias de padrão popular, tais como as moradias geminadas, os antigos chalés de madeira que representam um passado remoto e, ainda, moradias deterioradas destinadas ao uso coletivo, como os antigos casarões utilizados como cortiços.

A ideia de que a paisagem é o resultado materializado de uma transformação econômica, política e social não elimina o entendimento da dinâmica da sociedade, tanto que Milton Santos (2004, p.54) já assinalava que a paisagem, assim como o espaço, se modifica para atender às necessidades da sociedade.

A existência de padrões diferenciados de moradias no Bairro é decorrente das transformações da cidade de Santos motivadas pela dimensão econômica, bem como pela social. Desse modo, as formas residenciais resguardam parte do processo de produção do espaço da cidade, que, a princípio, foram identificadas a partir da paisagem.

Numa analogia, seria como se a paisagem do Macuco fosse uma colcha de retalhos, com tecidos de texturas e cores diferenciadas, que poderiam ser relacionados às formas e que, apesar das diferenças existentes em cada retalho, formassem uma única colcha com as funções de moradia, de trabalho, de lazer, enfim, a reprodução cotidiana e, nesse sentido, os retalhos singularizados proporcionam a unicidade do lugar, dada às diferenças entre os sujeitos que dele podem se apropriar.

A atuação do poder público durante as intervenções urbanísticas na cidade foi investigada ao longo do tempo, assim como os agentes sociais envolvidos no processo de ocupação do Bairro; entre eles, a classe operária, composta basicamente por estivadores, doqueiros, ensacadores; a classe média, composta por pequenos comerciantes, profissionais liberais, servidores públicos; e uma classe de poder

aquisitivo mais elevado, reconhecida como os homens de negócios, os comissários e exportadores do café, conforme Seabra evidenciou (1979 p.17).

São as diferenças existentes entre os moradores do Macuco, tais como: os rendimentos, a origem, a situação das moradias (próprias, alugadas ou cedidas), as formas de trabalho remunerado, assim como as semelhanças existentes na reprodução cotidiana, que emergem como elementos singulares no estudo da apropriação do lugar.

Gonçalves (1988) apresenta uma discussão sobre a importância da homogeneidade, isto é, aquilo que torna as heterogeneidades um traço comum no espaço. As heterogeneidades do Macuco, motivadas pela paisagem e pelos seus conteúdos, também podem se constituir como homogeneidade a partir dos usos do lugar.

Entendemos a homogeneidade como a possibilidade de o espaço se constituir como propulsor da transformação social e coletiva. A aproximação espacial e afetiva entre os sujeitos sociais do Bairro pode contribuir para a construção de identidades comuns. A reivindicação por melhorias de infraestrutura no local, por exemplo, pode partir dos anseios de sujeitos sociais distintos, mas que, em determinadas situações, podem unir-se em torno de ideais e de objetivos comuns.

Nesse caso, o Macuco se enquadraria como um Bairro composto por heterogeneidades, dada a diversidade de usos e de ocupação do local, bem como as diferenças socioculturais dos sujeitos sociais que ali vivem; todavia, em algumas situações, os moradores também se identificam como sujeitos de uma coletividade, principalmente no que se refere às reivindicações, à identificação dos símbolos do lugar e a certos usos desse espaço.

A escala do Bairro foi escolhida como recorte analítico desta pesquisa. Na realidade, o ordenamento público no cadastramento municipal divide a cidade em bairros; contudo, quando analisamos o Bairro neste trabalho, nos acercamos de um lugar reconhecido pela representação do espaço vivido.

Vale destacar que o Macuco se constituiu no passado, finais do século XIX, como um loteamento — como ocorrera no parcelamento do solo efetuado pelo poder público na expansão da cidade —, porém, a reprodução da vida e a apropriação realizada pelos moradores o dotaram de significados que extravasaram a delimitação político-administrativa, concebendo-o como Bairro dimensionado pela expressão da vida.

Serpa (2007) contribui para a qualificação do Bairro como expressão do espaço vivido

[...] “ Os bairros expressam e condicionam as redes de relações sociais, de vizinhança, de parentesco, de amizade e também de redes de associativistas (igrejas, terreiros de candomblé, clubes esportivos, associações de moradores, clube de mães, etc)” (SERPA, 2007, p.12).

Desse modo, o cotidiano, reconhecido como dimensão prática do espaço vivido, torna-se, neste trabalho, o elemento por meio do qual se faz possível captar as heterogeneidades do Macuco. Por intermédio do cotidiano, ou seja, por intermédio do modo como o indivíduo particulariza o meio em que vive, torna-se possível o entendimento da apropriação urbana.

[...] la substancia del hombre, la matéria humana, lo eu lê permite vivir residuo y totalidad a um tiempo, sus deseos sus capacidades sus posibilidades, sus relaciones esenciales com los bienes y los otros humanos, sus ritmos, a través de los cuales les es posible pasar de una actividade delimitada a outra totalmente distinta, su tiempo y su espacio o sus espacios, sus conflictos... (LEFEBVRE, 1970, p.88).

As reflexões propostas por Lefebvre (1970) auxiliam a compreensão do cotidiano. A apropriação realizada pelos sujeitos sociais particulariza o lugar, assegurando uma imbricação entre o espaço e a história pessoal de vida.

Nesse sentido, a noção de cotidiano permite captar a expressão do lugar. Sendo o lugar a aproximação de mundos distintos por meio das experiências pessoais, ditadas pelo ritmo de vida e pela experiência cultural de cada sujeito social, acredita-se que o lugar se configure como o elo entre a vida e o espaço geográfico.

GIL FILHO (2003), ao desenvolver um estudo sobre o espaço de representação, fez emergir a importância de se estudar o espaço enquanto *locus* da vida, do movimento social, reproduzido por sujeitos que se apropriam de um determinado espaço e no qual também expressam suas ações.

A leitura de Souza (1989) sobre o bairro corrobora o nosso interesse em relação ao Macuco:

“Pertence àquela categoria de “pedaços da realidade social” que possuem uma identidade mais ou menos inconfundível para todo um coletivo; o bairro possui uma identidade intersubjetiva aceita pelos seus moradores e pelos moradores de outros bairros ainda que com variações (Souza, 1989, p.149)”.

A escala do Bairro permitirá apreender as ações dos sujeitos sociais desse espaço através de seu cotidiano. Essa mesma escala possibilitará que se reconheça a identidade que o singulariza, ponto de partida para que se apreenda a dialética expressa nas formas e na paisagem do Macuco.

Gonçalves (1988) assinalou que a escala do Bairro capta a expressão do vivido na cidade. Em sua análise, vê-se que no bairro há heterogeneidades e homogeneidades. A primeira, parte das diferenças existentes entre os sujeitos sociais do lugar; a segunda é construída através da identidade comum como traço elementar de sujeitos distintos, ou seja, o que é heterogêneo num determinado lugar pode se tornar homogêneo.

Dessa forma, os significados do morar podem ser apreendidos dos significados que os sujeitos sociais possuem a partir do espaço em que vivem, das construções simbólicas que extraem desse lugar.

Gonçalves (1988, p.18) realizou um estudo sobre os Bairros do Porto, Ribeira e Barredo¹, e destacou a localização desses sítios nas proximidades das margens do Rio Douro. Para o autor, essa localização influenciou a relação de proximidade entre as funções de moradias junto às atividades portuárias.

Diante de uma comparação entre os espaços analisados por Gonçalves e o Macuco, nota-se que a presença de atividades portuárias junto às atividades de moradia proporcionou um sentido específico para o morar.

“Neste espaço social da cidade, território de um grupo, cujos limites reais e vividos foram se estruturando ao longo do desenvolvimento urbano da cidade, criou-se um modo de vida muito próprio, com características sociais e culturais específicas, devidas à coexistência do espaço funcional, da relação residencial, da atividade econômica e da criatividade lúdica (1988, p.18)”.

Gonçalves (1988, p. 27), em virtude de suas análises, concebeu o bairro como dimensão do espaço social; o autor expõe que entre os urbanistas e sociólogos há um consenso em apontar a heterogeneidade do bairro como a

¹ É válido ressaltar que a comparação entre o Bairro do Macuco e os Bairros de Ribeira e Barredo na cidade de Porto, se constitui como uma possibilidade de compreender a configuração espacial em áreas que possuem a coexistência de funções distintas. O autor adverte que apesar da forte presença da função econômica expressa pela atividade portuária, a reprodução da vida é muito intensa nestes lugares, apontando o cotidiano como traço singular destes Bairros.

possibilidade de enriquecimento da vida, apesar de mencionar que geralmente acontece o inverso disso.

Nesta perspectiva, esta dissertação propõe a análise do Macuco enquanto possibilidade de compreender o espaço vivido perante uma paisagem residual e dinâmica, pois ao mesmo tempo em que mantém formas do passado, estas são dinamizadas por novos usos e funções, que possibilitam uma leitura da paisagem mediada pelo tempo, bem como do cotidiano que envolve a sua apropriação.

Esta pesquisa foi estruturada em três etapas de análise. A primeira procurou realizar uma análise espaço-temporal dos processos econômicos, políticos e sociais que matizaram a configuração territorial da nossa área de pesquisa.

A análise proposta visou articular a dimensão local do Bairro do Macuco às escalas que pudessem abarcar o processo que contribuiu para a materialização de suas formas. Para tanto, fizemos um resgate histórico do processo de loteamento do Bairro no contexto da cidade de Santos, a partir de interações econômicas, políticas e sociais, analisadas numa perspectiva espaço-temporal.

A segunda etapa principiou uma análise da paisagem do Bairro. Essa abordagem buscou aclarar as formas distintas do Bairro e os conteúdos que as dinamizam, isto é, entendê-las através do movimento social que advém da reprodução da vida nesse espaço da cidade.

O trabalho se encerra na terceira parte da pesquisa, com a análise dos discursos dos moradores mais antigos do Bairro para compreender o conceito de lugar, como esfera capaz de captar a dimensão vivida e simbólica atinente à área de estudo.

2 Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos são apresentados no transcorrer da pesquisa a fim de que se registre a trajetória que possibilita a interlocução entre o recorte empírico e a fundamentação teórica. Trata-se de reconhecê-los como o caminho trilhado na pesquisa para dar conta dos questionamentos propostos inicialmente.

Dessa forma, nessa etapa da dissertação discorreremos sobre a metodologia utilizada na apreensão dos elementos que estimularam o entendimento da paisagem do Bairro, tanto no que se refere às formas quanto à apropriação que se realizava no lugar.

O trabalho de campo foi o primeiro recurso empírico utilizado nesta pesquisa. Nessa etapa de trabalho, observaram-se as formas apresentadas pelo Bairro, dentre elas as edificações que expressavam padrões socioeconômicos singulares em determinadas localidades da área de pesquisa.

Por considerar o Bairro do Macuco como um lugar que resguarda singularidades entre o velho e o novo, entre formas distintas marcadas pelo tempo, pelo uso, pelo sentido singular atribuído a essa porção do espaço pelos moradores, empreendemos como processo metodológico a seleção de ÁREAS singulares do mesmo Bairro.

No decorrer do trabalho, percebemos que as pesquisas de campo teriam de abranger as singularidades do recorte analítico, de tal modo que se compreendessem os conteúdos expressos nos símbolos do urbano e, ainda, deveriam agregar elementos para se investigar como cada local do Bairro era apreendido pelos seus moradores, que, a princípio, mostravam-se tão distintos entre si.

Seria como entender as diferenças presentes na “colcha de retalhos”, a lógica que favoreceu a diferenciação entre cada retalho, a ordem estabelecida pela diversidade e, ao mesmo tempo, a homogeneidade que particulariza os retalhos como elementos de uma mesma colcha, nesta analogia, o Macuco.

Ao iniciarmos os trabalhos de campo foi necessário criar uma mensagem para os sujeitos sociais abordados, com uma explicação sobre os objetivos do trabalho, sem, contudo, promover direcionamentos para as respostas. Essa

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

apresentação tinha de sensibilizar o entrevistado para que este fornecesse informações sobre o seu cotidiano sem sentir-se invadido ou ameaçado.

Esse procedimento está apresentado abaixo, em um modelo que reproduz as entrevistas feitas. Por sua construção, compreendemos tratar-se de entrevistas semiestruturadas.

Entrevista (MODELO)

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - FCT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

1. Há quanto tempo vive no Macuco? (Idade _____) Local de origem:
2. Profissão dos moradores (marido e mulher, ou chefe da família).
3. O que representa o Macuco para você?
4. Por que escolheu o Macuco para morar?
5. O que faz você permanecer no Bairro?
6. O que você mudaria no Bairro?
7. O que havia no passado que você resgataria para o presente? (questão para moradores com mais de 5 anos de moradia)
8. Como era a sua vida no Bairro há 15 anos ou mais anos atrás? (Questão para moradores bem antigos do Bairro, de 15 anos ou mais)
9. Você tem contato com a vizinhança? E como é a sua relação com eles?
10. Você conhece algum vizinho que já morou aqui e mudou-se? Quais são as impressões do Bairro que ele tem?
11. Se houvesse possibilidade de escolher outra área para viver, você escolheria onde? Por que?
12. Quais são as suas atividades cotidianas no Bairro?
13. Como você se locomove até elas? () a pé () transporte coletivo () condução própria () outros
14. Que tipo de lazer que você pratica no Bairro? Fora dele?
15. E como você se locomove até elas? () a pé () transporte coletivo () condução própria () outros
16. O que falta no Bairro do Macuco?
17. O que você considera positivo no Bairro?
18. Quando pensa na palavra Macuco, o que lhe vem a mente? Por que?
19. Qual o símbolo do Macuco para você?
20. Qual a sua faixa de renda? (Entrevistado) () até 1 min. () 3 a 5 min () mais de 10 min. () 1 a 3 min. () 5 a 10 min.
21. Qual a faixa de renda familiar? () até 1 min. () 3 a 5 min () mais de 10 min. () 1 a 3 min. () 5 a 10 min.
22. Quantas pessoas vivem em sua casa?

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

As entrevistas, que serão objeto de análise do capítulo XX, foram utilizadas com os objetivos abaixo descritos.

Com o objetivo de coletar informações sobre a representação do cotidiano para os moradores do Bairro, assim como para os seus frequentadores, foram aplicados questionários, cujo modelo está abaixo representado.

Questionário (MODELO)

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - FCT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

- 1 Qual local de origem
- 2 O que representa o Macuco para o Sr. (a)? (idade_____).
- 3 Quais são os limites do Bairro do Macuco?
- 3.1 O Sr. (a) trabalha? Onde? (local)
- 3.2 O Sr. Estuda? Onde (local)
- 4 Desloca-se principalmente: () a pé () transporte coletivo () condução própria () outros_____
- 5 Em que Bairro reside?
- 6 Casa própria() alugada () cedida () outros ()
- 7 Com que frequência se desloca para o centro da cidade? Quais são as atividades principais que executa neste local?
- 8 O que mais lhe despertou interesse quando escolheu o Bairro do Macuco para morar?
- 9 Há quanto tempo vive no Bairro?
- 10 Se você tivesse a possibilidade de morar em outro lugar da cidade ou em outra cidade, você se mudaria? Por que?
- 11 Quais são os maiores problemas que você enfrenta no Bairro?
- 12 Quais são as maiores qualidades do Bairro na sua opinião?
- 13 Onde efetua suas compras mensais?
- 14 Onde faz as suas compras cotidianas (padaria, farmácia, açougue) ?
- 15 Onde você procura atendimento médico hospitalar?
- 16 Que tipo de lazer você pratica?
- 17 Onde você pratica atividade de lazer?
- 18 Como você se desloca para este lazer?
- 19 Qual a sua faixa de renda? () até 1 min. () 3 a 5 min () mais de 10 min. () 1 a 3 min. () 5 a 10 min.

No Bairro, observamos que em áreas mais próximas ao porto havia uma paisagem mais deteriorada, com pavimentação mais antiga e iluminação mais escura (amarelada). Ainda, foi possível observar constantes transformações no Bairro, como o exemplo das áreas voltadas para bairros mais nobres da cidade (Embaré e o

Boqueirão), onde ocorre de maneira mais intensa a demolição de chalés para a construção de moradias sobrepostas².

Diante desse desafio, pensamos em retirar amostras de questionários por métodos básicos de estatística, isto é, por amostragem de acordo com a quantidade de moradores do local; mas devido aos contrastes na paisagem do Bairro, optamos por definir locais considerados representativos para se captar essas singularidades.

Assim, dividimos o Bairro do Macuco em quatro áreas de análises (Ver figura 8 na página 66). Em cada área foram aplicados 25 questionários para os residentes no Bairro. E, em geral, aplicava-se um questionário a cada onze residências.

Essa metodologia só divergia em algumas situações específicas das áreas separadas metodologicamente. Por exemplo: na ÁREA 1, a intensidade de atividades portuárias, como os armazéns, impedia que fosse mantida a metodologia; em decorrência disso, além de pular a referida edificação, surgia a necessidade de trocar de quadra.

Na ÁREA 4 também foi realizada a alteração da metodologia em alguns locais. Por exemplo, nas casas populares a proximidade entre uma casa e outra é muito acentuada, devido ao pequeno tamanho dos lotes e às quadras relativamente curtas. Assim, foi necessário contornar o quarteirão mantendo a mesma estratégia de pular onze moradias.

Também foram aplicados questionários aos transeuntes do Bairro, classificados na pesquisa como *frequentadores* do local. Em cada ÁREA analisada, foram aplicados 25 questionários a esse segmento social.

A estratégia de abordagem para esse segmento foi diversificada, tendo em vista que, ao estar na rua, o sujeito poderia estar de passagem e, geralmente, com pressa. Comumente, os entrevistados-frequentadores estavam em estabelecimentos comerciais, como bares, restaurantes, praças e em pontos de ônibus.

Os questionários aplicados são o suporte para as discussões presentes no capítulo 4 desta dissertação.

As enquetes foram aplicadas aos moradores do Macuco que vivem nos limites com os bairros vizinhos (Encruzilhada e Estuário). Essa estratégia metodológica consistiu na investigação da identificação simbólica e/ou espacial junto ao Bairro (ver modelo de enquête a seguir).

² Esta discussão está presente na parte 3 da dissertação: “O loteamento do Bairro do Macuco no contexto da expansão urbana de Santos – SP”.

Enquete (MODELO)

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - FCT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

1 – Como se chama a área em que o Sr^o.(a) reside?

2 – O Sr^o. Desenvolve alguma atividade no Macuco (lazer, compras, atendimento médico...)?

3 – O Sr^o se sente pertencente ao Bairro do Macuco? Por quê?

Esse questionamento foi proposto em virtude da confusão expressa pelos próprios moradores do Bairro quanto a sua delimitação, motivada por alterações realizadas pelo poder público no ordenamento territorial dos limites dos loteamentos da cidade. Na década de 60 do século XX, o poder público redefiniu algumas áreas do Macuco dividindo-as com os bairros vizinhos.

Durante a aplicação dos questionários-testes (foram aplicados 5 questionários em cada área, em abril de 2007) surgiram inquietações quanto ao sentimento de pertencimento desses indivíduos. Portanto, resolvemos investigar se os moradores dessas áreas se sentiam pertencentes simbolicamente, ou espacialmente, ao Macuco.

A investigação sobre o pertencimento simbólico se deve ao fato de os limites do Macuco terem sido alterados no ano de 1968. Em decorrência disso, algumas áreas que pertenciam aos limites do Bairro foram incorporadas a outros bairros, como o Estuário e a Encruzilhada.

Posteriormente, no ano de 1998, ocorreu uma nova redefinição dos limites dos bairros, e parte das áreas que pertenceram ao Macuco antes de 1968 foram incorporadas a ele novamente.

O sentido simbólico está relacionado ao sentimento de pertencimento. Esse sentimento, por sua vez, está atrelado aos indivíduos sociais que vivem em limites que não compõem espacialmente a área de pesquisa, porém se sentem parte do Bairro. No sentido espacial, referimo-nos às áreas que na atualidade estão compreendidas no Macuco, mas seus moradores ainda as concebem como localidades pertencentes a outros bairros.

Assim, em cada limite, Macuco-Encruzilhada e Macuco-Estuário, aplicamos 25 enquetes, somando 50 enquetes. Estas foram distribuídas da seguinte maneira: 15 nos Bairros limites (Estuário e Encruzilhada) e 10 em cada limite entre o Macuco e estes bairros, mas dentro da área da nossa área de pesquisa.

Nessa etapa, o trabalho ficou mais dinâmico, pois as questões apresentadas aos entrevistados eram mais pontuais. As respostas demonstravam certa inquietação em entender o sentido da metodologia aplicada. Num certo trecho da Encruzilhada, um entrevistado respondeu que morava na Encruzilhada, porém no registro em cartório de sua casa constava Macuco, bairro ao qual este morador se sentia pertencente por viver em suas imediações há 40 anos.

Esse tipo de resposta se manifestou em outros limites junto ao Bairro, como por exemplo, entre o Macuco e o Estuário. Outras respostas demonstravam confusão por parte dos entrevistados. A grande maioria respondia que não desenvolvia nenhuma atividade no Macuco, porém sentia-se pertencente a ele devido ao tempo em que vivia no local.

Os questionários, as entrevistas e as enquetes foram aplicados nos meses de julho e agosto de 2007.

Apesar da pertinência da análise sobre o pertencimento simbólico e territorial, no decorrer do trabalho encontramos certas limitações quanto à abordagem definida para a realização do nosso estudo. Inicialmente, propomo-nos a analisar esses resultados combinando-os ao conceito de centralidade urbana; porém, essa associação não se demonstrou pertinente, o que nos levou a optar por transpor esses conhecimentos no estudo sobre a apropriação realizada no lugar.

Sendo assim, o desenvolvimento de nossa análise, que se pautou na utilização dos dados oriundos das enquetes cujas abordagens exprimiam o sentimento de pertencimento ao lugar, está presente no capítulo 5 e 6.

Numa comparação superficial das áreas analisadas, é perceptível a incidência de moradores que foram abordados como frequentadores, isto é, estes sujeitos sociais foram abordados do lado externo de suas residências e estavam presentes em determinados locais do Bairro.

Em algumas situações os frequentadores não estavam desempenhando atividades trabalhistas durante a abordagem, mas encontravam-se nos bares localizados nas áreas limítrofes com o porto, como se fosse um ponto de encontro entre pessoas que possuem alguma identificação com o lugar; neste caso, a identificação com a área portuária como local comum aos estivadores, por exemplo.

Demonstrou-se como fator de convergência entre as ÁREAS analisadas o retorno ao passado por meio da memória dos sujeitos sociais. Entre os entrevistados mais velhos de idade, era comum a mistura de suas experiências pessoais

com as histórias do Bairro, comentando, por exemplo, o quanto um filho (já falecido) era querido pela vizinhança.

Os depoimentos oriundos das entrevistas realizadas junto aos moradores mais antigos do Bairro proporcionaram profícuas contribuições para a realização da pesquisa. Foram esses depoimentos que possibilitaram a aproximação de mundos tão distintos entre si: entre aquele que quer saber e construir um conhecimento científico e aquele que domina a sua história de vida.

Os depoimentos forneceram subsídios para a reconstrução histórica do loteamento e expansão do Macuco por meio das experiências vividas. Essa aproximação proporcionou imensurável riqueza ao trabalho, pois somente aqueles que vivem o cotidiano do lugar podem exprimir detalhes sobre suas vidas nessa porção do espaço, com tamanha naturalidade e sensibilidade.

Os dados obtidos por meio do trabalho de campo (questionários, entrevistas e enquetes) foram tratados num programa de estatística voltado para as ciências humanas denominado SPSS. Em que pese tratar-se de procedimento estatístico, sua utilização para se trabalhar com entrevistas é perfeitamente adequada, como resumimos no Quadro 1, a seguir.

O longo trabalho dispensado na utilização desse programa (de outubro de 2007 a fevereiro de 2008) para a tabulação dos dados da pesquisa se deve ao fato de a tabulação ter sido realizada conjuntamente ao aprendizado da técnica, ou seja, ao mesmo tempo em que se aprendia, aplicava-se a técnica na amostragem do trabalho de campo³. Abaixo seguirá uma tabela com as etapas aplicadas neste trabalho.

Durante a aplicação dos questionários, entrevistas e enquetes as relações interpessoais se aprofundavam, pois os moradores tinham a possibilidade de contar sobre suas histórias de vida que, muitas vezes, se confundiam com a própria história do Bairro. Muitos moradores contavam histórias do período de loteamento, fato que estimulou o interesse em pesquisar esse processo nos documentos oficiais da cidade.

³ A tabulação dos dados no Programa SPSS foi realizada conjuntamente com a aluna Karina Sacardo de Sousa do curso de Pedagogia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp. A aluna desempenha junto ao Departamento de Educação uma análise qualitativa da educação do estado de São Paulo.

Quadro 1 – Procedimentos executados no SPSS

Recurso do SPSS	Procedimentos executados no desenvolvimento do tabulamento dos dados desta pesquisa
Define variable	Em cada um dos dados criam-se diversas variáveis conforme aparecem no material pesquisado, por exemplo, local de moradia do pesquisado: 0 - morador do Macuco; 1 - morador de bairros limítrofes ao Macuco; 2 - Moradores de outras cidades....Esta etapa informa ao programa os dados a serem quantificados.
Para a definição de dados qualitativos em variáveis	É o mesmo procedimento da elaboração de variáveis para as questões pontuais, porém, é necessário que oriente as variáveis de acordo com o objetivo do questionamento, por exemplo, problemas relacionados ao Bairro do Macuco: 0 – respostas relacionadas as atividades portuárias – dentre estas respostas haviam aquelas que se referiam ao tráfego de caminhões; a presença de armazéns; ao cheiro difundido pelo transporte de cereais no porto; as linhas de trem...Nesta etapa, o pesquisador deve criar generalidades, sem perder o foco do direcionamento da questão apresentada em campo.
Para a elaboração de tabelas: Analyze – Descriptive Statistics, frequencies.	Esta etapa define os percentuais de amostragens e as quantidades de respostas equivalentes a cada uma das variáveis.
Cruzamento de dados: Análise – descripts estatistics – crosstabs: row (dados da linha) e colum (coluna).	Esta etapa elabora cruzamento de dados conforme os questionamentos propostos na pesquisa, por exemplo, investigar os percentuais de moradores de Macuco que são trabalhadores portuários.

Diante dessa perspectiva, buscamos na Procuradoria Geral do Município de Santos encontrar registros sobre o processo de loteamento do Macuco. A estratégia adotada foi investigar as leis que aclaravam as histórias relatadas pelos moradores mais antigos do Bairro.

Durante o mês de julho, agosto e dezembro de 2007 foram empreendidas pesquisas no Acervo da Procuradoria Geral do Município de Santos. Essa etapa visou à pesquisa nos documentos oficiais da cidade sobre o processo de expansão urbana, especialmente no que dizia respeito às ações do poder público sobre o ordenamento territorial para a área de pesquisa.

Em continuidade a essa etapa, investigamos os planos diretores físicos da cidade. Para tanto, foram realizadas incursões na Hemeroteca Municipal de Santos, bem como na Secretaria de Obras do Município. Nesta última, obtivemos os anexos das leis que compunham as definições do espaço urbano da cidade através dos cartogramas que definiam os abairramentos.

A leitura sistemática de leis e planos foi muito importante para o desenvolvimento do capítulo 3 desta dissertação, visto que possibilitou, juntamente com o apoio em outras teses e dissertações, reconstruir a expansão do tecido urbano santista

e verificar a atuação de agentes públicos e privados no processo de estruturação da cidade.

Além disso, utilizamos como fonte de documentação histórica, principalmente relacionada às figuras e às cartas antigas, o *site* Novo Milênio. Esse *site* fornece um amplo acervo sobre a cidade de Santos desde o período da capitania de São Vicente. Ainda, as obras que constam nesse acervo são referenciadas cientificamente, e também estão disponíveis em meio digital, o que favorece o seu manuseio.

A pesquisa no *site* Novo Milênio foi realizada em várias etapas, sendo especificada, em notas de rodapé, a data precisa de cada uma. A pesquisa na Hemeroteca Municipal de Santos foi realizada em junho de 2008. Esta pesquisa se pautou na fundamentação das leis de ordenamento territorial, tendo em vista que estas discussões estavam presentes nas bibliografias consultadas, bem como nos ideários dos moradores do Bairro.

O registro da expansão urbana de Santos e da constituição do loteamento do Macuco compõem material analítico do capítulo 3.

Foram elaborados dois cartogramas durante o mês de maio de 2008⁴. Esses cartogramas foram tratados a partir do *software* Corel Draw®. Os cartogramas foram baseados em bibliografias específicas⁵ sobre a cidade e também nas incursões realizadas em campo.

As fotografias foram material importante para análise e registro da paisagem do Macuco. Esse material foi produzido durante os meses de julho e agosto de 2007, e em outubro e dezembro de 2008.

Esses registros foram considerados relevantes, pois se tratam da materialização de algumas formas do Bairro, assim como de algumas festividades e outras maneiras de uso do lugar, como as brincadeiras das crianças e o encontro entre jovens. Trata-se da abstração do espaço vivido reproduzido no Bairro.

Dentre as festividades verificadas no recorte analítico destacamos a Festa de São Cosme e Damião, que acontece em diversas residências do Bairro e também em ambientes religiosos de origem afro-brasileira; a festa do Dia das Crianças,

⁴ A elaboração deste material foi realizada com o auxílio de Elias Oliveira Noronha, mestre em Geografia titulado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia de Presidente Prudente.

⁵ Os cartogramas acompanham a fonte da pesquisa.

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

que é organizada pelos moradores do Bairro e se realiza na rua; e os ensaios da Escola de Samba X-9 que se realizam no espaço da escola e na rua em frente a sua sede.

A utilização desses registros fotográficos foi mais intensa no capítulo 4, com a finalidade de registrar as diferentes formas verificadas na paisagem do Macuco; e também no capítulo 6, cujo propósito pautava-se na expressão de elementos que registrassem os usos no/do lugar.

Esperamos, com este capítulo, ter permitido ao leitor reconstruir as etapas de trabalho que culminaram nesta dissertação.

No capítulo seguinte, abordaremos o processo de loteamento do Bairro do Macuco no sentido de aclarar, no modo de produção urbana da cidade de Santos, os elementos que promoveram as multiplicidades das formas desiguais da área de pesquisa, assim como a sua apropriação ao longo do tempo.

|

3 O loteamento do Bairro do Macuco no contexto da expansão urbana de Santos

A convivência entre o velho e o novo na estrutura urbana de Santos resguarda elementos essenciais do seu processo de produção. Este processo abrange conteúdos econômicos, políticos e sociais que transcendem a análise da dinâmica atual; isto é, para compreendê-lo é necessária uma abordagem espaço-temporal para analisar o passado no sentido de compreender a estrutura urbana da atualidade.

O Bairro do Macuco se apresenta nesta pesquisa como importante recorte analítico no entendimento do processo de produção da cidade. Este capítulo tem como princípio compreender a produção urbana do Bairro no que tange aos motivos que nortearam o seu loteamento, bem como ao surgimento das formas distintas que compõem a sua paisagem, acautelando-se em observar quem foram os sujeitos sociais que se apropriaram desse espaço ao longo do tempo.

Para tanto, apreendemos das discussões de Corrêa (1999) o entendimento do espaço urbano como reflexo e condicionante social. Nesse sentido, pretende-se analisar o espaço urbano do Bairro do Macuco como a materialização de processos sociais, econômicos e políticos numa perspectiva espaço-temporal.

Os agentes de produção do espaço urbano (CORRÊA, 1996) são elementos importantes da dialética do espaço, essencialmente no que se refere ao seu movimento temporal, ao seu ir e vir, que vislumbra a compreensão das ideias de Milton Santos (1996) sobre as rugosidades do espaço, que podem prenunciar parte do processo de produção do espaço urbano.

Nesta dissertação, as formas de moradia são apresentadas como elementos materializados do processo de produção da cidade. As formas de moradia foram escolhidas por carregarem consigo a expressão das desigualdades sociais presentes em determinados períodos históricos. Neste sentido, Corrêa (2004) destaca as rendas, a especulação imobiliária e a ação do poder público como elementos propulsores das possíveis desigualdades relacionadas à habitação.

Dentre as formas residenciais analisadas destacam-se as moradias geminadas, os cortiços e os casarões assobradados, ressaltando o processo que configurou a apropriação dessas formas ao longo do tempo.

Os agentes sociais produtores do espaço no Macuco agiram conforme os interesses que os acercavam: por um lado o espaço se configurava como mercadoria; por outro era valorado pelo uso, sobretudo quando se tratava de experiências de vida reproduzidas no lugar.

A análise que compreende este capítulo enseja uma discussão da expansão territorial ao longo do tempo, enfatizando questões econômicas, políticas e sociais, caracterizadas pelas formas de resistência utilizadas por sujeitos sociais presentes no Bairro através da luta para permanência no lugar.

3.1 - O processo de expansão urbana da cidade de Santos e o loteamento do Bairro do Macuco

A compreensão do processo de produção do espaço urbano de Santos permite promover uma análise espaço-temporal do Bairro do Macuco. Essa análise espaço-temporal principia-se no aumento das atividades cafeeiras no Estado de São Paulo, bem como nos resultados materializados na cidade, principalmente por meio das transformações observadas na atividade portuária, que, por sua vez, está intrinsecamente relacionada ao loteamento do Bairro do Macuco.

As alterações verificadas no espaço físico da cidade de Santos, de acordo com Bussinger apud Sales (1999, p. 91), remetem às transformações provocadas pela intensidade das atividades portuárias que ultrapassaram questões de caráter estritamente econômico, pois também interferiram na “infraestrutura aquaviária e terrestre, espaços e equipamentos que compõem as instalações portuárias”.

Deste modo, analisar as alterações da cidade de Santos acarretadas pelo aumento da capacidade de seu porto é avançar a discussão para além de suas formas, isto é, na medida em que se evidencia o processo que permeia a estrutura da cidade, as esferas sociais, econômicas e políticas se apresentam como conteúdos das transformações espaciais.

Nesse sentido, Carvalho (1944, p.154) define a grandeza da atividade portuária na cidade de Santos a partir do escoamento do café. Em decorrência disso, a cidade passa a se constituir como elemento importante para a economia paulista, tanto no que se refere ao escoamento dessa produção, quanto a sua comercialização realizada por meio da Bolsa do café.

A atividade cafeeira pode ser analisada como um nó que interligou o planalto paulista ao interior do estado, e estas duas instâncias a Santos por meio do escoamento dessa produção.

Singer (2002) aponta que a especialização das cidades em determinadas atividades produtivas irá influenciar o papel desempenhado por ela numa rede urbana. Nesse sentido, compreende-se que a cidade de Santos, por meio da atividade portuária, se consolidou como eixo importante da rede paulista.

“Seja como for, uma vez “fixada”, pelo menos por um certo período, a especialização de cada cidade, que em boa medida vai determinar seu ritmo de crescimento e, portanto, seu tamanho, o conjunto das cidades desenvolve um extenso sistema de trocas que configura, sob o ponto de vista econômico, a rede urbana” (SINGER, 2002, p.143-144).

Cabe salientar que a especialização da cidade de Santos pautada na função portuária, bem como a sua caracterização como eixo de comercialização da atividade cafeeira, é parte de uma ampla estrutura econômica, que, por sua vez, torna significativo compreender os resultados desse processo, materializados em seu espaço urbano.

Apreende-se de Sales (1999) a relação comercial entre a cidade de Santos e a capital paulista como elementos norteadores do binômio Santos - São Paulo, que, de certo modo, contribuiu para as transformações espaciais observadas nesse espaço a partir dessa relação bilateral.

“[...] a definição de Santos como principal ponto de articulação das comunicações do planalto com o mar ressalta a importância da relação de complementaridade que, baseada na cisão entre a função de porto e a de centro distribuidor, caracterizaria a relação litoral-planalto e explicaria o significado do “binômio Santos-São Paulo nas dinâmicas e processos territoriais santistas” (SALES, 1999, p.126)

De acordo com essa análise, vê-se em Carvalho (1944, p.155) que a primazia do porto santista é alcançada na medida em que é instalada a ferrovia ligando as áreas produtoras de café ao porto, propiciando uma ligação mais eficaz com o planalto paulista e contribuindo para o aumento das relações comerciais entre as duas localidades.

Seabra (1979) corrobora essa análise com a menção feita às transformações de Santos motivadas pela economia cafeeira

“As transformações maiores que a cidade de Santos conheceu estão ligadas ao desenvolvimento do seu porto e à sua consolidação como praça de café. A construção da estrada de ferro que ligou esta cidade ao planalto, a antiga São Paulo Railway, foi nesse processo um elemento essencial, funcionando como catalizadora de uma vasta hinterlândia” (SEABRA, 1979, p.40).

Araújo (2008) destacou que a transformação no espaço urbano, originada do processo de acumulação proveniente do capital mercantil, favoreceu o desencadeamento de inúmeras modificações no espaço urbano da cidade.

“Com relação ainda ao passado recente, cabe dar destaque a importância do capital mercantil para o sucesso do ciclo da produção cafeeira. Esse importante ciclo de acumulação exigiu do capital mercantil o máximo de “eficiência” no que dizia respeito à formação de um urbano que possibilitasse a realização da mercadoria café no mercado” [...] (ARAÚJO, 2008, p.8).

No que tange às observações de Araújo (2008), destaca-se a importância do ciclo econômico cafeeiro como fenômeno econômico capaz de reorganizar determinada estrutura urbana, dimensionando relações processuais escalares, tais como: a capital paulista, a cidade de Santos, e, por consequência, o loteamento do Bairro do Macuco.

Ainda, Singer (2002, p.141) reforça essa discussão quando menciona as funções exercidas nas cidades. Para ele “[...] quando as cidades são portuárias, o comércio de importação e exportação lhes confere uma feição toda especial”.

É a partir disso, que a função portuária da cidade de Santos desempenha extrema relevância para o entendimento do processo de loteamento do nossa área de pesquisa, dada à paisagem observada na atualidade, constituída por velhas e novas formas guarnecidas por conteúdos distintos.

A relação que se trava entre as funções econômicas desenvolvidas na cidade é apreendida como elemento relevante para o entendimento de sua expansão. Todavia, não é foco deste trabalho o estudo da economia urbana da cidade, embora a sua acuidade se faça necessária para o entendimento do Bairro do Macuco na atualidade, com os resquícios do passado que ainda permanecem em seu espaço.

As análises de Singer (2002, p.147) demonstram a necessidade do estudo da cidade a partir do papel que exerce numa rede urbana, assim “[...] é impossível compreender a economia de uma cidade sem situá-la no contexto da rede urbana à qual ela pertence, e sem determinar as funções especializadas que ela exerce [...]” (SINGER, 2002, p.147).

Destarte, Lanna (1996, p. 61) definiu o papel desempenhado pela cidade de Santos nos finais do século XIX: “Tratava-se da condição santista de porta de entrada do mar e do sertão”.

Santos se tornara o principal porto da província paulista, todavia, era necessário expandi-lo. Para tanto, o Governo Imperial abriu concorrência para as obras de expansão portuária na cidade de Santos (SALES, 1999).

A Companhia Docas recebeu a concessão para comandar as atividades portuárias; contudo, a população local tecia muitas críticas contra a sua atuação, principalmente no que se referia à ampliação do porto em direção ao tecido urbano já constituído.

A autonomia da Companhia Docas na monopolização das atividades portuárias se estendia para áreas que estavam além dos limites físicos do porto, tendo em vista que para ampliação do cais foi necessário fazer remodelações na malha urbana da cidade, pois as atividades do novo porto simbolizavam, além da alta lucratividade, a possibilidade de criar uma cidade com “ares de modernidade” (Sales, 1999, p.94).

[...] “Articulada pela ferrovia a um sempre vasto e rico território cafeeiro, a cidade transforma sua estrutura, muda sua imagem, sinalizando a importância das funções comerciais que ela passa a desempenhar” (SALES, 1999, p.127).

Concomitantemente ao aumento da importância econômica de Santos, é válido ressaltar os contratempos provocados pela manifestação de epidemias na cidade, que, desde 1844, provocavam profundo descontentamento no poder público local, que apontava o descaso do governo provincial em relação às pestes que assolavam a cidade.

De acordo com Barbosa (2000) “Em 1889, a cidade foi atingida, de uma só vez, por febre amarela, impaludismo, peste bubônica, varíola e tuberculose. Na última década do século XIX, as epidemias fizeram 27.588 vítimas, ou seja, cerca da metade da população”. (BARBOSA, 2000, p.36)

A situação da cidade de Santos propiciava todo tipo de manifestação de epidemias, principalmente pelo fato de a cidade ser entrecortada por ribeirões, que, por causa das águas pluviais, ficavam empoçados devido à baixa declividade do município, composto principalmente por planícies (CARVALHO, 1944, p.177).

O alastramento de doenças sobre a capital paulista contribuiu para que o problema deixasse de ser local, visto que atingia os interesses econômicos da província (LANNA, 1996).

A dimensão dada pelo governo estadual ao alastramento das epidemias em Santos foi consequência, especialmente, dos déficits econômicos que acometiam os interesses do governo. Muitas embarcações se negavam a atracar no porto; e, ainda, havia os interesses dos comissários de café, que preferiam deslocar-se diariamente para o planalto paulista por temerem tais manifestações infecciosas (CARVALHO, 1944).

De tal modo, sob a responsabilidade do governo do Estado, foi criada a Comissão Sanitária, ligada à Secretaria dos Negócios do Interior, que realizaria “a inspeção domiciliar, a desinfecção, a fiscalização da limpeza de quintais e terrenos baldios. Ao mesmo tempo foi criada a Comissão de Saneamento, ligada à Secretaria de Agricultura” (LANNA, 1996, p. 72).

Saturnino de Brito foi eleito pelo governo estadual para sanear a cidade. Essa escolha foi feita, principalmente, porque o seu projeto de saneamento foi considerado de baixo custo. Assim, Brito consolidou algumas medidas para findar com as moléstias na cidade (Carvalho, 1944, p.191).

“Consistia na construção de uma série de canais de dragagem que, cortando a Ilha de São Vicente de lado a lado, ou captando as águas dos morros e conduzindo-as ao mar, impediram o encharcamento da planície e a conseqüente criação de mosquitos transmissores de moléstias comuns aos climas quentes e úmidos, como o porto paulista” (CARVALHO, 1944, p.191).

Lanna (1996), por meio de suas análises sobre a expansão das políticas higienistas na cidade de Santos, verifica que as ações de Saturnino de Brito visavam criar um plano urbanístico que extrapolasse medidas pontuais e que, por sua vez, fosse capaz de organizar a malha urbana presente e propor medidas futuras para a expansão urbana da cidade (Figuras 2 e 3).

A expansão da malha urbana de Santos se mostrava como necessidade indispensável à ordem pública, pois o centro se encontrava densamente povoado, constituindo-se como grande foco de epidemias. Havia, ainda, as atividades ligadas ao café que careciam de espaços mais amplos para o armazenamento e estocagem da produção.

A análise de Andrade (1989) contribui para essa observação: “O alto índice populacional provocou o adensamento no centro colonial, perturbado já pela instalação das firmas ligadas à exportação cafeeira. A armazenagem do café exigia a construção de enormes galpões junto ao porto” (Andrade, 1989, p.159).

No período colonial, o porto e a cidade se apresentavam como uma estrutura urbana única. No mesmo espaço conviviam as moradias de elites e as de pessoas de poder aquisitivo mais baixo junto às atividades desenvolvidas em torno dos trapiches de embarque e desembarque (ANDRADE, 1989).

A necessária expansão portuária e urbana, assim como o combate às epidemias, exigia uma ação conjunta do poder público local e regional. Essa ação se realizou sob a perspectiva higienista, que ficou incumbida de criar uma imagem positiva do principal porto de escoamento da província paulista.

Figura 2 - Mapa de saneamento dos documentos da Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo⁶

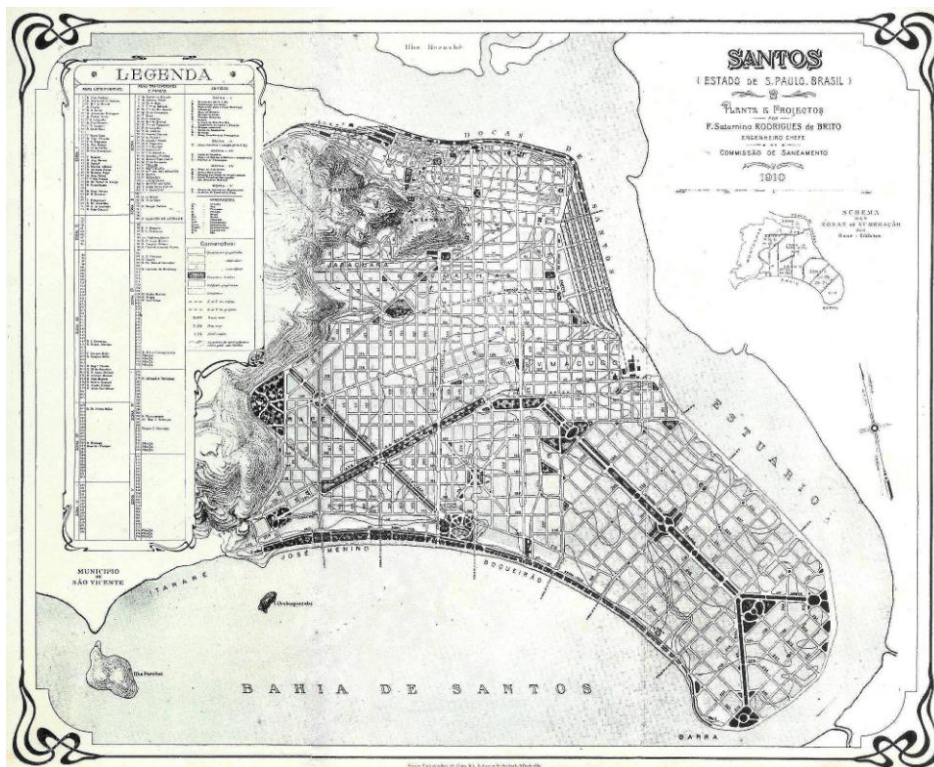


⁶ A planta geral da cidade, criada a partir dos documentos da Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo, apontava o Bairro do Macuco como uma área projetada em 1895 (em destaque na imagem), sendo válido perceber que, apesar da existência do loteamento, não havia infraestrutura, sendo que esta viria acompanhada de medidas de caráter higienista.

Apreende-se que o loteamento não estava munido de infraestrutura, pois ainda não havia um plano de arruamento para o local; apenas o início do parcelamento do solo.

Foto-reprodução por Carlos Pimentel Mendes extraída do site <http://www.novomilenio.inf.br/santos> visitado no dia 18 dezembro de 2007.

Figura 3 - Projeto de canais, ruas e avenidas propostos por Saturnino de Brito⁷ em 1910

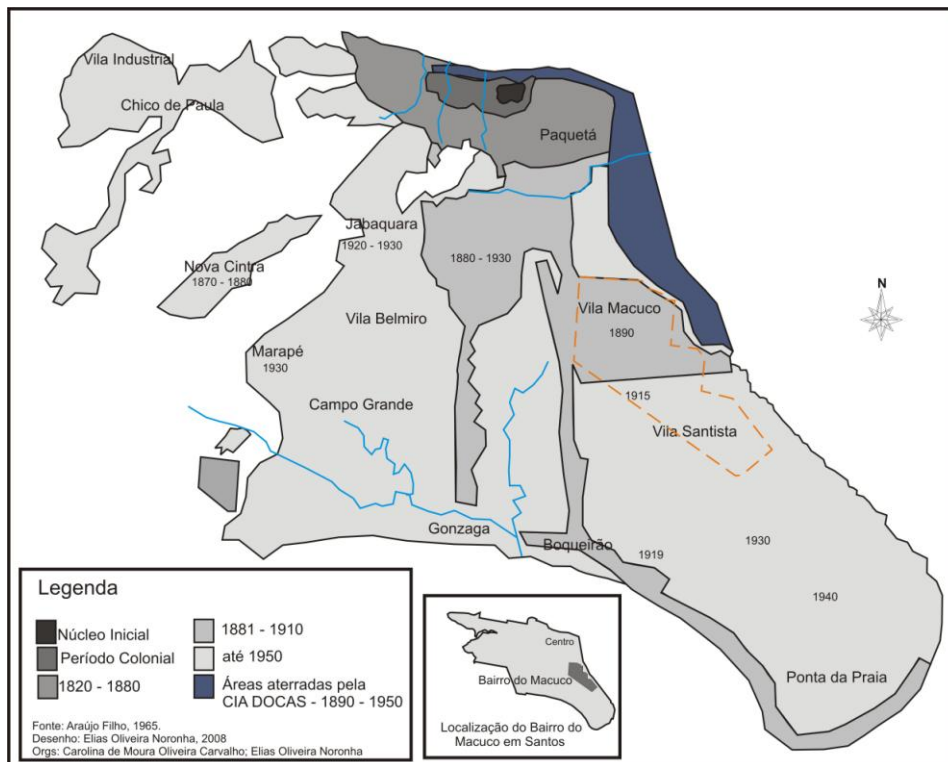


⁷ As figuras 2 e 3 são oriundas do site Novo Milênio. Disponível: <http://www.novomilenio.inf.br/santos>. Acesso: em 18 dezembro de 2007. Nestas figuras é válido mencionar a existência do loteamento do Bairro do Macuco constituído na Zona III. Todavia, as ruas numeradas sem denominação faziam parte do traçado urbano e aguardavam as desapropriações previstas em leis municipais para o ordenamento territorial da cidade.

Esta planta foi cedida a Novo Milênio por Eduardo Curvello Rocha, por meio da internauta Célia Peres Oliva.

A Figura 3 ilustra as atividades do Engenheiro Sanitarista Saturnino de Brito na cidade de Santos, cujo intuito ultrapassava medidas pontuais de saneamento, tendo como propósito ordenar o crescimento urbano da cidade.

Figura 4 – Expansão urbana de Santos até 1950 – perspectiva espacial do Macuco



A conjugação de interesses baseava-se na chegada pelo porto de Santos de imigrantes para o trabalho nas lavouras do interior da província. Neste sentido, era necessário garantir a saúde dos “novos braços”, como também garantir que estes não trouxessem mais doenças ao país (LANNA, 1996).

Saturnino de Brito foi responsável por construir os canais de drenagem, como também promover o embelezamento da cidade (Figura 3, página 27). Desde então, os cortiços foram considerados os maiores focos de doenças. Sobrinho (1953, p.401) demonstra a precariedade das referidas moradias:

“Os cortiços, feitos de taboas, cobertos de zinco, compunham-se em geral de um só cômodo, acanhadíssimo, que servia de dormitório, sala de jantar, cozinha retrete. Era indescritível o desconforto e imundície em que viviam os moradores desses cubículos, todos eles construídos nas zonas mais centrais da cidade.” (SOBRINHO, p.401)

As transformações que ocorriam na cidade, motivadas pelo impulso econômico do capital cafeeiro, não só modificaram as atividades portuárias, como também as atividades desenvolvidas nas áreas centrais, as quais passaram a abrigar “armazéns de café, casas comissárias para o comércio da produção”. Ainda, verificou-se uma efervescente ocupação da área central por fazendeiros e estrangeiros que passaram a comissionar a referida produção (CARVALHO, 1944, p.188).

Sales (1996) redefine essa ideia na medida em que observa que a tendência de separar as atividades portuárias da cidade é também semelhante em outras cidades portuárias da Europa, como, por exemplo, em Marselha e Roterdã.

A nova estruturação da cidade portuária industrial ultrapassava os limites urbanos da cidade e, além disso, se “caracterizaria pela ampliação dos limites do porto sobre novas áreas e a consequente influência que essa ampliação exerceria sobre os padrões do solo urbano” (SALES, 1999, p.113).

Em relação à modernização do porto, como também da própria cidade, é válido destacar que “[...] Santos deixou de ser o porto tropical infestado de moléstias, sem conforto nem para os viajantes nem para as mercadorias, para se transformar no porto moderno, com instalações adequadas e à altura de seu movimento” (CARVALHO, 1944, p.190).

De tal modo, a reforma portuária na cidade de Santos implicava a transformação do espaço de moradia dentro da cidade, pois a demanda por mão-de-obra propiciou o aumento significativo da população santista. Lanna (1996, p.50-51) destaca que em “1872 a cidade contava com 9.871 habitantes, e em 1913 houve um salto para 88.967 habitantes”.

De acordo com Barbosa (2000, p.36), os imigrantes representavam 42,5% do total de toda a população de Santos no início do século XX, sendo que migrava para a cidade um grande percentual de nordestinos, que ora vinham por conta própria em busca de empregos, ora “arregimentados por contratos para o trabalho de ampliação do porto”.

Andrade (1989, p. 91.) sinalizou que grande parte dos imigrantes que chegava ao Brasil com o propósito de trabalhar nas lavouras de café retornava para Santos em busca de trabalho na construção do porto.

Nesse sentido, Sales (1999, p.125) faz menção à estrutura portuária e a toda a técnica nela empregada como elementos desencadeadores de grandes mudanças na morfologia da cidade, bem como na de toda a sua estrutura urbana.

Em grande medida, devida à sua própria natureza técnica e gerencial, a infraestrutura portuária incide nos modelos de crescimento urbano através dos efeitos persistentes, duradouros, verdadeiras marcas inerciais que imprime no tecido da cidade, condicionando sua definição física, o uso que se faz dos seus espaços, bem como os modos de sua apropriação e controle (SALES, 1999, p.125).

Além das transformações de âmbito econômico na cidade de Santos, como a ampliação do cais santista e a chegada de mão-de-obra em busca de oportunidades de emprego nas atividades portuárias, o tecido urbano da cidade também se modificou. Barbosa (2000, p.38) corrobora essa questão mencionando a criação do Código de Posturas de 1847, que iria ordenar todo o crescimento urbano em Santos.

Em consequência disso, CARVALHO (1944, p. 195) aponta que a premida malha urbana da cidade, entre o Outeiro de Santa Catarina e o Valongo (ver Figura 4 na página 29), que até então se destinava à moradia das pessoas mais nobres, começa a ser efetivamente ocupada por estivadores, trabalhadores portuários e empregados do pequeno comércio, que, em geral, ocupam moradias coletivas, como os cortiços.

A intensa transformação do centro antigo da cidade de Santos é apontada por Sales (1999, p.113) como resultado de separações entre o morar e as possíveis áreas de expansão portuária. Para esse autor, imperavam os “princípios de racionalidade e produtividade”, mas ainda se mantinha uma “forte articulação entre porto e cidade”.

O centro da cidade exercia inicialmente a função de moradia, tanto de uma classe abastada (certamente essas classes ocupavam residências de alto padrão aquisitivo), como de uma classe mais desfavorecida economicamente, as quais

ocupavam casas de cômodos⁸ e cortiços. Essa função de moradia dividia espaço com as atividades portuárias.

A separação espacial entre as atividades portuárias e as funções de moradia contribuiu para o deslocamento das elites das áreas centrais. As antigas moradias dessas classes abastadas, em geral grandes casarões, tornaram-se cortiços, considerados pelo poder público como vetores infecciosos (Lanna, 1996).

A proliferação dos cortiços foi associada por Andrade (1989, p.92) ao crescente aumento populacional e à baixa oferta de habitações: “Em 1889, a cidade tinha só duas mil casas, incluindo as da Barra e as dos novos bairros de Vila Mathias e Vila Macuco, embora já contasse com 15.600 habitantes”.

“A necessidade de moradias incentivou o reaproveitamento do espaço construído no centro da Cidade. Subdividiram-se as casas, os quartos – qualquer canto servia para alojar pessoas. Custava 2000 réis o aluguel e uma vaga, por noite – tudo servia, até lugares vagos dentro de numerosas cocheiras eram utilizadas para dormir” (ANDRADE, 1989, p. 92)

Os cortiços do centro da cidade se proliferaram na medida em que as classes mais abastadas migravam para áreas que passaram a conceber melhores condições de moradia e status. Barbosa (2000) faz alusão a essa questão: “Com o deslocamento da chamada ‘gente de posse’ em direção à Barra, muitas casas do então núcleo urbano foram em pouco tempo transformadas em habitações coletivas” (2000, p.42).

As transformações que vieram a ocorrer na cidade tinham total apoio do governo, que visava criar uma imagem para o capital externo de “parceiro confiável das nações civilizadas” (FOOT-HARDMAN apud LANNA, 1996, p. 63), o que era

⁸ “casas de cômodos” são moradias que funcionam como residências multi-familiares. Um locatário “oficial” sub-loca cômodos dentro do próprio lar. O que as diferencia dos cortiços é que essas pessoas transitam pelos mesmos espaços, como as salas e a cozinha. No Macuco atual ainda é possível observar esse tipo de moradia. Em geral, são moradias geminadas e antigas que possuem um extenso quintal. Nesse quintal são construídos alguns cômodos; entretanto, para a passagem a esses cômodos é necessário adentrar pela casa da pessoa que os aluga. Segundo uma senhora que aluga este tipo de moradia para aumentar a sua renda, os cômodos são sublocados e, apesar de perder parte da privacidade com a passagem de inquilinos em sua sala e cozinha, é necessário manter o contato com a porta da frente para que os inquilinos não se mudem sem pagar os respectivos aluguéis.

inviável até então na cidade de Santos, devido às epidemias que assolavam a população e, consequentemente, a mão-de-obra necessária para a reprodução do capital.

Portanto, as desapropriações e demolições se tornaram atitudes justificadas pela necessária modernização. Lanna (1996) ainda reforça essa análise quando menciona a classe trabalhadora como a principal vítima das transformações que vieram a ocorrer: “É sobre elas que estas intervenções modernizadoras recairão com violência, definindo novos lugares” (LANNA, 1996, p.80).

Ao mesmo tempo em que ocorriam as demolições nas áreas centrais, o poder público precisava preocupar-se com o baixo número de moradias na cidade. Conforme podemos observar em Lichti (1996, p.385), em “1901 a população contava com 52.000 habitantes, distribuída em 5000 casas”.

A abertura de loteamentos operários em Santos, motivada pelas transformações econômicas e sociais observadas na cidade, possibilitou o desadensamento da área central. Assim, a população residente nos cortiços localizados na área central, ou mesmo a população mais pobre, poderia migrar para os novos loteamentos, dentre eles o Macuco e a Vila Matias, loteados na década de 1880 (Andrade, 1989).

Figura 5 – Planta da cidade de Santos em 1921⁹



Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos>, 2007.

⁹ Fonte: reproduzido do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado - PDDI-76, Prefeitura Municipal de Santos/Prodesan, 1976, informação citada na Cartilha da História de Santos, de Olao Rodrigues, 1980. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa09.htm>. Acesso: 21 de janeiro de 2008.

3.2 —Loteamento e ocupação do Bairro do Macuco

O loteamento do Macuco¹⁰ se constituiu como uma estratégia do poder público local em propiciar condições para a expansão da malha urbana da cidade, tendo como demanda principal a ocupação pela classe trabalhadora. Esse loteamento contribuiria para a migração da população residente nos cortiços centrais para as novas “casas higiênicas”, atendendo, assim, o projeto de estrutura urbana que se consolidava na cidade, o qual visava à separação de funções portuária e de moradia (LANNA, 1996).

A associação entre o poder público e o privado foi elemento norteador para as transformações que vieram a acontecer na estrutura urbana da cidade. A criação de loteamentos operários mostrava-se como uma alternativa para o combate às epidemias, já que os cortiços eram considerados os principais focos de doenças.

Nesse sentido, Andrade (1989) expõe sobre a atuação dos setores públicos e privados: “Os mais pobres ocuparam os bairros da Vila Mathias e da Vila Macuco. Fundamental para esta expansão foi a iniciativa oficial, que permitiu a ocupação urbana dessa parte da ilha (ANDRADE, 1989, p.161).

“Na cidade por modificar e na área por construir não faltava trabalho. Para atender à enorme demanda de mão-de-obra, fornecimento de materiais e de serviços, surgiram diversas empresas comerciais e técnicas, entre as quais citamos os escritórios dos engenheiros Garcia Redondo e Frederico Gâmbara” (ANDRADE, 1989, p. 199).

Os novos loteamentos permitiriam a desocupação da área central, possibilitando o avanço do porto para antigas áreas de habitações.

Em relação à atuação do setor privado no processo de expansão urbana de Santos, observa-se a atuação da Companhia Docas, como apontou Lanna (1996): “Ao apropriar-se da faixa de marinha demoliu, aterrou e construiu”.

¹⁰ De acordo com Lichti (1996, p.217-218), a gleba que deu origem ao Bairro do Macuco pertencia a Francisco Manuel do Sacramento, sendo ele nascido em Santos. A denominação Macuco originou-se do lazer praticado por ele em sua propriedade, a caça da ave chamada Macuco. Além de se apresentar como sua forma de lazer, passou a ser o seu cognome, cuja apropriação resultou na anexação do termo ao seu nome familiar, como, por exemplo, a anexação aos nomes de seus filhos: Luisa Macuco, Antonio Macuco.

No mesmo sentido, salientam-se as ações desempenhadas pela companhia inglesa Santos Improvement, que se tornou a empresa responsável pelo abastecimento de água na cidade. A partir da análise realizada nos arquivos da Superintendência de Santos, verificou-se a atuação dessa empresa no loteamento do Macuco.

Lei 50 de 24 de outubro de 1884

“Autorisa¹¹ o Intendente de Obras a mandar collocar um Chafariz na rua Luiz Gama, esquina da de Aguiar de Andrade.”
(Chafariz para abastecimento local).

O caput acima demonstra a preocupação do poder público em munir de infraestrutura o Bairro do Macuco¹². É válido mencionar que a data de homologação da lei coincide com o início do loteamento do Bairro, sugerindo a preocupação do poder público em garantir o mínimo de infraestrutura para que o local fosse ocupado.

A associação entre o poder público e o privado na produção do espaço urbano de Santos pôde ser verificada na construção de moradias operárias, o que garantiu ao setor privado lucros significativos.

Lei nº. 58 de 3 de outubro de 1894

“Autorisa ao Intendente de Obras a abrir concorrência pública para edificação de Villas Operárias.(O poder público garantia a isenção de impostos municipais durante 20 anos – as casas deveriam ser higiênicas providas de água, luz e esgoto).”

Lei nº 66

“Art. 1 A descarga de areia só poderá ser feita na Bacia da Doca do Macuco, de acordo com o contrato firmado com a Companhia Industrial do Macuco.”

A instalação de infraestrutura na organização do novo espaço urbano da cidade também se mostrava lucrativa para o poder privado, considerando que este poderia agregar valor a parcelas do solo urbano mais distantes dos Bairros

¹¹ Os caputs das referidas leis mencionadas acima, como também em outros pontos do texto foram registrados na íntegra, respeitando a grafia do período em que foram elaboradas.

¹² A rua Luiz Gama localiza-se no Bairro do Macuco na ÁREA 1 do nosso recorte espacial.

operários, como as áreas mais próximas às praias. Nesse sentido, vale destacar a Lei nº. 127.

Lei nº127 de quatro de maio de 1899

“Concede o privilégio ao Dr. Joaquim Gonçalves dos Santos Silva e ao cidadão João da Silva Martins, por 20 anos a concessão para a instalação de uma linha de bonde.

Artº. 1 ...assentar uma linha de bondes a tração animal para transporte de passageiros e cargas, que, partindo ao longo da Imperatriz pela rua da Constituição e seguindo as ruas Dr. Cochrane e Julio Mesquita, ramifique-se pelas principiaes ruas da Vila Macuco e beirando o mar (canal de Santos) vá a Ponta da Praia da Barra e pelo alto da mesma praia do Boqueirão e termine no fim da Av. D. Ana Costa, voltando pela rua Braz Cubas, até a Villa Mathias e dahi pelas ruas Julio de Mesquita e Constituição ao ponto de partida (Largo da Imperatriz) conforme planta apresentada...”(grifo nosso)

Observa-se na lei acima que a linha de bonde teria como trajeto áreas que ligavam o centro principal aos bairros recém loteados, como a Vila Macuco, a Vila Mathias e a praia.

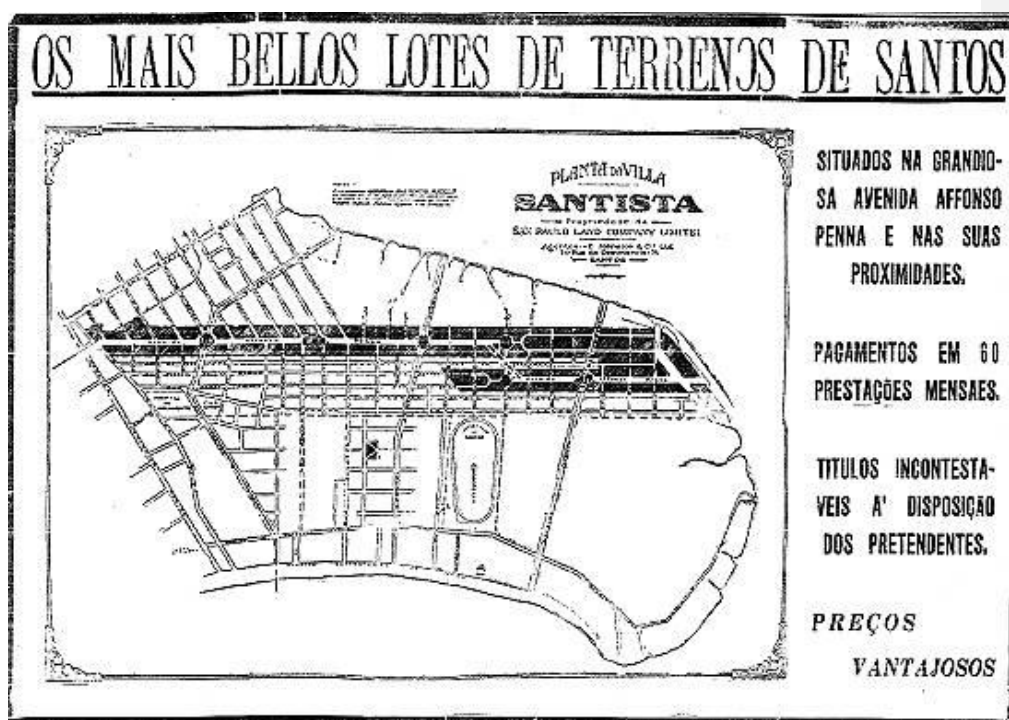
Os loteamentos operários se localizavam no entremeio da faixa entre a praia e o centro. Assim, consideramos que tais loteamentos se apresentaram como uma alternativa econômica no que se refere à interligação dos Bairros já ocupados junto à praia. Dessa forma, dotar-se-iam essas áreas de infraestrutura, agregando valor ao solo urbano, voltando-o para a ocupação de moradia fixa. Nesse sentido, Sales afirma:

“[...] Dois grande eixos, representados pelos traçados das avenidas Conselheiro Nébias e Ana Costa e servidos por linhas de bonde a tração animal, punham em comunicação a “cidade” e a “praia”, transpondo o espaço intermediário, alagadiço, que mostrava-se inadequado para a ocupação” (Sales, 1999, p.134)

Para Licthi (1996, p.385), que caracteriza a cidade de Santos até a década de 30 do século XIX, o Macuco, como outros loteamentos, não passava de grandes áreas descampadas. Essas questões também foram mencionadas por moradores antigos que caracterizaram o Bairro no passado como local de muito mato, onde existiam vários campos de futebol e também chácaras de verduras.

“[...] Santos não tinha urbanizado, na primeira metade da década de 30, mais do que 60% de sua área. Era uma grande planície verde. Sua praia, do José Menino à Ponta da Praia, era somente uma extensa faixa de mato[...] O Marapé, o Campo Grande, o Jabaquara, o Macuco, o Embaré e a Ponta da Praia eram bairros praticamente descampados” (LICHTI, 1996, p.385)

Figura 6 - Propaganda de venda de lotes em áreas pertencentes ao Macuco em 1928¹³



Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos>, 2007

¹³ A figura 7-6 foi extraída do site Novo milênio Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos>. Acesso: em 18 dezembro de 2007, cuja fonte é apontada o anúncio do Jornal A Tribuna datado de 5 de agosto de 1928.

Por meio da leitura das leis que destacam a expansão urbana de Santos, verifica-se que a instalação de infraestrutura nos bairros operários também conduziu à valorização de áreas mais próximas das praias. De acordo com a Lei nº154 de 18 de junho de 1900 pode-se fazer menção a esta ideia: “Autorisa o Intendente de Obras a chamar concorrentes para iluminação pública das Avenidas Conselheiro Nébias, Ana Costa e da Vila Macuco, por eletricidade”.

A valorização de áreas já constava nos planos de Saturnino de Brito. Sales (1999) orienta que seus planos, além de sanear a cidade, tinham o intuito de estruturar a sua expansão.

“[...] o plano de Brito vai servir para orientar a distribuição de atividades e da população em função de três principais “fatores locacionais”: o centro comercial, a área portuária e a orla marítima, cada um deles exercendo efeitos diferenciados sobre as formas e os processos de crescimento urbano” (SALES, 1999, p.136).

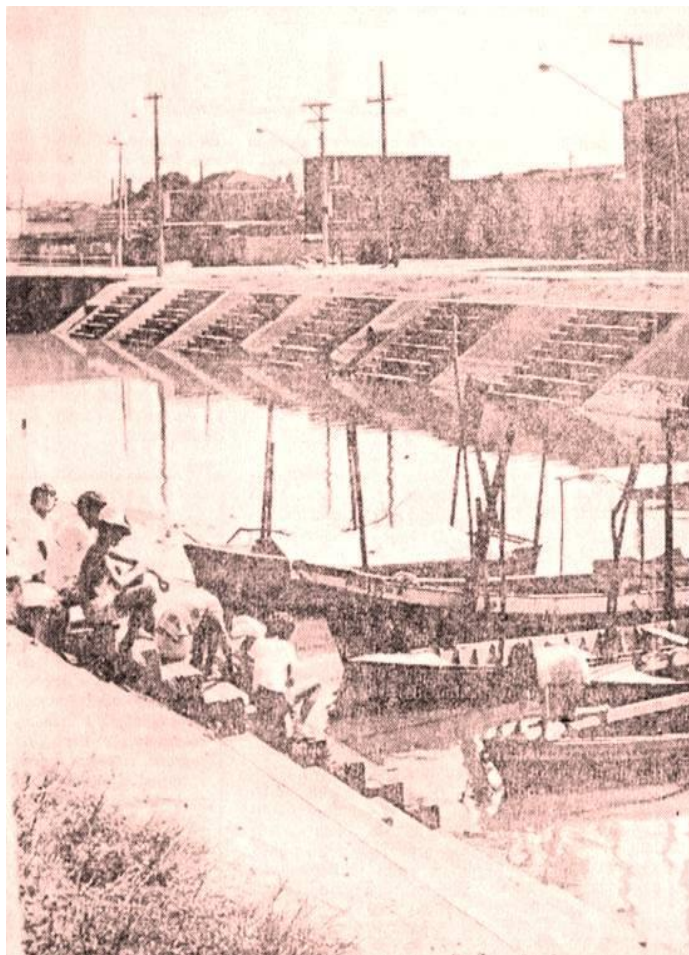
Entre os planos urbanísticos de Saturnino de Brito assinala-se a construção dos canais de saneamento da cidade de Santos. O Macuco é entrecortado pelo Canal Quatro, sendo que na sua ponta mais voltada para o cais localiza-se a Bacia do Macuco (Figura 7), responsável, no início do século XIX, pelo desembarque de pequenas embarcações, bem como de cocheira para tropa de muares (Lanna, 1996).

Deste modo, pode-se inferir a mesma ideia de instalação de infraestruturas em áreas que se direcionavam às praias que, por sua vez, tinham condições naturais de oferecer um ideário de cidade moderna. Em consonância com esse ideário, a salubridade se tornara a principal campanha para justificativa das ações públicas que vieram a ocorrer no município.

Assim, abertura do Canal Quatro passando pelo Macuco não só combatia a insalubridade provocada pelo acúmulo de águas, como também espalhava os ideários de cidade moderna.

|

Figura 7 – Bacia do Macuco¹⁴



¹⁴ Essa figura foi extraída do site Novo Milênio. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0100b01a.htm>. Acesso em: 18 de setembro de 2007. O site retrata historicamente a cidade de Santos. Na fonte não havia a informação da data da imagem; entretanto, ela ilustra parte das reflexões de Lanna (1996) quando menciona o local como atracadouro de pequenas embarcações. Vale salientar que na atualidade ainda há a presença de embarcações, porém com uma atividade bem mais restrita.

Foto 1 - A Bacia do Macuco na atualidade



A Bacia do Macuco é um dos principais símbolos do Bairro, de acordo com os moradores do lugar. O local tem como função a atracação de pequenas embarcações. Ainda, é possível considerá-lo como ponto de encontro para determinados segmentos sociais do Bairro, como os jovens que utilizam o seu espaço para o desenvolvimento de suas atividades sociais. Esse espaço já foi considerado o símbolo da desordem do Bairro, pois em tempos remotos havia a comercialização de drogas ilegais nessa área conforme as impressões relatadas pelos moradores.

As moradias representavam parte das preocupações advindas dos ideais higienistas. Nesse período, o poder público criou normas para estabelecer moradias nos moldes higienistas, motivadas, principalmente, pela crescente ocupação de cortiços no centro da cidade.

Nesse caso, a esfera pública local passou a conceder privilégios fiscais àqueles que construíssem moradias operárias, como se pôde depreender no trecho abaixo reproduzido:

Lei nº 501 – 31 de julho de 1912.

“Concede favores a particulares ou empresas que construírem moradias para operários.

Art.1 – É autorizada a Prefeitura Municipal a contratar em quaisquer empresas ou particulares de reconhecida endoneidade, a construção de moradias para operários mediante os favores e condições geraes abaixo indicadas.

- 200 mínimo e 1000 o máximo;

- Em um edifício, até 8 moradias, independentes, 2 com entradas comuns.”

Saturnino de Brito considerava que as novas moradias propiciariam “a melhoria das condições de salubridade e o estabelecimento da ordem social e moral, pela elevação correlata dos sentimentos e conduta do proletariado” (LANNA, 1996, p.128-129).

As formas observadas no Bairro do Macuco, neste caso as moradias, cooperam para o entendimento do processo de ocupação do local. Inicialmente, verifica-se o esforço do poder público em erradicar as moléstias da cidade. Para tanto, propõe-se a construção de moradias salubres para a classe trabalhadora de poder aquisitivo restrito: as moradias geminadas.

As moradias geminadas eram consideradas modelos de moradias para a classe operária, pois eram construídas sobre o mesmo lote e mantinham uma parede em comum; ou seja, permitiam a diminuição de custos e, ao mesmo tempo, garantiam os ideais higienistas, como janelas amplas para ventilação, recuos laterais e em relação ao nível do solo.

A ocupação das moradias geminadas pela classe trabalhadora, principalmente aquela advinda dos cortiços do centro da cidade, não se efetivou plenamente nos bairros operários como propunha os planos urbanos criados para a cidade (LANNA, 1996).

O principal fator que contribuiu para que as moradias geminadas não fossem ocupadas pela classe operária está baseado nos altos valores cobrados por essas residências, que não estavam condizentes com o padrão socioeconômico desse grupo social.

Lanna (1996) verificou que a Companhia Construtora de Santos foi encarregada de construir moradias operárias, porém essa empresa não cumpriu a demanda solicitada por considerar que “a classe trabalhadora propriamente prefere habitar nas casinhas de madeira em pleno campo, livre da ação disciplinadora da higiene e do fisco” (LANNA, 1996, p.129).

Certamente a opção da classe trabalhadora em ocupar moradias de padrão arquitetônico mais simples não condiz com um desejo propriamente dito, mas sim, com uma estratégia de permanência no local em que possuem laços sociais, sejam estes afetivos, trabalhistas ou de localização estratégica dentro da malha urbana.

Foto 2 - Casas geminadas I



Esses modelos de moradias geminadas são muito comuns na ÁREA 1 do Macuco. É válido mencionar que essa localidade é a mais antiga do Bairro, portanto suas edificações condizem com o ordenamento territorial proposto por Saturnino de Brito, cuja proposta baseava-se no saneamento das moradias operárias.

Foto 3 - Casas Geminadas II



Foto 4 - Casas geminadas III



Essas edificações do Bairro representam parte das mudanças que ocorrem nas funções de antigas formas. Essas casas geminadas são utilizadas como cortiços, ou seja, antigas moradias unifamiliares perderam parte do seu valor diferencial, principalmente em decorrência da expansão de atividades portuárias no local. A transformação dessas moradias em cortiços é, de certo modo, uma forma de agregar valor ao imóvel, pois as pessoas que procuram essas residências estão preocupadas em ocuparem bairros munidos de infraestrutura numa localização que lhes garanta o acesso a outras áreas da cidade.

Os chalés¹⁵ de madeira se constituíram como a principal forma de moradia da classe trabalhadora. Inicialmente, o poder público não autorizava esse tipo de edificação; no entanto, essas moradias proliferavam pelo Macuco.

Andrade (1989) comenta que essas edificações eram produzidas em sistemas de mutirão. No mutirão trabalhavam a família e os amigos durante o final de semana: “Na segunda-feira, mais um chalé pronto, mais uma família abrigada: as sensações de posse, de proteção, a vitória do trabalho contra o desabrigo, o seguro contra indesejável promiscuidade dos cortiços” (ANDRADE, 1989, 214).

¹⁵ Os chalés são moradias construídas de madeira. No início do século XX, o poder público de Santos havia proibido esse tipo de edificação, devido a leis de expansão urbana que previam moradias salubres, e estas não eram consideradas moradias condizentes com a nova ordem higiênica da cidade. Entretanto, os chalés eram edificados ilegalmente em bairros de origem popular, como o Bairro do Macuco, para garantir moradia à classe trabalhadora, que não possuía condições econômicas de residir nas moradias geminadas, que foram originalmente edificadas para abrigá-los. Em decorrência do alastramento desse tipo de moradia, o poder público permitiu a sua edificação; porém, estas poderiam ser demolidas sem indenização alguma prevista aos seus proprietários se estivessem assentadas sobre áreas de interesse à expansão urbana da cidade. Na atualidade os chalés ainda são bastante comuns no Bairro do Macuco; esse tipo de moradia é ocupada de duas maneiras: de modo unifamiliar ou multifamiliar; neste último caso, como exemplos de cortiços.

A resistência por parte da classe de trabalhadores obrigou o poder público a admitir moradias que esse grupo social pudesse custear, levando em consideração que as construções individuais, de alvenaria, edificadas sob o padrão higienista, não eram condizentes com a realidade econômica das referidas classes sociais.

Andrade (1989, p. 212) esboça os elementos que contribuíram para a construção desse tipo de moradia.

“Foram os seguintes fatores da expansão dos chalés como moradia popular: necessidade premente de moradia; alto custo dos aluguéis no Centro; pressão da Comissão Sanitária contra os cortiços por causa das epidemias; não-execução dos planos de habitação popular; mão-de-obra barata e costume do mutirão; relevo da planície; existência de madeira trazida ou pela ferrovia ou por navios; presença das linhas de bondes, ligeiros e até baratos; e ideia de construir uma casa de madeira: o chalé” (ANDRADE, 1989, p. 212).

A permissão pública para a edificação de chalés foi estabelecida pela Lei nº. 803 de 31 de dezembro de 1926, que definia os perímetros urbanos da cidade. Conquanto áreas prescritas na referida lei definissem o Macuco como perímetros suburbanos e rurais, somente nesses locais ocorreu a permissão pública para a edificação dos chalés.

Carriço (2002, p.11) destaca que a concessão dada pelo poder público para edificações que atendessem à camada de poder aquisitivo mais restrito em alguns perímetros da cidade foi justificada, principalmente, pela segregação evidenciada no Código de Construções da Cidade de 1822, o qual definiu os limites intra-urbanos.

Para este autor, a partir desse ordenamento territorial ocorreu o aumento do valor do preço do solo urbano em determinados perímetros, restando à camada menos favorecida da população viver nos chalés de madeira, já que não pôde arcar com os altos valores cobrados pelas moradias geminadas.

Andrade (1989, p.210) também exprime os motivos que desencadearam a propagação dos chalés pela cidade de Santos, em especial nos Bairros mais pobres.

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

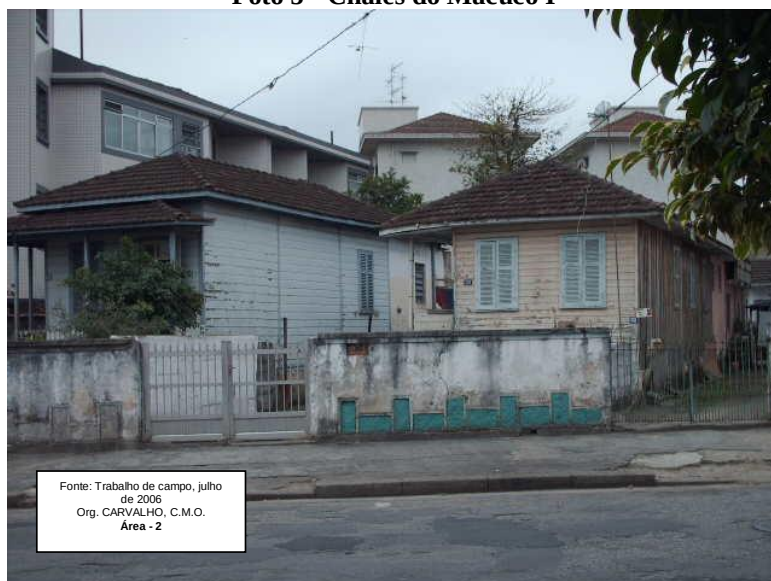
“O centro de Santos torna-se valioso, por razões comerciais. As firmas comissárias, as exportadoras, precisavam de espaço, inclusive para os armazéns de café. Os casarões foram subdivididos e transformados em cortiços e a área tornara-se super-povoada.”(ANDRADE, 1989, p. 210).

A Lei 825 ratificava a permissão para a edificação dos chalés, mas garantia ao poder público o direito de demolição caso ocorresse o interesse em promover a manutenção da ordem pública; fosse por higiene, fosse por embelezamento.

De acordo com Sales (1999), essas desapropriações eram realizadas com grande violência, cabendo aos cidadãos que haviam se instalado nesses locais apenas o valor de suas propriedades, sem indenização alguma.

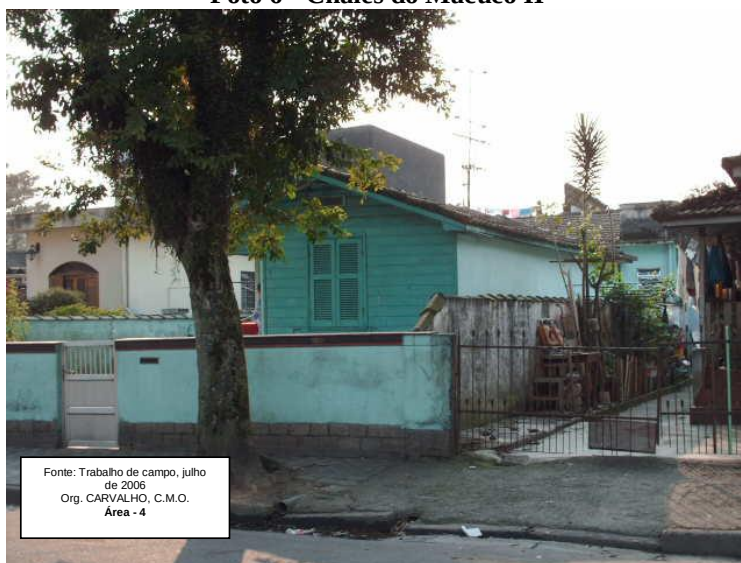
Em consequência dessas ações públicas, a maioria dos moradores despossuídos de suas moradias migrava para outras áreas da cidade, pois o valor pago pelas propriedades demolidas não era o suficiente para manter a moradia no mesmo local.

Foto 5 - Chalés do Macuco I



Os chalés voltados para a população trabalhadora são edificados em madeira; em geral, o quarto principal é voltado para a rua; os demais cômodos são uma sala, cozinha e banheiro, sendo os dois últimos construídos de alvenaria conforme as deliberações do poder público (Andrade, 1989).

Foto 6 - Chalés do Macuco II



Em geral, os chalés estão presentes em todas as ÁREAS analisadas no Macuco, exceto na Área 1. Nesse sentido, retorna-se a análise do processo de expansão da cidade e percebe-se que as leis municipais só aceitaram esse tipo de acomodação da classe operária em áreas localizadas nos perímetros suburbanos e rurais. As áreas que concentram as maiores expressões desse tipo de edificação compunham estes perímetros.

Foto 7 - Chalés do Macuco III



Foto 8 – Chalés do Macuco IV



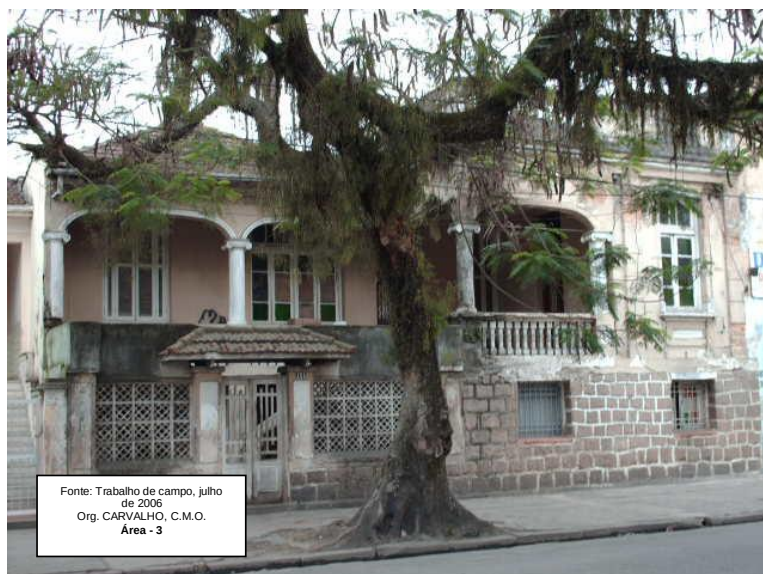
No passado os chalés se constituíram como alternativa de moradia para a classe trabalhadora de poder aquisitivo restrito. Na atualidade, também ocorre a mesma dinâmica em algumas dessas edificações, pois muitas delas tornaram-se moradias multifamiliares (cortiços). O lote que assenta esse tipo de edificação é considerado amplo em relação às demais edificações da atualidade. Na zona leste da cidade, os valores do preço do solo urbano se elevam continuamente; desse modo, a utilização máxima do lote garante o aumento do lucro para as construtoras. A oferta de chalés no Macuco colaborou para a manifestação de uma nova dinâmica de construções no Bairro: as *moradias sobrepostas* que, em geral, são construídas sobre os lotes de antigos chalés.

No processo de ocupação do Bairro do Macuco é possível perceber a presença de sujeitos sociais distintos entre si coabitando no mesmo espaço. Na atualidade, vê-se a presença de muitos casarões denominados de casas assobradadas, datadas das primeiras décadas do século XX.

Lei nº 410 de agosto de 1910

“Artigo 1 : Sob a denominação de “casas assobradadas” ficam entendidas as que tiverem “um pavimento térreo, de três metros a três e cinquenta centímetros (3m a 3m e 50 cm) de altura, um pavimento superior de quatro metros a quatro metros e cinquenta (4m, 4m e 50 cm), e um porão de sessenta centímetros (60 cm).”

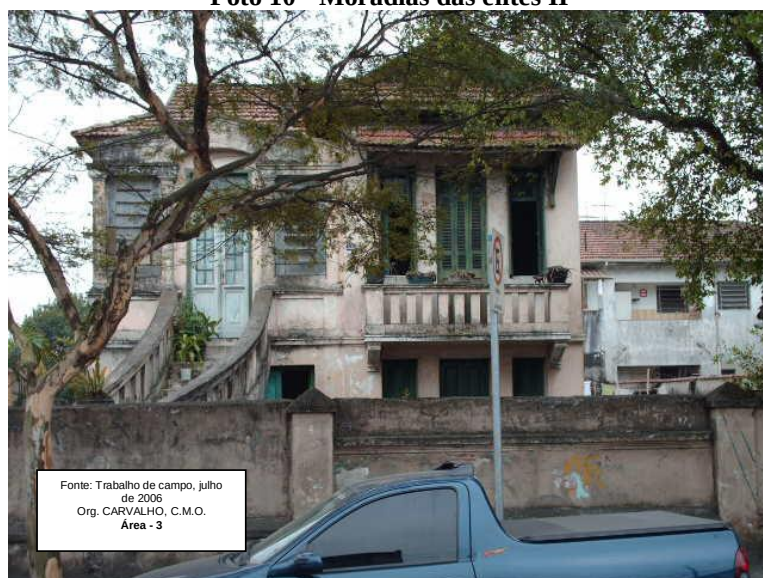
Foto 9 - Moradias das elites no início do século XX no Macuco



Fonte: Trabalho de campo, julho de 2006
Org. CARVALHO, C.M.O.
Área - 3

Essas figuras (Moradias da elite) retratam as antigas moradias de pessoas de poder aquisitivo mais elevado no Bairro do Macuco. A partir da apreciação destas, e de acordo com as análises de Lanna (1996), a classe operária da cidade não possuía meios econômicos para usufruir desse padrão de moradia. Ressalte-se ainda que a instalação de infraestrutura no local, bem como o aumento das atividades comerciais e portuárias no antigo núcleo urbano da cidade, estimulou o deslocamento das famílias mais abastadas em direção à ocupação do Macuco e de áreas recém expandidas da cidade. Atualmente, algumas dessas edificações também são ocupadas de modo multifamiliar como a edificação representada na foto 10; porém de uma forma diferente dos cortiços, pois elas são internamente subdivididas, isto é, o porão é ocupado por uma família, alguns quartos por outra, e em algumas situações há uma entrada diferente para determinadas famílias, como também alguns banheiros individuais.

Foto 10 - Moradias das elites II



Fonte: Trabalho de campo, julho de 2006
Org. CARVALHO, C.M.O.
Área - 3

Os documentos sobre o ordenamento territorial do município, bem como a leitura de autores como Lanna (1996) aludem à presença de uma classe de alto poder aquisitivo no Macuco. É válido mencionar que a elite da cidade vivia no centro até os finais do século XIX, e começou a migrar para outras localidades devido ao aumento das atividades comerciais e portuárias.

“A presença de órgãos administrativos e burocráticos ligados ao Estado, o desenvolvimento ainda que incipiente de um setor bancário e de serviços e a crescente presença da Companhia Docas com seus funcionários mais qualificados foram estímulos importantes para o aparecimento de moradia dissociada do local do trabalho. Muitos destes empregados moravam nas novas ruas próximas ao centro e nos novos bairros que estavam se constituindo no período.” (LANNA, 1996, p. 125)

Ainda, no sentido de compreender a presença de sujeitos sociais pertencentes à elite do Macuco, observa-se em Lichti (1996) a influência desses moradores na Câmara Municipal, como, por exemplo, no impedimento da construção de um cemitério público no Bairro, o qual foi interceptado por esses sujeitos sociais.

Esse impedimento foi solicitado por “boas pessoas empenhadas na luta pela Abolição da escravidão” (LICHTI, 1996, p.386). Sendo assim, considera-se que, além da classe trabalhadora, havia uma classe privilegiada ocupando o Bairro; seja privilegiada econômica, seja política, seja culturalmente.

3.3 – As transformações recentes do Bairro do Macuco

A economia baseada na atividade cafeeira norteou as transformações espaciais verificadas em Santos até o presente momento de nossa análise, quando o Bairro do Macuco foi loteado e ocupado por segmentos sociais diferenciados.

Determinadas mudanças observadas na economia do Estado de São Paulo contribuíram para transformações espaciais na cidade, em especial, em nosso recorte analítico. Dentre essas mudanças salienta-se o processo de industrialização e ampliação do setor de serviços no estado paulista (IBGE, 1977).

O IBGE (1977, p.231) informa que a Baixada Santista recebeu um afluxo significativo de migrantes, sendo que mais da metade desses sujeitos sociais instalou-se na cidade de Santos motivada, principalmente, pelas atividades industriais-portuárias.

Ainda, é válido mencionar a construção da rodovia Anchieta. Para Lichti (1996), a construção dessa rodovia contribuiu para o aumento significativo da população migrante na cidade.

Seabra (1979) evidencia a importância da abertura dessa rodovia e as consequências que ela trouxe para a realidade urbana da cidade:

“[...] alguns trabalhos assinalavam já um fluxo domingueiro para Santos mesmo antes da construção da Via Anchieta, servindo para esse fim os trens da São Paulo Railway. Mas não resta dúvida que foi com a construção da Via Anchieta que ganhou proporções esse fluxo de fins-de-semana” (SEABRA, 1979, p. 50).

Integrado ao dinamismo econômico do Estado de São Paulo e ao consequente aumento populacional observado em Santos, salientam-se as mudanças espaciais ocorridas em nosso recorte analítico.

As mudanças observadas na cidade de Santos são relacionadas, segundo Sales (1999), à passagem do “predomínio cafeeiro para o predomínio industrial”, sendo que para o autor essa transição deixou marcas nas atividades portuárias, bem como na estruturação da cidade.

Entre as mudanças espaciais da cidade observa-se a verticalização na orla marítima. Seabra (1979, p.15), em seu estudo sobre o uso do solo urbano na orla de Santos, verificou que até o início do século XIX esse espaço era edificado por chácaras de veraneio e, posteriormente, por palacetes ocupados predominantemente por fazendeiros e comerciantes de café.

Seabra (1979) confirma essa menção ao apontar áreas voltadas para praia como local de moradia das elites.

“Por volta dos anos 30, os segmentos sociais mais abastados da sociedade santista já habitam em caráter permanente a orla entre o Gonzaga e o Boqueirão ou, mais precisamente, entre a Av. Ana Costa e a Av. Conselheiro Nébias, na área posteriormente denominada Vila Rica (SEABRA, 1979, p. 15-16)

Entre as décadas de 50 e 60 do século XX, os usos da orla marítima se voltaram para novos segmentos sociais. Novas edificações foram surgindo nesse espaço em detrimento dos palacetes. No local eram construídos prédios que serviam como a segunda moradia para turistas provenientes principalmente da capital paulista.

É válido mencionar que os novos usos estabelecidos na orla de Santos instauraram novos ideários, novos desejos e novos valores de moradia; isto é, a proximidade com a praia garantiria ao indivíduo que podia usufruir desse espaço certo status social.

Diante disso, parte dos moradores de alto poder aquisitivo que ocupava o Macuco migra para áreas mais próximas das praias. É relevante destacar que essa migração não se demonstrou como a principal tendência dessa classe, pois muitos moradores permaneceram no Bairro.

Ao mesmo tempo em que as áreas contíguas às praias se valorizavam devido ao status social, o preço do solo urbano na cidade também se elevava. Assim, a classe média viu no Macuco a possibilidade de viver entre o centro principal e as praias, beneficiada pela infraestrutura e preços mais acessíveis.

Sales (1999) contribui com essa análise mencionando o incremento das atividades industriais no município vizinho de Cubatão. Para este autor, essa atividade se constituiu como um elemento motivador do crescimento populacional em Santos¹⁶, contribuindo com a abundância de pessoas que compunham a classe média na cidade (SALES, 1999, p.137).

A classe média que migra para os bairros primeiramente loteados para fins operários, contribui para a expulsão de parte dos segmentos inferiores economicamente (doqueiros, estivadores, trabalhadores do comércio e outros). Estes moradores se direcionam para áreas mais distantes do centro, como, por exemplo, os Bairros Chico de Paula e Jardim Bom Retiro¹⁷.

¹⁶ É muito comum na Baixada Santista o deslocamento diário de pessoas que trabalham numa cidade e moram em outras. Esta afirmação é ainda mais relevante ao observar a contiguidade territorial que existe entre as cidades que compõem a região metropolitana da Baixada Santista.

Destacamos que a cidade de Santos se apresenta na região como o centro da Baixada Santista. Devido a sua infraestrutura, comércio e serviços, o imaginário coletivo dos sujeitos sociais da região a associam com uma cidade que conferiria certo status social para as pessoas que nela vivem. Isso reforçaria sua centralidade, fazendo com que se procurasse essa cidade para moradia em vez de viverem nas demais cidades que compõem a referida região metropolitana.

¹⁷ A Figura 1 da página 1 retrata a localização destes Bairros.

Assim, o tecido urbano da cidade torna a se modificar, acercando-se da valorização crescente do preço do solo urbano na porção leste e, concomitantemente, do avanço dos trabalhadores para a zona noroeste (Sales, 1999).

Neste aspecto, Carvalho (1944, p.193) demonstra essa tendência afirmando que “[...]São as antigas residências da classe média e mesmo abastada, abandonadas pelos seus habitantes, que migraram em busca de moradia mais agradáveis nas avenidas e nas praias, que serão ocupadas pelas classes de poder aquisitivo limitado”.

A migração da população mais abastada do Bairro contribuiu para a proliferação dos cortiços. Esses cortiços eram formados a partir de adaptações de grandes casas geminadas e de antigos casarões assobradados.

Essas edificações sofreram alterações em seus usos (moradias unifamiliares tornaram-se multifamiliares), constituindo-se num movimento contrário àquele observado no início do século XX, quando a maioria dos cortiços da área central foi destruída sob o discurso das políticas e práticas higienistas.

Apesar da busca por melhores condições de moradia, grande parte dos operários, estivadores e segmentos mais pobres da população permaneceu no Bairro. Esses segmentos sociais continuaram ocupando os chalés de madeira, assim como as antigas moradias de elites transformadas em cortiços.

Seabra (1979, p.24), ao analisar a produção do espaço nas áreas voltadas para a orla de Santos, menciona que a “urbanização capitalista define as diferentes modalidades de uso do solo como sendo aquela que confere a máxima renda”.

Neste sentido, pressupõe-se que a transformação em cortiços das antigas moradias das classes de alto poder aquisitivo do Bairro caracteriza-se como a possibilidade de auferir a renda máxima do imóvel. Esta ideia recebe relevância ao analisar as condições socioeconômicas da maioria dos moradores do Macuco, que se constituía prioritariamente de trabalhadores portuários.

Além das mudanças verificadas nas formas residenciais, é importante salientar a presença das atividades portuárias no cotidiano dos moradores do Macuco.

De acordo com Sales (1999), nos planos elaborados por Saturnino de Brito para a orientação do crescimento urbano da cidade de Santos não constava a adequação do espaço urbano para usos concomitantes, como, por exemplo, a inserção de atividades portuárias no tecido urbano.

Todavia, nos dias atuais, as atividades portuárias extravasam os limites contidos pelas muralhas construídas pela Companhia Docas, estando presentes no cotidiano dos moradores do Bairro, seja por meio do tráfego de caminhões, seja pelas transportadoras e armazéns que particularizam a paisagem do local.

Sales (1999) enfatiza essas reflexões ao mencionar a atividade petrolífera como atividade responsável por uma nova e intensa movimentação portuária na década de 80 do século XX (1999, p. 98). Entre as consequências do aumento das atividades portuárias, destacam-se as inovações no setor portuário e no perímetro urbano da cidade.

A partir disso, o autor destacou a presença maciça de atividades portuárias no Macuco; principalmente, no que se refere à instalação de “terminais de contêineres com extensos pátios livres (margem esquerda do estuário e parte do setor correspondente ao armazém 37, no Macuco)” (SALES, 1999, p.101).

A expansão portuária sobre as áreas residenciais, dentre elas o Macuco, é concebida por Sales (1999) como processo resultante da falta de uma legislação municipal específica para a gestão de áreas consideradas limítrofes com o porto, sendo que estas acabam sendo invadidas pelo “tráfego e pelas instalações portuárias e de suporte” (SALES, 1999, p.185).

O Macuco reúne em seu espaço a coexistência de usos diferenciados, dentre eles a expressiva função de moradia conjuntamente com a função portuária. Essa paisagem reúne o velho e o novo mediados pela relação espaço-tempo.

As áreas do Bairro que mesclam os usos residenciais junto aos portuários são essencialmente as mais desvalorizadas. Essa desvalorização é apreendida por meio de suas formas de moradia, que, em grande medida, correspondem à maior emergência de cortiços e casas de cômodos sobrealugados.

Sales (1999) destaca o conflito entre porto e a cidade, observando que por meio das falhas da legislação municipal o porto avança em direção à malha urbana “[...] fato que, admitido até mesmo pela administração portuária, encontraria brechas da legislação de uso e ocupação do solo, espaço para, como se viu, invadir antigas áreas residenciais expulsando população e desvalorizando imóveis” (SALES, 1999, p.187).

Foto 11 - Atividades portuárias no Macuco I

Formatado: Fonte: 12 pt



As atividades portuárias estão presentes em todas as áreas analisadas no Macuco, todavia, determinadas atividades promovem uma diferenciação para a paisagem do Bairro, cuja função operária torna-se sobrepujante as demais, como a função de moradia.

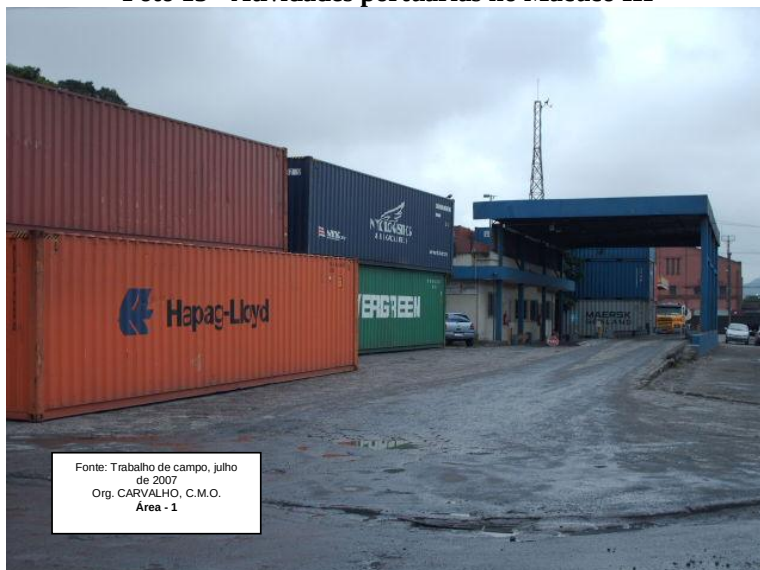
Esta foto retrata a presença de armazéns no Macuco, além disso, ela apresenta um traço da relação entre o morar e as atividades portuárias, pois não existem setores definidos para a reprodução destas atividades. Neste sentido, evidenciamos o relato de um morador que informou sobre as brincadeiras de meninos dentro dos armazéns do Bairro, os quais deslizam sobre os montes de grãos ali armazenados.

Foto 12 - Atividades portuárias no Macuco II



Esta foto apresenta os limites entre o porto e as áreas de moradia através da muralha observada na foto, porém o caminhão estacionado ao lado, resguarda a associação entre as atividades do porto junto às vivências cotidianas do Bairro.

Foto 13 - Atividades portuárias no Macuco III



Sales (1999), ao desenvolver sua análise sobre as propostas de Saturnino de Brito para o ordenamento territorial da cidade, observou que seu plano definia áreas respectivas para a atuação das atividades portuárias; todavia, o que se observa é o aumento dessas atividades sobre os trechos urbanos, extravasando as muralhas que traçam o limite entre a cidade e o porto.

Estas figuras foram extraídas de áreas em que há a coexistência das funções de moradia concomitante à funções portuárias.

A convivência dos moradores junto às atividades portuárias exprime o lugar no Macuco. Essa convivência retrata parte dos anseios dos moradores quando expõem os problemas relacionados ao tráfego dos caminhões. Por outro lado, esses sujeitos sociais percebem que o Macuco é marcado pela dinâmica entre as atividades portuárias e residenciais.

As novas formas que emergem no Bairro demonstram que a produção das cidades é extremamente dinâmica. A dinâmica do Macuco envolve a ação dos agentes sociais que se reproduzem socialmente no lugar, bem como a dos agentes produtores do espaço, que buscam em suas ações criar possibilidades de reprodução do capital.

Neste sentido, destacam-se as novas tendências de edificação presentes em toda a cidade e especialmente no Macuco, as moradias sobrepostas.

As moradias sobrepostas são edificações construídas no mesmo lote. Geralmente, trata-se de uma moradia térrea e outra numa camada acima. Essas edificações são, em sua maioria, amplas, constituindo-se de dependência para empregados, suítes, garagens e áreas de lazer com churrasqueira.

Segundo a definição do site www.sobrepostas.com.br, especializado no comércio dessas moradias:

“O site www.sobrepostas.com.br foi criado em dezembro de 2006, depois da constatação que não existia um canal direto de compra e venda para esse tipo de construção”.

“O conceito de casas sobrepostas foi implementado em Santos e nas cidades vizinhas pelos imigrantes portugueses, pois como em Portugal, o alto valor dos terrenos obrigava os arquitetos e construtores lusitanos a desenvolverem e projetarem construções otimizadas plurifamiliares em uma mesma área, fazendo com que os valores de uma mesma obra pudesse ser dividido por 3, 4, ou 5 famílias”.

“Com o passar do tempo, o conceito foi agregando valor, e passou a oferecer todas as benfeitorias pertinentes a casas isoladas e edifícios residenciais, mas com as vantagens pontuais da segurança e da economia no valor do condomínio inexistente”.

É evidente a proliferação dessas moradias pelo Bairro do Macuco em detrimento de antigos lotes, onde se assentavam os chalés.

Um empreiteiro de obras informou que essas edificações estão se espalhando pela cidade como uma alternativa para as pessoas que preferem viver em casas a viver em apartamentos; por serem construídas num mesmo lote, tais edificações garantem menores custos.

“A casa é uma das maiores do bairro, logo na entrada, um bom hall de distribuição leva a cada uma das 3 salas grandes e iluminadas, servidas por lavabo e com portas-balcão que levam para a área externa.

A cozinha, também grande, é toda branca, clara e prática, tem saída para o wc, quarto de empregada, lavanderia e quintal da casa”.

“A parte superior conta com 4 dormitórios, todos com varandas, sendo 3 suítes grandes com closets e 1 dormitório também com closet e servido por um belo banheiro”.

“O quintal é imenso e dá a volta na casa, dispõe de solarium, uma grande área aberta que serve como espaço para piscina, além de uma edícula com banheiro”.

“A casa conta com espaço para estacionar até 6 automóveis, sistema de alarme e portão automatizado”.

“Valor R\$ 800.000,00”¹⁸.

¹⁸ Disponível: www.SobrePostas.com.br. Acesso: julho de 2008.

As moradias sobrepostas no Macuco, em geral, são construídas sobre os lotes dos antigos chalés. Essas edificações são voltadas para uma população de poder aquisitivo mais elevado do que a renda média dos moradores do Bairro.

O Macuco tem sido visto como um lugar onde há a possibilidade de expandir esses padrões de edificações, principalmente devido à abundância de chalés de madeira, que possuem baixo valor do imóvel, e amplos lotes numa área considerada de boa localização na cidade, isto é, entre o centro e as praias.

Seabra (1979) analisou a construção dos prédios na orla de Santos à luz da lógica capitalista. A abordagem da autora confere ao solo a possibilidade de ampliar o seu preço através da criação de novos usos.

[...] “Esse movimento caminha num sentido de buscar melhor adequação entre o uso presente e o uso possível. E, o uso possível é sempre aquele que confere ao solo maior preço. Ou se quiser, aquele que confere aos proprietários da terra a renda máxima” (SEABRA, 1979, p.84)

Neste sentido, vê-se que a construção das sobrepostas exprime a mesma lógica evidenciada por Seabra (1979) na orla de Santos. A construção destas garante o aumento significativo do preço do solo urbano; neste caso, retira-se uma edificação de baixo padrão para a instalação de novas e modernas moradias.

O processo que envolveu a produção do espaço urbano em Santos no que se refere à valorização de determinadas áreas da cidade também exprime a lógica de apropriação do espaço, como, por exemplo, o deslocamento de antigos moradores para áreas mais distantes do centro principal que, em geral, apresentam precariedades em relação aos equipamentos urbanos.

Além das dificuldades relacionadas ao acesso a determinados equipamentos urbanos, os moradores que se veem impossibilitados de permanecer nas áreas recém valorizadas pelo capital imobiliário são obrigados a abandonar seus sonhos, seus valores afetivos construídos ao longo do tempo; e, por outro lado, formam-se novas identidades, pois os novos moradores recriam esse espaço a partir das experiências que passam a reproduzir no lugar.

A paisagem do Macuco, composta por novas e velhas formas, é analisada no Capítulo 4, no qual tentamos compreender os conteúdos que exprimem os

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

significados da aparência, isto é, analisar o movimento que materializou as formas que compõem a paisagem desigual da área em estudo.

A leitura que empreendemos no próximo capítulo parte da aparência das formas do Bairro no sentido de aclarar a apropriação desse espaço, priorizando entender como sujeitos sociais distintos entre si coabitam o mesmo espaço singularizando-o conforme as experiências que os cercam.

4 A leitura da Paisagem do Bairro do Macuco

Na paisagem do Macuco observa-se a coexistência de formas velhas e recentes. Algumas vezes, o velho foi reformulado e transformou-se em algo novo; noutras vezes, o conteúdo de uma determinada forma se altera, mas a forma continua avelhantada. As formas recentes podem carregar consigo novos valores, novos desejos, ou mesmo arrancar velhas possibilidades.

Nesta dissertação, as moradias são as formas estudadas. As formas do Macuco são analisadas junto aos seus conteúdos, aos usos e funções que elas desempenham na estrutura da cidade.

Os significados do Macuco podem ser apreendidos através do cotidiano. O ritmo do lugar varia conforme os usos que nele se reproduzem: o intenso tráfego de caminhões; o barulho dos carrinhos de feira em dias de feiras livres; os gritos e os risos que ecoam nos bares; os meninos que correm em direção às pipas que planam sobre o lugar; o burburinho entre os moradores.

É a partir do conteúdo da paisagem que as formas do Macuco deixam de ser apenas visíveis para se tornarem compreensíveis. Essa compreensão parte do visível — nesse caso, das formas de moradia —, para analisar o processo que materializou essas formas e, ainda, o modo como ocorre a sua apropriação, a qual imprime ritmo ao lugar.

Whitacker (1997) corrobora essa ideia ao enfatizar que “[...] atribuir valores às formas espaciais, isso sempre se dá, mas essa valoração é historicamente determinada. Assim toda forma espacial possui um valor pretérito, presente, latente, e, também, espacialmente relativo (WHITACKER, 1997, p.41)”.

Maciel (2006) delinea a posição do geógrafo frente ao estudo da paisagem.

“Para compreender as formas que são reveladas através da observação, o geógrafo deve reunir, comparar e decifrar os padrões espaciais constatados, buscando analisar a localização dos elementos, a teia de relações que os unem e os processos que os ensinam e alteram. Desta maneira, os elementos da paisagem não são vistos como formas separadas, mas em íntimo e dinâmico interrelacionamento [...]” (MACIEL, 2006, p.2).

Diante do que foi exposto, viu-se a necessidade de entender o conceito de paisagem, partindo da ideia de que não temos um objeto de estudo estático, mas sim dinâmico, dotado de ritmos historicamente construídos, que foi, e ainda é, constantemente reformulado pelas relações sociais que nele se manifestam.

Não se objetiva nesta pesquisa resgatar as discussões atreladas às diversas abordagens sobre a paisagem, mas sim trilhar uma base conceitual para refletir sobre a paisagem verificada na área de pesquisa apresentada.

Para tanto, é indispensável observar as abordagens sobre o conceito de paisagem, tendo em vista que há um objeto delimitado espaço-temporalmente que apresenta diferentes significações, seja para o pesquisador que o analisa, seja para os sujeitos sociais que ali vivem. Portanto, há de se construir uma metodologia para analisá-lo.

Salgueiro (2001) apresenta a perspectiva francesa orientada pelas ideias de A. Frémont. Essa abordagem não compreende a paisagem numa perspectiva fenomenológica, embora as escolhas espaciais e as inter-relações sociais e econômicas sejam elementos norteadores para o estudo da paisagem.

As abordagens mais recentes, apontadas por Salgueiro (2001), apresentam uma leitura dual da paisagem, entre o real e o subjetivo, entre os objetos que são apreendidos pelo campo da visão, como também através das sensações que produzem no observador (2001, p.49)¹⁹.

Domingues (2001) aponta a transição de uma sociedade rural para uma sociedade industrial como o marco de uma crise epistemológica acerca do conceito de paisagem. Segundo ele, as mudanças provocadas pela nova ordem social contribuíram para o arrefecimento da verdade estabelecida em torno da descrição — enquanto a sociedade era rural, de paisagem bucólica — de técnicas produtivas reconhecidas por todos. Havia um ideário comum de paisagem.

“ [...] face à velocidade das mudanças sociais, pode se originar uma situação paradoxal em que aquilo que se vê ou que nos é descrito, caracterizado ou inculcado (a paisagem in visu) já não é explicado ou concordante com os estereótipos tradicionais” (DOMINGUES, 2001, p.56).

¹⁹ Os autores recentes analisados por Salgueiro (2001) são: Sonnenfeld (1972); Brunet (1974); Rougerie e Beroutchachvili (1991) e Rimbert (1973).

A análise de Santos (1986, p. 38) exprime as transformações da paisagem mediadas pelas novas necessidades da sociedade, reportando-se às alterações das formas como expressões desse dinamismo: “A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social [...]”.

As ideias de Cosgrove *apud* Schier (2003) consideram a paisagem como uma representação dos discursos e pensamentos: “[...] Assim, a paisagem se faz através da criação de uma unidade visual onde o seu caráter é determinado pela organização de um sistema de significação. O local é, então, complexo, com múltiplos patamares de significados” (SCHIER, 2003, p.6).

A discussão acerca do conceito de paisagem é muito ampla na Geografia. Gomes (1997), em sua tese de doutorado, viabilizou um extenso trabalho de análise das correntes de pensamento que enfocavam esse conceito. A autora trasladou sobre obras clássicas que valorizavam a paisagem como a descrição de aspectos fisionômicos semelhantes num determinado território. Também destacou a influência cultural sobre a paisagem, sob uma perspectiva de interação entre dois entes geográficos, natureza e cultura (GOMES, 1997)²⁰.

Gomes (1997, p.28) apresenta as reflexões de Schlüter (1952) a respeito da paisagem e da ação do homem. Segundo a autora, em sua abordagem enfatiza-se a “análise da produção da paisagem pelo homem”.

“Depois que Ratzel buscou unilateralmente definir a relação homem e natureza – onde o homem seria influenciado pela natureza – Schlüter identificou as atividades do homem como marcas e a Paisagem Cultural como resultado do conjunto de forças imprimidas pelo homem” (GOMES, 1997, p.33).

Gomes (1997) resgatou as tipologias de paisagem identificadas por Gerhard Hard (1992) e analisou-as conforme o contexto em que elas foram produzidas. A ideia da autora não é desconsiderar nenhuma abordagem sobre a paisagem, pois,

²⁰ Ver Capítulos 1 e 2 da Parte I - GOMES, E.T.A. Recortes de paisagens na cidade do Recife: uma abordagem geográfica. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 1997.

segundo ela, cada abordagem carrega consigo os traços históricos que asseguram a sua cientificidade.

As tipologias analisadas à luz de Gomes (1997) proporcionaram elementos para a reflexão sobre a utilização do conceito de paisagem no estudo do Bairro do Macuco. Primeiramente, enfatizamos que não pretendemos analisar o local através de modelos de semelhanças, de delimitações de elementos homogêneos.

Um traço relevante do recorte analítico são as heterogeneidades que o compõem. Essas heterogeneidades estão materializadas nas formas do Bairro e no modo em que a vida se realiza no lugar.

Neste estudo, é imprescindível recorrer a uma análise que vislumbre a relação entre o espaço e o tempo. A categoria tempo pode ser apreendida através de “recortes históricos”, pois estes auxiliam na contextualização das transformações verificadas no recorte analítico. Assim, permite compreender assincronicamente a dinamicidade que envolveu a produção desse espaço.

A interpretação de Gomes (1997) sobre a tipologia 11 de Gerhard Hard (1992)²¹ ilustra a abordagem que melhor aclara o entendimento da paisagem do Macuco.

“Dessa forma, constata-se sua inserção no paradigma de dualidade que sustenta os princípios geográficos. Ela é materialidade, quer seja natural ou construída, e como tal passível de mensuração e comparação face aos princípios sociais e valores determinantes da sociedade que a institucionaliza, a partir da seleção de seus espaços. Por outro lado ela é abstração, pautando-se no recorte arbitrário de quem a colhe, filtrando-a segundo seus recortes de sensibilidade e de conhecimento formal ou não, sobre a confecção histórica e cultural de formação dos espaços” (GOMES, 1997, p. 45).

O reconhecimento do Macuco pautado nessa abordagem está relacionado à sua materialidade. Materialidade como forma urbana construída ao longo do tempo, num processo motivado por ações do poder público, dos agentes privados, dos moradores e dos usuários do Bairro.

²¹ Metáfora para a totalidade de fenômenos de qualquer natureza, de grande envergadura e complexidade – pensada em sua variedade e multiplicidade. Uma articulação espacial não pressupõe necessariamente a existência de uma cobertura espacial. Nesse sentido se situam as ações políticas, por exemplo, e seus discursos acerca das paisagens por eles acenadas, que não se amoldam, em verdade, ao conceito científico de paisagem (GOMES, 1997, p.45)

A paisagem apreendida na área de pesquisa não trata apenas de aspectos materializados, pois é justamente a apropriação de suas formas — e nem mesmo as formas são estáticas no Macuco — que torna essa paisagem heterogênea.

Neste sentido, advertimos que, sem uma acurada investigação, o Macuco pode ser apreendido como exemplo da deterioração de determinadas áreas de uma cidade. Contudo, pretendemos considerar neste trabalho a profunda dimensão social e econômica expressa no que a vista alcança e no que uma abordagem científica possa corroborar para o entendimento desse processo. Essa menção é válida quando apropriamo-nos da interpretação de Santos (1996):

“A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao significado” [...] (SANTOS, 1996, p.62)

Em consonância com as análises de Santos (1996) sobre a paisagem, vê-se a indissociação entre paisagem e os resquícios de uma lógica pretérita de produção e a convivência com novas formas de produzir o econômico espacialmente.

O que se pretende analisar neste trabalho é o que Santos (1996, p.66) define como “anarquia das cidades capitalistas” [...] “Se juntos se mantêm elementos de idades diferentes, eles vão responder diferentemente às chamadas demandas sociais”.

No mesmo sentido, extrai-se das ideias de Ribeiro (2001) sobre a paisagem:

“Qualquer paisagem apresenta, para além dos factos visíveis, as marcas de muitos outros factos, de diferentes categorias, que influenciam e explicam os primeiros: desde o estado variável da atmosfera, que hoje se pode observar por satélite, até à produção e circulação dos produtos comerciais, em consequência de decisões políticas e económicas, mas que acabam por se inscrever no solo; a circulação das ideias, particularmente imponderável, mas que modifica gestos e hábitos, e vislumbra-se também nas paisagens modificando o comportamento das pessoas” (RIBEIRO, 2001, p.29)

Por detrás daquilo que a vista alcança há sentidos históricos, políticos, afetivos, culturais e, acima de tudo, heterogêneos, dada a diversidade social de seus moradores. Neste ínterim, o Macuco é uma paisagem materializada, mas dinamizada pelas experiências de vida que se manifestam em seu espaço.

Assim, esta análise vislumbra entender a interação das formas e dos conteúdos na medida em que a paisagem é concebida como o conceito que alia o material ao imaterial, como se o conteúdo denotasse a compreensão dos significados expressos pela materialização do Macuco.

O presente capítulo foi dividido em duas partes. O primeiro texto é referente à discussão sobre a paisagem do Bairro, destacando áreas consideradas similares dentro da área de pesquisa. Já o segundo texto analisa a paisagem do Bairro a partir dos seus conteúdos. Os conteúdos evidenciados retratam os anseios, valores e significados que compõem a paisagem, por meio da pesquisa sobre o perfil socioeconômico dos sujeitos sociais do Macuco, bem como a visualização das motivações que orientaram a apropriação do lugar.

4.1 A descrição da paisagem do Macuco

Para abranger as heterogeneidades que compõem o Bairro do Macuco foi realizada a divisão de quatro ÁREAS da área de pesquisa. Essa divisão foi apenas metodológica, partindo-se do princípio que se analisa um lugar composto de uma paisagem heterogênea, isto é, de diferenças significativas tanto no que concernem às formas, quanto à apropriação.

Quadro 2 - Áreas delimitadas para a análise do Macuco

Áreas selecionadas	reqüência²²
ÁREA 1 - Cais a Av. Rodrigues Alves	0
ÁREA 2 - R. Padre Anchieta em direção a Afonso Pena	0
ÁREA 3 - R. Almirante Tamandaré a Av. Senador Dantas	0
ÁREA 4 - R. Alberto Mendes em direção ao Bairro do Estuário, compreendendo as casas populares.	0
Total	

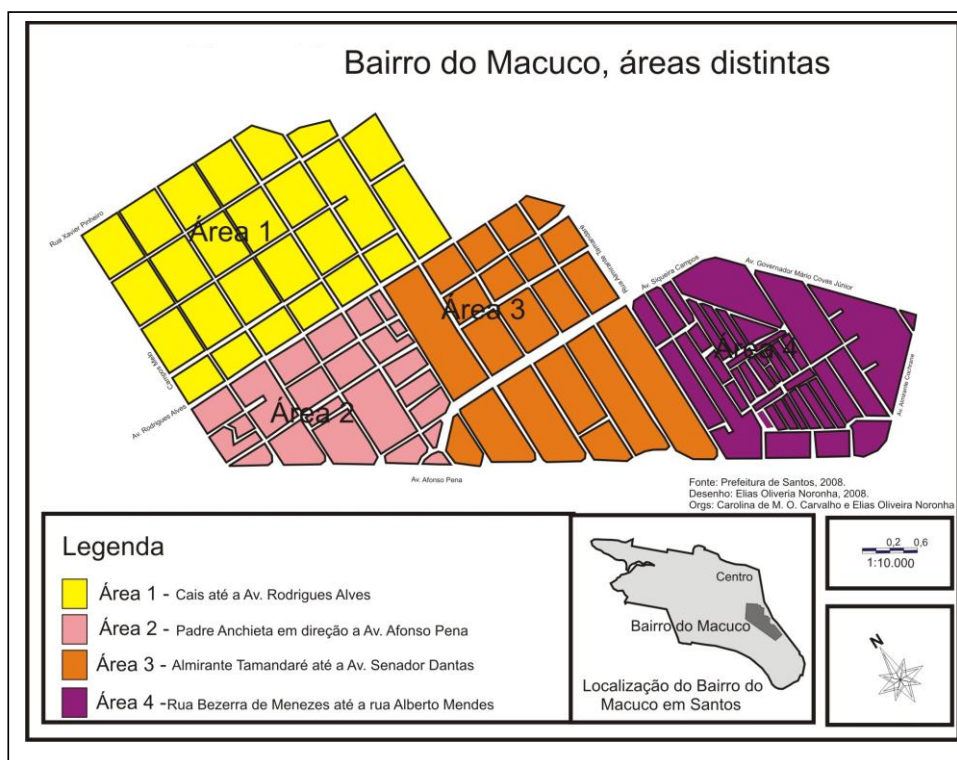
²² A frequência se refere ao percentual de amostragem de questionários, sendo 25 entrevistas aplicadas junto aos moradores, e 25 aplicadas aos frequentadores em cada ÁREA analisada no Bairro.

ÁREA 1

As ruas que compreendem a Área 1 (Figura 8, página 65) iniciam-se a partir da Rua Vinte e Oito de Setembro: Rua João Guerra, Rua Borges, Rua Padre Anchieta, Luís Gama e Campos Melo após a Avenida Rodrigues Alves, em direção ao Bairro da Vila Nova.

Essa área foi selecionada devido à proximidade com a zona portuária. No local há intenso tráfego de caminhões e atividades voltadas para a estocagem de cereais, como também para o carregamento e descarga dessa mercadoria.

Figura 8 – Localização das ÁREAS analisadas



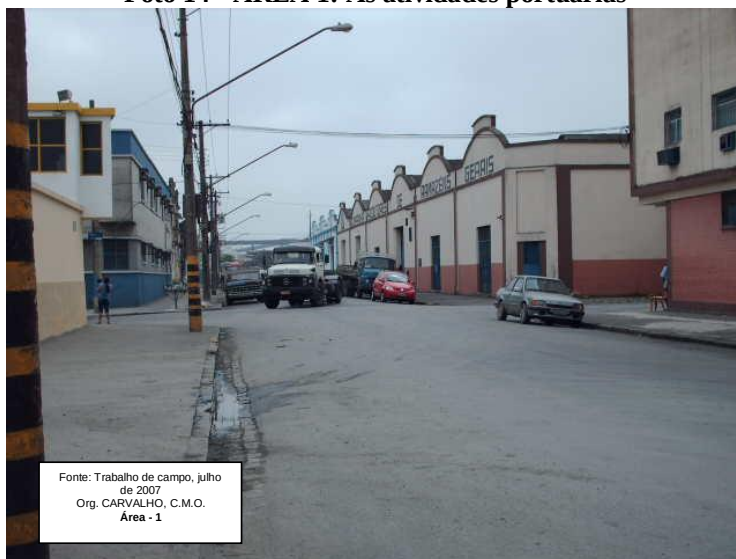
A referida paisagem apresenta casas de tipos assobradados e moradias geminadas, muitas destas utilizadas de modo multifamiliar. Também é representativo o número de grandes sobrados, os quais são isolados dentro do lote, demonstrando um

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

tempo remoto, pois na atualidade é comum a subdivisão de lotes para a edificação de duas ou mais moradias na cidade de Santos.

Em relação às moradias, também é notável a presença de pequenos prédios de até quatro andares e a inexistência de prédios de maiores proporções.

Foto 14 - ÁREA 1: As atividades portuárias



Fonte: Trabalho de campo, julho
de 2007
Org. CARVALHO, C.M.O.
Área - 1

O ritmo do cotidiano no Macuco é marcado pela indissociação entre o morar e as atividades portuárias. Esta foto apresenta uma forte incidência da atividade portuária, contudo, ao lado esquerdo na esquina, é possível observar uma mulher segurando um bebê, ou seja, o morar no Macuco se define pela aproximação de funções distintas na reprodução cotidiana, tendo em vista que o ritmo do lugar é marcado por diferentes usos e funções que se realizam concomitantemente.

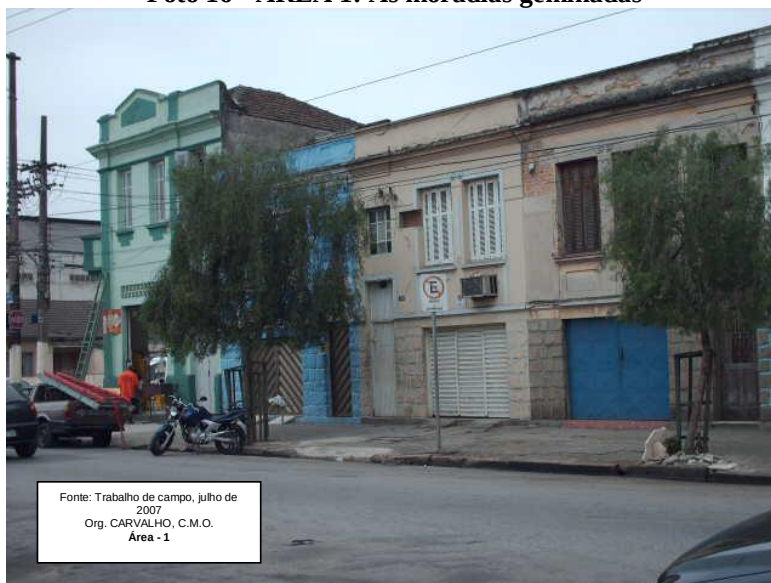
Foto 15 - ÁREA 1: As atividades portuárias e os demais usos do lugar

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro



As funções realizadas no Macuco expressam a presença de segmentos de padrão socioeconômicos diferenciados do Bairro. Nesta foto, podemos verificar a presença do caminhão e da carroça estacionados na mesma localidade, fato que podemos aludir para a multiplicidade de usos e funções que congregam no mesmo espaço.

Foto 16 - ÁREA 1: As moradias geminadas



A área 1 concentra a maior parcela de moradias geminadas que remontam às primeiras décadas do século XX. Além disso, podemos perceber a presença de trabalhadores portuários ocupando os bares da referida localidade, conforme verificamos no transcorrer dos trabalhos de campo.

Nesta área o comércio local é bastante intenso, havendo bares, supermercados, farmácias, salões de beleza, locadoras de vídeos, *lan houses*, restaurantes e pequenas lojas de roupas e calçados.

A área também possui escolas estaduais e particulares (geridas pela Igreja Católica), creches, templo católico, centros espíritas kardecistas e de candomblé, e Loja Maçônica.

Essa localidade tem uma paisagem que mescla funções portuárias e residenciais, portanto é um local de relações conflituosas, principalmente no que tange ao uso do espaço. O conflito não está relacionado às formas observadas, mas sim à realização concomitante das atividades portuárias e aos usos voltados para a moradia.

Nessa ÁREA do Bairro é comum perceber movimentações distintas durante o dia; por exemplo, é muito comum a presença maciça de homens nos bares. Durante a aplicação das entrevistas, percebemos que os frequentadores desses estabelecimentos são, em geral, moradores do Bairro e, principalmente, trabalhadores portuários.

O fluxo de mulheres nessa ÁREA é mais intenso entre as 09h00min e 11h00min da manhã; geralmente elas estão portando sacolas ou carrinhos de feira. No final da tarde é o horário em que se percebe a maior incidência de crianças brincando pelas ruas, acompanhadas de suas mães, que se sentam nos degraus das casas.

Alguns adolescentes foram questionados sobre o lazer naquela ÁREA. Um determinado grupo respondeu que aos finais de semana jogam bola dentro da Escola Estadual Visconde de São Leopoldo; outros disseram que ficam pelas ruas conversando (Fonte: trabalho de campo, julho de 2007).

ÁREA 2

As ruas que compõem a ÁREA 2 (Figura 8, página 65) são: Rua Padre Anchieta, João Guerra, José Francisco Valença, 28 de Setembro, Batista Pereira, Gervásio Bonavides, Silva Jardim e Manoel Tourinho após a Avenida Rodrigues Alves, em direção a Avenida Afonso Pena.

Essa área se distancia espacialmente da zona portuária e está localizada na transição entre o Macuco e um bairro nobre, o Boqueirão. Sua paisagem mescla casas assobradadas e geminadas de construções mais recentes, o que,

inicialmente, demonstrou um padrão aquisitivo mais elevado de seus moradores em relação à ÁREA 1.

Na mesma paisagem, há pequenos prédios de três a quatro andares e antigos chalés; porém num percentual bem menor do que noutras ÁREAS analisadas.

Apesar da relativa distância da área portuária, há a presença de trilhos de trem operantes no local. As insatisfações dos moradores dessa ÁREA são decorrentes da ocupação dos trilhos de trem por pessoas que vivem nas ruas, como também do depósito de lixo que se avoluma nesses locais, os quais são lançados principalmente pelos moradores.

Nessa ÁREA não há a presença de muitos estabelecimentos comerciais, exceto padarias; no entanto, o local está próximo à Avenida Afonso Pena, que concentra vários estabelecimentos comerciais.

Dentre as instituições religiosas, destacam-se a matriz da Baixada Santista da igreja Assembleia de Deus; a capela de uma igreja católica, instalada dentro de um asilo para idosos; e também um centro de espiritismo.

O fluxo de pessoas nessa ÁREA, comparado às demais, é o menos intenso. Durante os dias em que o trabalho de campo foi empreendido percebemos que os moradores dessa ÁREA não possuem o costume de se encontrar do lado de fora das casas, exceto alguns idosos que usam a calçada em frente à casa para banhar-se à luz do sol e realizar pequenas caminhadas.

Foto 17 - ÁREA 2: Limite do Macuco com um bairro mais enobrecido, o Embaré

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro



Esta foto alude para a presença do velho e do novo no Macuco. Em primeiro plano observam-se as moradias assobradas e geminadas da década de 50 e 60 do século passado e, num segundo plano é notável a presença de um edifício que remonta um período mais recente. Ainda, podemos relacionar a transição com o Embaré, bairro mais enobrecido, através da pavimentação, tendo em vista que no Macuco é possível perceber a presença dos paralelepípedos e, nos bairros nobres da cidade é notória a pavimentação em asfalto, fato que para os moradores também sinaliza para uma infra-estrutura mais elitizada.

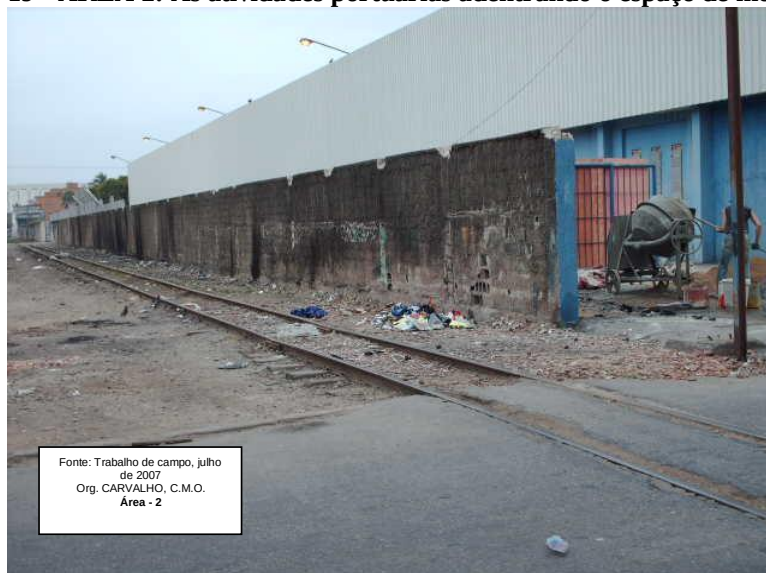
Foto 18 - ÁREA 2: Fachadas antigas, porém mais enobrecidas

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro



Apesar das fachadas das formas verificadas nesta foto remontarem ao passado, como também fora auferido em pesquisa, estas representam a permanência de sujeitos sociais de padrão aquisitivo mais elevado em relação a média do Bairro. Em geral, estes moradores são aposentados e possuem uma identificação simbólica com o Macuco, principalmente, no que se refere à vida afetiva familiar construída neste espaço ao longo do tempo.

Foto 19 - ÁREA 2: As atividades portuárias adentrando o espaço de moradia



Os significados das linhas férreas para os moradores do Macuco extrapolam as funções portuárias, pois a identificam como espaço de desordem social. Segundo os moradores da área, nestes locais são depositados lixos e, ainda, são utilizados como locais para o assentamento noturno de moradores de rua, os quais, segundo os moradores do Bairro, praticam arruaças por consequência do uso de bebidas alcoólicas.

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

Os trabalhos de campo foram realizados durante a semana e também aos finais de semana, e um fato que despertou a atenção é que as crianças não brincam nas ruas dessa ÁREA. Nas proximidades da ÁREA há um parquinho público e somente aos finais de semana foi notável a presença de crianças pequenas, acompanhadas dos pais.

ÁREA 3

As ruas que compreendem a ÁREA 3 (Figura 8, página 65) situam-se entre as ruas Almirante Tamandaré, Conselheiro João Alfredo, Santos Dumont, Rodrigo Silva e Avenida Senador Dantas, após a Avenida Siqueira Campos, em direção ao Bairro do Embaré.

Essa ÁREA contempla as novas formas de moradias do Bairro, as moradias sobrepostas. Além dessas moradias, há a presença de moradias assobradadas de fachadas mais nobres, que indicam um padrão aquisitivo mais elevado do que a média geral do Bairro.

Foto 20 - ÁREA 3: Novas moradias sobrepostas



As moradias sobrepostas correspondem a uma nova lógica de produção urbana de Santos. No Macuco, estas novas formas substituem edificações do passado, como os chalés e, por consequência disso, possibilitam diferentes usos para o Bairro, principalmente no que tange aos novos moradores que ocupam estas edificações, já que trazem consigo diferenciados valores e construções simbólicas para o novo local de moradia.

Foto 21 - ÁREA 3: Moradias construídas sobre os lotes de antigos chalés



Fonte: Trabalho de campo, julho de 2007
Org. CARVALHO, C.M.O.
Área - 3

Foto 22 - ÁREA 3: O porto e o Macuco



Fonte: Trabalho de campo, julho de 2007
Org. CARVALHO, C.M.O.
Área - 3

Esta área apesar de se constituir como o local em que emergem as principais transformações de antigas formas, ainda mantém a associação entre as atividades portuárias e de moradia, embora os locais que agregam as principais transformações, como as edificações de moradias sobrepostas, sejam mais próximas do limite entre Macuco e o bairro do Embaré.

Foto 23 - ÁREA 3: Formas antigas



Esta foto representa o novo e o velho na paisagem do Macuco. Ao lado direito, vemos um chalé correspondente ao início do século XX e, ao lado, uma moradia sobreposta, que fora construída sobre um antigo lote onde havia a edificação de um chalé.

Foto 24 - ÁREA 3: Novas tendências do Macuco – moradias sobrepostas



Imagem frontal de sobrepostas construídas sobre um lote onde havia a construção de um chalé.

Por outro lado, os chalés de madeira são formas de moradia ainda bastante expressivas nessa ÁREA; todavia, essas edificações estão desaparecendo do local em decorrência da construção das recentes moradias sobrepostas, as quais estão sendo edificadas sobre estes lotes.

Vale a pena ressaltar que no Macuco não há a oferta de lotes vagos; por este motivo, a compra dos antigos chalés de madeira torna-se um negócio rentável. Geralmente, os lotes onde se assentam os chalés são vastos e essas edificações possuem baixo valor. Portanto, comprar o lote e demolir a edificação é uma possibilidade de adquirir um terreno numa área bem localizada de Santos.

Os maiores prédios do Bairro estão situados nessa ÁREA e essas edificações variam entre quatro a dez andares. Ao mesmo tempo em que esta ÁREA apresenta as edificações mais nobres do Bairro, verifica-se, em contrapartida, o maior percentual de cortiços.

As moradias coletivas (cortiços) se apresentam como indicadores importantes na permanência de moradores de poder aquisitivo mais restrito no local. Os moradores dos cortiços veem o Bairro como possibilidade de morar num local que oferece grande oferta de equipamentos e serviços urbanos, como o transporte público, a abundância de comércio e serviços, a proximidade com creches, escolas e postos de saúde.

O fluxo de transporte público nessa ÁREA é muito intenso. A Avenida Senador Dantas Cruza-a, interligando o cais a pontos que se direcionam à praia, a shoppings, ou, num sentido inverso, ao centro principal da cidade. Destaque-se que o centro principal é passagem obrigatória para bairros mais populares, como os morros, o Jardim Rádio Clube, o Bom Retiro, e, até mesmo, para outras cidades, como São Vicente e Cubatão.

Há uma grande diversidade de serviços nessa ÁREA: oficinas mecânicas de automóveis, de conserto bicicleta, de conserto de eletro-eletrônicos e aparelhos elétricos; açougues, padarias, *bomboniéres*, lojas de roupas, *lan houses*, dentistas, cabeleireiros, marceneiros, casas de venda de aves, lojas de ferragens, ferros-velhos, bares, restaurantes e distribuidora de bebidas.

Essa ÁREA se caracterizou como a mais movimentada do Bairro. Esse movimento está vinculado à presença de muitas pessoas pelas ruas durante o dia e parte da noite.

A gama de serviços oferecidos nessa ÁREA do Bairro contribui para a forte presença de pessoas nas ruas, nas quais é possível perceber a presença significativa tanto de homens, como de mulheres, jovens e crianças.

Na Avenida Senador Dantas dá-se maior incidência de homens, devido aos serviços que ali são oferecidos. Noutras ruas da ÁREA, os homens concentram-se principalmente nos bares, onde desfrutam de jogos e da presença de amigos, também moradores do local.

No período de ano letivo, as crianças saem para as ruas mais no final da tarde; porém durante as férias e aos finais de semana a presença de crianças nas ruas é muito constante: jogam futebol, andam de bicicleta, empinam pipas, e os pequenos brincam em frente as suas casas sob a supervisão de suas mães, que saem para distraírem-se também.

Ainda em relação à frequência de moradores nessa ÁREA, é válido salientar que os moradores mais recentes, principalmente os que ocupam as moradias mais novas, não costumam sair às ruas, nem mesmo se deslocarem a pé. Essas observações foram realizadas por meio de entrevista, quando os entrevistados mencionaram se deslocarem principalmente com transportes automotivos próprios.

ÁREA 4

As ruas que compõem a ÁREA 4 (Figura 8, página 65) são: Capitão Alberto Mendes, Deoclécio, Clóvis Galvão de Moura Lacerda e Barão de Ramalho; Antonio Maia, Primo Vieira, Dr. Bezerra de Menezes, João Luzo e Francisco de Paula Ribeiro; Casas populares, onde se situam as Ruas Elias XV, Irmão Gondulpho, Aristóteles Ferreira, Prof. Carolina M. Rodrigues e José dos Santos Neto; José André do Sacramento Macuco, Dr. Cleóbulo A. Duarte e Arnaldo Silveira.

Essa ÁREA situa-se na transição entre o Macuco e o bairro do Estuário. A proximidade com o Estuário e a alteração de limites dos bairros, realizada

em 1968 por meio do Plano Diretor Físico Municipal, acarretaram muitas dúvidas entre os moradores dos dois bairros quanto à localização dos trechos em que vivem.

No ano de 1968, o poder público dividiu os limites do Macuco, repartindo-o entre os bairros da Encruzilhada e do Estuário. A partir disso, áreas que caracterizavam o Macuco como identidade do Bairro — como a Bacia do Macuco e as casas populares —, passaram a compor o Bairro vizinho, o Estuário.

A inquietação que emerge dessa reorganização urbana é oriunda da discussão sobre o sentimento de pertencimento ao lugar. No Bairro há uma confusão muito acentuada entre o sentir-se parte de um território, ou mesmo o não pertencimento a ele.

A confusão se aprofunda quando moradores relatam sentirem-se parte de uma extensão territorial, contudo não se sentem pertencentes simbolicamente ao local delimitado pelo poder público.

No sentido de ilustrar essa apreciação, segue o comentário de um morador do trecho que atualmente compreende o Bairro do Estuário, mas antes da delimitação pública do ano de 1968 pertencia espacialmente ao Bairro do Macuco:

Pra te falar a verdade nem sei direito onde fica a minha casa. Quando comprei a casa, veio na escritura que ela ficava situada no Bairro do Macuco, em seguida mudaram a placa da esquina e puseram Estuário, mas eu tenho cartas que chegam para o Bairro do Macuco, eu mesmo falo que moro no Macuco, o problema é que também tenho carta que chega pro Estuário (relato fornecido por um morador do Bairro do Estuário durante a aplicação das enquetes, agosto de 2007).

Em 1998, o plano físico da cidade passou por algumas alterações, dentre estas, a reorganização dos limites do Bairro do Macuco. Nessas alterações pôde-se perceber que várias localidades que anteriormente pertenciam ao Bairro voltaram a se constituir como partes do mesmo; apesar disso, muitos moradores continuaram a conceber essas localidades como pertencentes a outro bairro; outros afirmaram nunca ter havido nenhuma mudança.

Dentre as áreas que retornaram aos limites do Macuco estão as casas populares e a Bacia do Macuco. Um morador entrevistado nas proximidades das casas populares informou que “muito antigamente ali era Macuco, mas depois mudou, virou Estuário, só que as placas estão todas erradas, a prefeitura colocou tudo Macuco...”

O entrevistado acima diz sentir-se pertencente ao Estuário porque é o bairro onde mora; para ele não houve nenhuma alteração dos limites do bairro em que vive. O que se observa, nesse caso, é que a ação do poder público está muito distante da população, isto é, são ações que não concebem a relação do indivíduo com o espaço vivido nem mesmo a construção simbólica de territorialidades.

Vale ressaltar que as formas desses locais (mais próximos ao porto) são mais deterioradas. Observamos que as maiores taxas de trabalhadores em comércio e serviços no Macuco vivem principalmente nesses locais, cujo valor da moradia acaba sendo menos elevado, devido à proximidade acentuada com o porto.

Nesta área há a presença representativa de chalés de madeira, sendo no Bairro o local que mais concentra esse tipo de edificação. Essa paisagem também mescla atividades de moradia e portuárias, como os armazéns, o descarregamento de caminhões, e oficinas mecânicas de veículos de grande porte.

A paisagem apreendida neste local revela a diferença com as demais áreas analisadas, mesmo quando também se percebe a existência de atividades portuárias noutros pontos do Bairro. O trabalho de campo suscitou essas reflexões a partir das observações realizadas no local, as quais captaram um ambiente diferenciado dos demais, como se “sentisse o cheiro do cais, dos farelos, dos açúcares, e dos óleos queimados dos caminhões”.

O loteamento do Bairro ainda está presente no ideário dos moradores mais antigos desse trecho analisado. Durante a aplicação das entrevistas, uma moradora antiga mencionou que a área relacionada às casas populares era, em sua maioria, voltada para o plantio de hortaliças e pertencia a descendentes de japoneses.

Ao efetuarmos a pesquisa nos documentos oficiais da municipalidade, comprovamos a informação dada pela moradora quando menciona os nomes dos sítios loteados para o ordenamento do Bairro (Sítios Pau Grande e Cristo):

Lei 953 de 7 de maio de 1948.

“Autoriza a prefeitura municipal a doar à Fundação da casa popular diversas áreas de terreno para construção de casas populares e dá outras providências”.

Lei 1284 de 3 de dezembro de 1951.

“Plano de arruamento, do Sítio Pau Grande e Cristo (casas populares)”.

As casas populares são o resultado de um loteamento para fins populares. Essas moradias eram originalmente geminadas e térreas; entretanto é possível perceber na atualidade a transformação de muitas destas em sobrados.

Neste sentido, indagamos dos moradores sobre as motivações que favoreceram a ampliação da casa, sendo que grande parte respondeu que ao findar o pagamento da moradia resolveu ampliá-la; em alguns casos, são os filhos que pagaram pela ampliação.

É válido mencionar que a construção dessas moradias populares colaborou para caracterizar simbolicamente o Bairro. Essa porção da área de pesquisa é reconhecida pela população como um local diferenciado: quando mencionam a localidade logo dizem “lá nas populares”, como se esta área do Bairro expressasse um sentido diferenciado para os moradores; como se no local houvesse uma identidade diferenciada das demais áreas do Macuco.

Além disso, o local carrega um forte simbolismo presente no ideário coletivo dos santistas, sendo a área reconhecida como a “Bacia do Macuco”.

O local está localizado junto ao CANAL 4 (canal de drenagem desenvolvido por Saturnino de Brito em 1898, como já relatado). Nele se encontram as águas do mar que margeiam o porto com a água drenada, formando uma espécie de bacia (na acepção mais popular da palavra). Nesta área há certa profundidade de água que permite a presença de pequenas embarcações.

Essa ÁREA é reconhecida em toda a cidade como a Bacia do Macuco. Esse local foi associado à desordem e à criminalidade durante muito tempo, e isto contribuiu para que fossem criados alguns símbolos do lugar entre os moradores. Na atualidade, o local não é mais reconhecido pela violência, todavia ainda é denominado pela mesma expressão.

Nesta ÁREA estão localizadas as Escolas de Samba X-9 Santista e Padre Paulo. Essas escolas de samba fazem parte do cotidiano dos moradores do Bairro, que as consideram como símbolos do Macuco.

As atividades dessas escolas singularizam o lugar. Durante os dias de eventos na Escola de Samba X-9, os frequentadores tomam as ruas, como se o espaço da escola se apropriasse dos limites da rua.

O estudo dos conteúdos e dos significados distintos do Bairro do Macuco representa o grande desafio dessa etapa do trabalho. Os conteúdos implícitos na

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

formas urbanas apreciadas nesta pesquisa, como as diferentes formas de moradias coexistindo no mesmo espaço — dentre elas as casas geminadas, os edifícios, as casas sobrepostas, casarões antigos, cortiços e pequenos prédios —, esboçam a paisagem do lugar.

Em decorrência dessa multiplicidade de formas, bem como da diversidade existente na apropriação desses espaços, propõe-se evidenciar questões que possam corroborar o entendimento das motivações que favoreceram a ocupação e a permanência no Bairro.

Esses questionamentos são relevantes quando se observa a existência de formas precárias de moradias e, ao mesmo tempo, a de moradores que residem sob essas condições há cerca de 30 anos. E, em contrapartida, há a presença de moradias de alto padrão aquisitivo num bairro que originalmente foi loteado para a classe trabalhadora.

Foto 25 - ÁREA 4: Atividades portuárias e a Bacia do Macuco

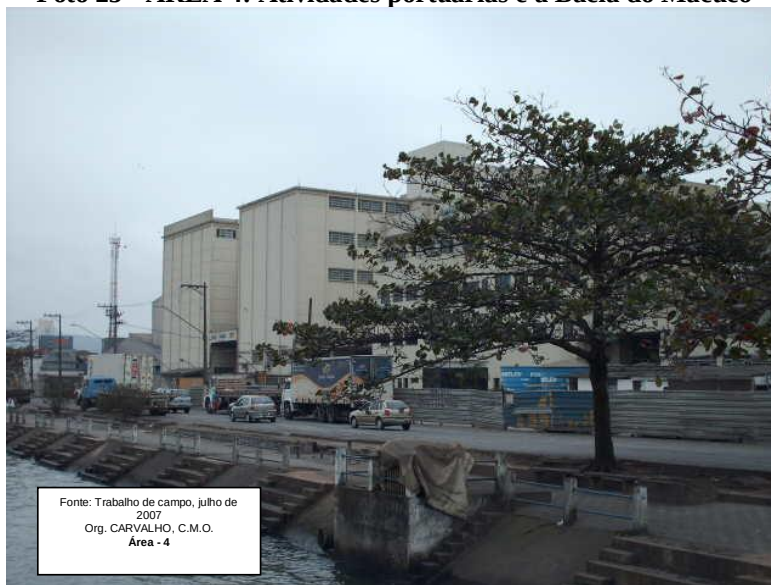
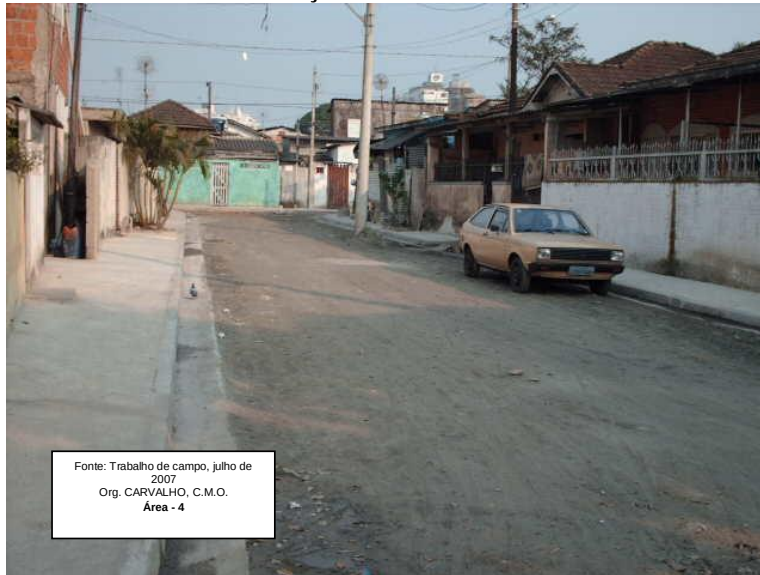


Foto 26 - ÁREA 4: Instalação recente de infra-estrutura no Bairro



Fonte: Trabalho de campo, julho de
2007
Org. CARVALHO, C.M.O.
Área - 4

A rua apreendida na área 4 caracteriza a ação do poder público no asfaltamento das últimas ruas de pavimentação irregular no Bairro. Esta ação do poder público é apreendida pelos moradores como a materialização de sonhos antigos, de acordo com as entrevistas realizadas no local. O referido asfaltamento é caracterizado pelos moradores como o resultado de reivindicações antigas, tendo em vista que estas ocupações foram realizadas no final da década de 70 do século XX.

Foto 27 - ÁREA 4: “Casas populares - residências antigas e reformadas



Fonte: Trabalho de campo, julho de
2007
Org. CARVALHO, C.M.O.
Área - 4

Esta foto representa as transformações recentes ocorridas na área 4 reconhecida pelos moradores como “as casas populares”. À direita, verifica-se a ampliação das moradias e a esquerda, ainda permanece as formas originais do referido loteamento.

4.2 – Os conteúdos do Bairro do Macuco

A paisagem desigual do Bairro do Macuco e, ao mesmo tempo, a apropriação realizada por distintos sujeitos sociais²³ estimulam a compreensão do modo como a vida se realiza nesse espaço. Essa proposição emerge na tentativa de aclarar os valores, os anseios e a realização da vida cotidiana como elementos essenciais para o entendimento desse recorte analítico, principalmente por concebê-los como espaço da heterogeneidade.

Essas reflexões são pertinentes na medida em que se observam as diferenças culturais e econômicas que cada sujeito social carrega junto a si, e, por isso, contribuem para que as formas do Bairro sejam apreendidas diferentemente pelos moradores do Bairro.

De acordo com as análises de Santos (1996, p.72) sobre a paisagem, “(...) a materialidade construída vai ser fonte de relações sociais, que também se dão por intermédio dos objetos. Estes podem ser sujeitos de diferentes relações sociais – uma mesma rua pode servir a funções diferentes em distintos momentos”.

Assim, entende-se que na materialização da paisagem do Bairro as relações humanas também foram responsáveis pela instauração dos conteúdos presentes nas formas observadas, pois, apesar de parecerem cristalizadas, elas são dinamizadas pela reprodução do cotidiano que se realiza no lugar.

4.2.1 – Por detrás das formas do Macuco

A convivência entre segmentos sociais diferenciados no mesmo Bairro se conforma com a proposição inicial para se discutir a apropriação que se realiza no lugar. Quando nos referimos à expressão *segmentos sociais diferenciados*, baseamo-nos em dois fatores, um socioeconômico e outro relacionado às experiências de vida.

O fator socioeconômico indicaria as faixas de renda, as atividades profissionais e a situação das moradias (própria, alugada ou cedida) dos moradores do

²³ Para a definição de sujeitos sociais utilizamos as análises de Castells (2008). Apropriamo-nos de uma definição fornecida pelo autor baseada em Touraine (1992) “Sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São o ator coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência” (CASTELLS, 2008, p.26).

Esta definição foi atribuída aos moradores e frequentadores do Macuco devido à identidade coletiva que os cerca, pois a experiência cotidiana que realizam no Bairro lhes configura uma identidade comum; todavia estes indivíduos particularizam o lugar através das experiências culturais que carregam junto a si. A partir disso, o Macuco torna-se espaço do vivido, das diferenças, da vida.

Macuco. Essa reflexão está atrelada à investigação do Bairro como lugar de moradia de trabalhadores, principalmente portuários²⁴, conforme a demanda inicial do seu loteamento.

Klaus (2001) indicou que as classes sociais possuem importância nos estudos da sociedade. Em seu trabalho, desenvolveu a compreensão histórica desse conceito e apontou as tendências conflitantes que envolvem o estudo orientado pelo entendimento de classes antagônicas. Ademais, alertou que na atualidade as classes extrapolam as definições de classes sociais estáticas.

Para este autor, o estudo das classes sociais proporciona a dinamicidade dos movimentos sociais atuais, pois tais movimentos, longe de serem concebidos como classes definidas, orientam a ação coletiva entre sujeitos de uma mesma reivindicação, de uma cultura que os aproxima ao invés de separá-los em classes opostas.

Ante esta discussão, optamos por investigar as condições socioeconômicas dos moradores do Bairro como importante elemento na análise de posicionamentos que talvez não fossem inferidos se adotássemos uma partição desses sujeitos em classes antagônicas, nos moldes propostos pelo marxismo clássico. Também é certo compreendermos que as condições socioeconômicas não são os elementos únicos e definidores de comportamentos, de posicionamentos e, em última análise, em nosso estudo, do sentimento de pertencimento, como já apontamos em diferentes trechos desta pesquisa.

Assim, intentou-se investigar as condições socioeconômicas dos moradores do Bairro. Não pretendemos separá-los em classes antagônicas, mas analisar as diferenças que existem entre sujeitos distintos que se apropriam do mesmo espaço.

Os dados a seguir apresentados foram obtidos em pesquisa de campo, a partir do instrumento denominado “Questionário”, conforme já detalhado no capítulo 2. Contamos com dados de 200 questionários, amostra considerada válida e representativa.

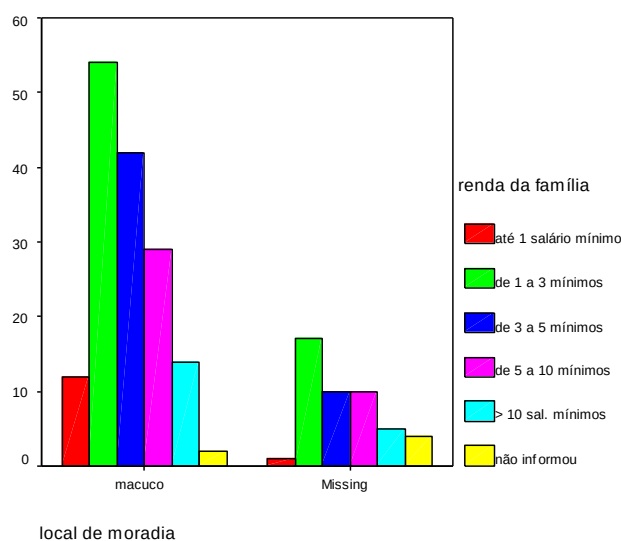
²⁴ É válido ressaltar que essa indagação está relacionada ao processo de loteamento do Bairro. Esse tema foi desenvolvido no capítulo 3 desta dissertação, que remonta ao princípio do loteamento do Bairro, cujo propósito principal foi abrigar a classe operária, que crescia conjuntamente ao aumento das atividades portuárias na cidade (LANNA, 1996).

Conforme o gráfico a seguir, o percentual mais expressivo da renda familiar na área de pesquisa varia entre 1 e 3 salários mínimos; e num percentual um pouco menor varia entre 3 e 5 salários mínimos. Nota-se que ao se elevarem as faixas de renda, ocorre uma inversão nos percentuais do Bairro, isto é, estes indicadores apresentam baixos percentuais.

As rendas analisadas isoladamente não permitem uma ampla reflexão sobre os elementos socioeconômicos dos indivíduos que vivem no Macuco. Por este motivo, foram elaboradas algumas relações que possam vislumbrar outros aspectos na área de pesquisa no que tange ao perfil socioeconômico dos moradores.

O gráfico que demonstra as rendas familiares junto às ÁREAS analisadas aponta que as rendas mais baixas estão distribuídas em todo o Bairro; no entanto, a parcela mais significativa está presente nas ÁREAS 4 e 1.

Gráfico 1 - Padrão socioeconômico dos moradores do Macuco²⁵



Fonte: Trabalho de campo, julho/agosto de 2007.
Organização: CARVALHO, C. M. O.

²⁵ A expressão “missing”, que estará presente em grande parte dos gráficos, é um termo utilizado no Programa SPSS quando se exclui um segmento que não é essencial para a análise. No caso deste trabalho, o “missing” se refere aos entrevistados “frequentadores” do Macuco, que, em alguns questionamentos, não podem ser comparados, pois não expressam o mesmo percentual que os moradores da área de pesquisa; em decorrência disso, estarão presentes como “missing”, já que esta é a forma de exclusão de certos dados gerados pelo programa utilizado.

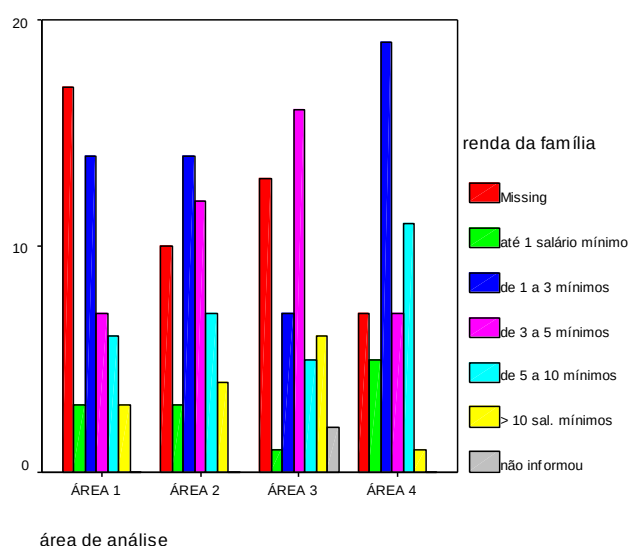
As duas ÁREAS possuem algumas similitudes, dentre elas a proximidade com a zona portuária e a presença significativa de moradias de baixo custo. Na ÁREA 4 destacam-se as casas populares; embora algumas famílias tenham modificado suas fachadas, elas são ocupadas principalmente pela classe trabalhadora (portuários e trabalhadores do comércio e serviços em geral) desde o seu loteamento.

A ÁREA 1 concentra diversas moradias de origem popular, como as casas geminadas, que, em sua maioria, foram construídas mediante acordos entre a iniciativa privada e a pública no início do século XX. Atualmente, uma parte representativa dessas moradias apresenta função diferente da original, sendo que muitas se tornaram moradias multifamiliares, como o exemplo dos cortiços.

As áreas que concentram as maiores rendas (ÁREAS 2 e 3) correspondem justamente aos locais que agrupam as residências de padrões mais nobres do Bairro, como as moradias sobrepostas e os altos edifícios.

Além da relação entre as rendas e as áreas analisadas, é plausível analisar as formas de trabalho remunerado desenvolvidas pelos moradores do Macuco. Essa análise corrobora a constatação preliminar que incitou esta pesquisa, a qual antevia o Macuco como moradia da classe operária.

Gráfico 2 – A renda conforme as áreas analisadas



Fonte: Trabalho de campo, julho/agosto de 2007.
Organização: CARVALHO, C. M. O.

Assim, a proposição que se segue é avaliar se as variáveis *renda* e *atividades trabalhistas* possibilitam a identificação do Macuco como lugar de moradia de uma coletividade homogênea, ou se o caracterizam como lugar que resguarda heterogeneidades sociais e econômicas.

As atividades profissionais que apresentaram maiores percentuais na pesquisa foram os trabalhos portuários (estivador, doqueiro e cosipano), e comércio e serviços fora do Macuco.

Ao relacionar as rendas familiares e as atividades trabalhistas verifica-se que as rendas transitam entre 1 e 3 salários mínimos e entre 3 e 5 salários mínimos, sendo o segundo percentual correspondente à média salarial dos trabalhadores portuários²⁶.

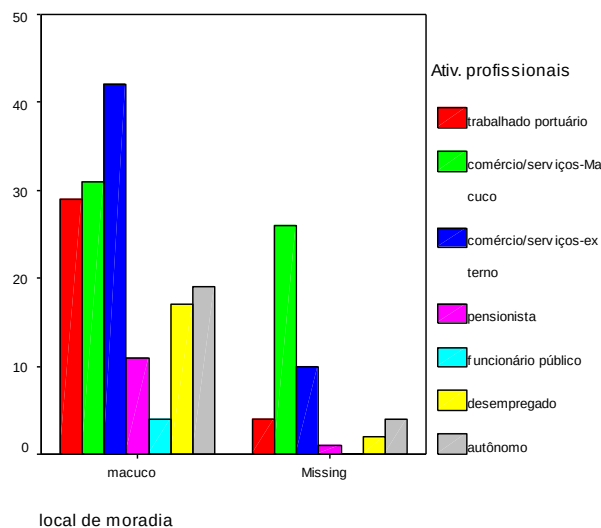
O grande percentual de atividades em comércios e serviços fora do perímetro do Macuco colaborou com a desmitificação de que o Bairro se constitui como lugar de moradia de trabalhadores portuários. Ao analisar esses dados, vê-se que o lugar se constitui como moradia de uma classe trabalhadora com funções diversificadas, composta por trabalhadores do comércio, de despachos aduaneiros, de trabalho em transportadoras e de profissionais autônomos.

O percentual de moradores que trabalha noutras localidades do Bairro contribui para a ideia de que a escolha do lugar de moradia não está relacionada apenas às condições de trabalho, mas também às possibilidades de reprodução cotidiana, principalmente no que concerne à disponibilidade de equipamentos e serviços urbanos, como o sistema de transporte e a proximidade com escolas, creches, policlínicas de saúde e supermercados.

²⁶ Cabe salientar que o OGMO (Órgão Gestor de Mão de Obras), que organiza o trabalho no porto de Santos, oferece dados estatísticos quanto aos pagamentos. Os pagamentos não são salários fixos, pois variam conforme a produtividade; porém, através de uma análise linear, foi possível observar que os valores identificados em campo são condizentes com os dados apreciados no site.

Disponível: <http://www.ogmo-santos.com.br>. Acesso: 12 de maio de 2008.

Gráfico 3 - Trabalho dos entrevistados moradores e frequentadores do Macuco



Fonte: Trabalho de campo, julho/agosto de 2007.
Organização: CARVALHO, C. M. O.

As apreensões advindas das variáveis *rendimentos* e *atividades profissionais* acarretam uma análise ~~histórico-geográfica~~ pautada na relação espaço-tempo. Essa reflexão é oportuna ao se indagar se o Macuco é local de moradia de uma classe que se identifica historicamente com o meio em que vive e, talvez por esse motivo, pode resguardar significados que extrapolam questões econômicas na apropriação do espaço.

Apesar do percentual menos elevado, embora muito representativo, assinalam-se as atividades de trabalho no comércio e serviços executados nos limites urbanos do Bairro. Essa representatividade ganha relevância ao ser apreciada a metodologia utilizada durante a aplicação dos questionários.

Para a aplicação dos questionários, principiamos uma abordagem que consistia na investigação sobre o cotidiano do Bairro do Macuco tanto para moradores quanto para frequentadores do local. Os frequentadores foram abordados em diferentes situações, como em bares, restaurantes, em pontos de ônibus, em praças e feiras livres.

Em decorrência dessa metodologia, percebeu-se que é muito representativo o percentual de moradores e, ao mesmo tempo, de trabalhadores do

Bairro, principalmente nos comércios e serviços locais (auto-mecânicas, bares, armazéns), sendo notável que ao responderem sobre a escolha do Bairro para moradia, ou então sobre as qualidades do Bairro, era comum perceber em suas respostas o destaque da proximidade com comércio e serviços, bem como a facilidade para o deslocamento na cidade.

A maioria dos entrevistados dos estabelecimentos comerciais do Macuco era também composta de moradores do Bairro; assim sendo, acredita-se que a escolha pelo local de moradia também esteja associada à proximidade do local de trabalho, proporcionando menores custos para o deslocamento.

Dentre os moradores que alegaram ser autônomos estão os caminhoneiros. Na área de pesquisa essa profissão é bastante significativa, constituindo, juntamente com as atividades no setor de construção civil, um dos maiores índices de formas de trabalho executadas pelos moradores do Bairro.

Até o momento, viu-se que o Macuco é lugar de moradia tanto de um grupo social abastado como de um grupo de poder aquisitivo mais restrito. O Macuco pode ser considerado o lugar de moradia de trabalhadores portuários; contudo, a marca principal do lugar é a diversidade entre os moradores, sejam eles trabalhadores do comércio, sejam empresários, sejam estivadores.

Partindo dessa diversidade, procuramos entender as motivações que contribuíram para a escolha desse lugar como moradia.

Neste sentido, percebemos que os laços afetivos se configuraram como os principais motivos para a escolha e para a permanência no lugar. Muitos moradores apresentam o Bairro como o lugar de nascimento, resgatando parte de suas lembranças para explorarem suas impressões sobre o Macuco.

A afetividade associada ao lugar está além do que o Bairro possa oferecer como estrutura física. De acordo com o quadro abaixo, os laços familiares e de amizade são sobrepujantes aos demais fatores.

O percentual de moradores que ocupa o Bairro por considerar os valores dos aluguéis baixos é bastante expressivo. Conforme foi descrito nas ÁREAS de análise, o Macuco é provido de serviços e equipamentos e infraestrutura que beneficiam a população, como as creches e as escolas; também há a proximidade com postos de saúde e hospitais, além de possuir uma localização favorável para o deslocamento na cidade.

Tabela 1 - Fatores que nortearam a ocupação do Bairro do Macuco

Fatores de escolha	Frequência	Percentual
Relações afetivas – nascimento, infância, amizade e família	67	33,5%
Não mora no Bairro	43	21,5%
Baixo valor no aluguel	30	15%
Possibilidade de comprar a casa própria	23	11,5%
Proximidade com o trabalho	11	5,5%
Maior tranquilidade	10	5,0%
Localização – serviços e comércio	8	4,0%
Chegou por acaso – migração	8	4,0%
Total	200	100%

Fonte: Trabalho de campo, julho/agosto de 2007.

Organização: CARVALHO, C. M. O.

Neste sentido, extrai-se de Bolaffi (1977) a crítica tecida aos conjuntos habitacionais geridos pelo BNH, que, em sua maioria, situam-se em áreas longínquas dos equipamentos urbanos. Os loteamentos distantes da contiguidade urbana se apresentam como vantagens econômicas aos agentes imobiliários e, ao mesmo tempo, se constituem como uns dos maiores entraves, em relação à moradia, enfrentados pelos habitantes de loteamentos de caráter social.

Neste íterim, o Macuco oferece condições de moradia que estão além da ocupação de uma residência, o que, certamente, é indispensável ao homem; mas a proximidade com determinados equipamentos urbanos também se apresenta como indispensável à representação do ato de morar.

A diversidade das formas de moradia garante o direito ao uso do espaço na cidade, embora muitas formas de moradia, como os cortiços, não ofereçam condições ideais para se viver. Por outro lado, a proximidade com serviços e a facilidade de deslocamento tornam-se fatores sobrepujantes para a escolha do Bairro do Macuco como local de moradia.

Singer (1982) aponta que áreas que perdem o seu valor de diferenciação para uma camada mais rica da população sofrem mudanças no uso de

determinada forma, como ocorre com certas residências unifamiliares que se tornam moradias multifamiliares.

[...] “ Em contraste com a grande durabilidade de casas e prédios, sua adequação às necessidades dos usuários é relativamente breve, devido às freqüentes alterações do modo de vida e dos gostos e preferências que o progresso técnico e a sucessão nada casual de modas acarretam [...]” (SINGER, 1982, p.31).

Enquanto uma classe de poder aquisitivo mais elevado pode se deslocar em busca de moradias que sejam condizentes com as suas necessidades — seja por oferecer vantagens de caráter social, seja pela localização diferencial, como o exemplo da proximidade com as praias —, a parcela de menor poder aquisitivo também procura se deslocar para áreas que lhes ofereça certo tipo de vantagens.

Bolaffi (1982, p. 74) oferece subsídios para a compreensão dos elementos econômicos que beneficiam a permanência de moradores mais pobres no Bairro, embora ocupando formas precárias de moradia.

“Para viver e se reproduzir em meio urbano, a população trabalhadora tem certas exigências que extravasam a relação dos produtos de consumo individual como a alimentação, a habitação, a vestimenta, etc. Passam a fazer parte dessas necessidades, meios de consumo coletivos, como transporte de massa, a educação, o saneamento, a energia elétrica, e etc” (BOLAFFI, 1982, p. 75).

A descrição da ÁREA 3 evidenciou a localização da Av. Senador Dantas, a qual dá acesso ao Bairro para várias áreas da cidade (centro, praias, terminal de ônibus, etc.). Por este motivo, considera-se que o Macuco possui uma localização estratégica para as pessoas que necessitam do transporte público a fim de realizarem suas atividades cotidianas.

Além disso, o Bairro também ofereceu condições econômicas para uma classe de baixo poder aquisitivo realizar o desejo de comprar uma casa própria.

Bolaffi (1982, p.43) expressa o valor que a casa própria possui para os moradores que conseguem atingir esse objetivo; segundo ele, além das reduções de custo com o pagamento de aluguel, a casa própria representa valores simbólicos e subjetivos, como o status social que a sua compra oferece.

Se considerarmos que o Macuco se constituiu como a possibilidade para uma classe de poder aquisitivo mais reduzido adquirir uma residência própria, isso demonstra que o Bairro se apresenta como o lugar da possibilidade, como o local da materialização concreta do sucesso de uma família operária.

As possibilidades que o Bairro oferece vão muito além das questões econômicas. Inegavelmente a infraestrutura e a facilidade de deslocamento contribuem para a sua escolha; todavia outros bairros populares na cidade também oferecem tais condições.

As respostas que remontam à criação dos filhos, à infância no Bairro, aos amigos que se tornaram parte da família, ampliam os motivos que delineiam a reprodução da vida nesse espaço da cidade.

Entender como é a percepção dos moradores quanto ao lugar em que vivem é um grande desafio para pesquisadores que pretendem estudar a cidade além de sua aparência. Sob esta perspectiva, foram arroladas proposições sobre os problemas e qualidades do Bairro para moradores e frequentadores do local, como apresentado no Quadro 4, a seguir.

Tabela 2 - Problemas do Bairro do Macuco

Problemas do Macuco	Frequência	Percentual
Infraestrutura – asfalto, esgoto, lixo nas ruas e iluminação	74	37%
Não mencionou	51	25,5%
Falta de segurança, drogas e violência	43	21,5%
Problemas relacionados à função portuária	16	8%
Crítica aos moradores	8	4,0%
Crítica à atuação do poder público	5	2,5%
Falta de serviços – banco e farmácias	3	1,5%
Total	200	100

Fonte: Trabalho de campo, julho/agosto de 2007.
Organização: CARVALHO, C. M. O.

O descontentamento quanto à infraestrutura no local esteve presente nas quatro áreas analisadas, mas em determinadas localidades alguns problemas são mais evidentes. Por exemplo, na ÁREA 1 o descontentamento em relação à

pavimentação (paralelepípedos) é muito maior do que noutros trechos. Na ÁREA 2, o maior problema esteve relacionado a existência de moradores de rua pelo local, porém observou-se que na ÁREA 1 a presença desses indivíduos era mais frequente.

Muitos entrevistados apontam a iluminação como fator negativo do Bairro. Segundo as respostas obtidas, a iluminação amarelada favorece atos de banditismo; assim, considera-se que esse fato, aliado aos caminhões estacionados, torna-se um veículo para os atos de marginalidade²⁷.

É válido mencionar que essas críticas são mais intensas nas áreas que estão mais próximas das atividades portuárias, como as ÁREAS 1 e 4, onde o tráfego e o estacionamento de caminhões são apontados como os maiores problemas do lugar.

O problema das drogas foi mencionado por grande parte dos entrevistados, que destacam os jovens como as maiores vítimas. As quatro ÁREAS tiveram respostas que apontavam esse problema, mas nas ÁREAS 2 e 4 esse aspecto foi mais incisivo. Por outro lado, alguns entrevistados apontaram que os envolvidos nesse tipo de ilegalidade não incomodam os moradores diretamente, mas promovem algazarras pelo local.

Durante a aplicação dos questionários, os moradores alertaram contra atos de violência, principalmente assaltos em trechos considerados por eles críticos. Ainda, alertavam pessoas consideradas por eles “marginais” para não assaltarem a “menina da pesquisa”.

A crítica ao poder público apresentou um baixo percentual, todavia ela ressalta a contestação por parte de alguns segmentos da sociedade santista que se veem excluídos das ações públicas, principalmente no que se refere ao seu embelezamento, como a repavimentação, a troca da iluminação antiga e a poda de árvores.

²⁷ Um fato bastante interessante quanto aos problemas relacionados à infraestrutura e às atividades portuárias como elemento negativo do Macuco ocorreu durante as análises desses resultados. Durante minha infância sempre fui orientada a não transitar próximo aos caminhões estacionados, devido aos atos de violência, principalmente assaltos. Muitos entrevistados apontaram o estacionamento de caminhões pelo Bairro como um fator que contribui para a marginalidade, pois eles impossibilitam a visão de quem passa pela calçada. Pude perceber tamanha dimensão ao ser assaltada ao lado de um caminhão estacionado (em março de 2008).

A partir disso, passei a compreender os conflitos que se configuram entre as atividades portuárias e o Bairro, que estão muito além da paisagem, como a presença dos armazéns, dos fios, da sujeira; mas estão relacionados à reprodução cotidiana na realização da apropriação tanto para as vítimas de assalto, por exemplo, quanto para as pessoas que praticam esse tipo de crime, pois ao mencionar que era moradora do local o rapaz logo se desculpou e foi embora sem dar prosseguimento ao assalto.

Os benefícios que o Bairro oferece, tanto para os moradores quanto para os seus frequentadores, confirmaram algumas ideias analisadas acima quanto à percepção do lugar.

A localização em relação aos serviços e ao comércio foi apontada como uma das maiores qualidades do Bairro. Conforme se apreendeu na descrição das ÁREAS, o Bairro é totalmente abastecido de serviços que facilitam o cotidiano dos moradores; exceto a ÁREA 2, embora esteja localizada próxima a uma variada gama de serviços.

Os laços de amizade e vizinhança foram aspectos relevantes das qualidades destacadas pelos entrevistados. O expressivo índice de respostas com esse significado demonstra que o morar também se define por expectativas que ultrapassam as dimensões econômicas, o que possibilita a leitura do lugar por meio da reprodução do espaço vivido realizado no Bairro.

Uma contradição foi verificada nos apontamentos quanto às respostas positivas e negativas em relação à segurança e à tranquilidade no Macuco. Um expressivo percentual indicou a tranquilidade e a segurança como fatores positivos em relação ao morar, todavia o inverso também pode ser observado nas respostas que apontaram esses índices como fatores negativos do Bairro do Macuco.

Para analisar este ponto, é importante salientar que o Macuco constitui-se como um território singular na cidade de Santos; ao percorrer-se o Bairro vê-se que a sua paisagem sugere múltiplas territorialidades²⁸.

Nas ÁREAS 2 e 3, que estão localizadas na transição para bairros mais nobres e também onde se concentram as moradias de padrão econômico mais elevado, foram contundentes as respostas negativas em relação às questões de segurança e ordem pública.

Nestas ÁREAS, questões como o uso de drogas, as badernas nas ruas e a falta de policiamento foram mais evidentes, assim como a presença de moradores de rua, que foram mencionados pelos moradores como traços negativos do local.

Contudo, nas ÁREAS cuja proximidade com o cais é mais acentuada os fatores de maior negatividade se referem, principalmente, às atividades portuárias relacionadas ao trânsito de caminhões, ao estacionamento destes em locais indevidos, e

²⁸ A discussão sobre as múltiplas territorialidades do Macuco está presente no Capítulo 5, “O espaço vivido no Bairro do Macuco”, desta dissertação.

à pavimentação precária, em geral composta por paralelepípedos ou com asfalto irregular.

Tabela 3 - Qualidades do Macuco apontadas pelos seus moradores e frequentadores

Qualidades do Bairro do Macuco	Frequência	Percentual
Localização – comércio, escola, sistema de saúde, feiras livres.	49	24,5%
Relação de amizade e vizinhança.	48	24%
Tranquilidade e infraestrutura (saneamento básico, luz, pavimentação, sistema de transporte público).	28	14%
Resposta positiva sem apontamentos específicos.	22	11%
Resposta positiva em relação ao lazer, no Bairro e/ou em suas proximidades.	14	7,0%
Acesso para outras áreas da cidade – praia; centro principal; Gonzaga; Shopping.	8	4,0%
Proximidade com o trabalho.	4	2,0%
Preço baixo para moradia (aluguel ou casa própria).	3	1,5
Não possui	24	12%

Fonte: Trabalho de campo, julho/agosto de 2007.

Organização: CARVALHO, C. M. O.

Deste modo, nota-se que a heterogeneidade do Bairro do Macuco se intensifica a partir dos usos do local, bem como das relações que permeiam essa ocupação. As paisagens que se verificam no local recebem significados diferenciados na medida em que se observa o modo que se realiza a vida no lugar.

A partir disso, vê-se que a paisagem do Macuco exprime formas diferenciadas de reivindicações, de anseios, de queixas, diferenciando-se conforme os sujeitos sociais que se apropriam de determinadas áreas do mesmo Bairro, isto é, para uns ela se apresenta como o lugar de conquistas; para outros, um entrave para a realização individual.

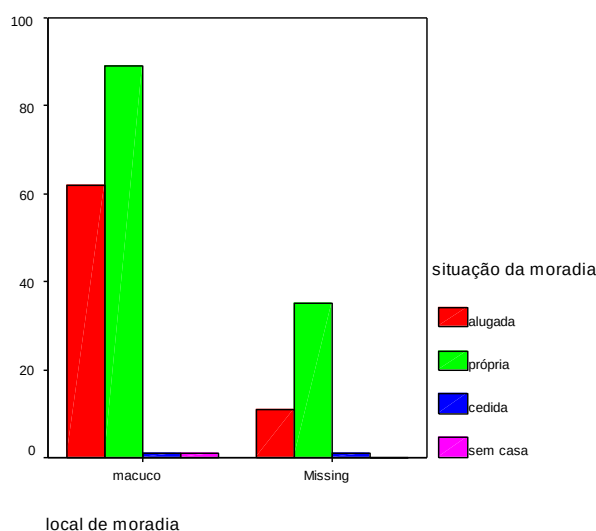
A proximidade entre as pessoas foi marcante durante a aplicação dos questionários nos bares do Bairro. É perceptível a supremacia da presença masculina nesses estabelecimentos comerciais, sendo que a relação entre os homens ali reunidos demonstra bastante proximidade, como se mantivessem amizade entre si.

A investigação sobre a situação das moradias (próprias, alugadas ou cedidas) se baseou na possibilidade de apreender as razões que motivaram a permanência no lugar.

Essa variável esclareceu alguns pontos importantes deste trabalho. O primeiro deles é o apontamento da casa própria como propulsor da permanência de indivíduos distintos no mesmo local; e, num segundo momento, registra-se o alto índice de moradias alugadas, o que reforça o Macuco como a possibilidade de assentamento de uma classe trabalhadora de poder aquisitivo restrito.

Ao mesmo tempo verificam-se no Macuco formas distintas de moradias. Formas que se modificaram ao longo do tempo e tiveram suas funções redefinidas; por exemplo, o caso dos antigos chalés que abrigavam a população mais pobre e que, atualmente, estão sendo destruídos para a construção de moradias sobrepostas, em geral, de alto padrão habitacional.

Gráfico 4 – Situação das moradias dos entrevistados moradores e frequentadores do Bairro do Macuco



Fonte: trabalho de campo, julho/agosto de 2007
Organização: CARVALHO, C.M.O.

Fonte: Trabalho de campo, julho/agosto de 2007

A leitura realizada a partir de Singer (1982) fundamenta a ideia de que antigas formas são destruídas para dar vazão a novos usos. Deste modo, indaga-se sobre as consequências que a redefinição do espaço pode provocar na esfera social da cidade como um todo, pois ao redefinir o uso de uma forma do Macuco também se redefine o seu conteúdo, porquanto novos sujeitos passam a se apropriar do lugar apregoando-lhe diferentes significados.

[...] “ Não tendo poder aquisitivo para continuar na zona renovada, são obrigados a se mudar, o que significa o mais das vezes maior distanciamento do trabalho, quando não perda do mesmo, pagamento de aluguel mais elevado (porque a renovação urbana reduz a oferta de alojamentos baratos) e a perda de relações de vizinhança, o que, para pessoas pobres e desamparadas, pode ser o prejuízo mais trágico (SINGER, 1982, p.33)

Além dos novos significados trazidos pela população que se instalou nas moradias mais novas e de padrão mais elevado, remetemo-nos aos antigos moradores. Após a redefinição dos usos no Bairro, migram para outras localidades da cidade, deixando para trás os laços que os identificavam com o lugar.

Bondulk e Rolnik (1982)²⁹ empreenderam uma análise em loteamentos habitacionais periféricos, sendo o conceito de periferia compreendido como a carência de equipamentos urbanos, caracterizados por eles como a renda diferencial³⁰. O estudo desses autores proporcionou algumas reflexões acerca de nosso recorte analítico.

Primeiramente, temos de fazer uma ressalva: os autores tratam de loteamentos recentes, entre a década de 60 e 70 do século XX, e neste estudo o início do loteamento do Macuco data da última década do século XIX. Apesar dessa ressalva,

²⁹ Ver: MARICATO, E. (org). A produção Capitalista da Casa (e da cidade) no Brasil Industrial. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

³⁰ Para os autores “A renda diferencial é o componente da renda fundiária que se baseia nas diferenças entre as condições físicas e localizações dos terrenos e nos diferenciais de investimentos sobre eles, ou no seu entorno, aplicados. Este componente se soma à renda absoluta, que é, propriamente, a remuneração paga pela existência da propriedade privada” (ROLNIK E BONDUKI, 1982, 147)

percebe-se que a produção do espaço urbano inserido na lógica capitalista enseja alguns elementos comuns no que tange à sua dinâmica.

Neste ínterim, os autores Rolnik e Bonduki (1982)³¹ apontam que alguns elementos contribuem para que os moradores dos loteamentos populares analisados por eles migrem para outros loteamentos ainda mais carentes, levando em consideração que a instalação dos equipamentos urbanos nesses locais se faz por etapas e de modo tardio.

Essa mobilidade espacial da população de baixo poder aquisitivo se apresenta na lógica capitalista como estratégia para a reprodução do valor do solo urbano. A partir disso, esboçamos que no Macuco também ocorre a aplicação dessa mesma ordem, certamente com significativas diferenças.

O Macuco, como área destinada à moradia popular, passa a ser abandonado pelos trabalhadores deste segmento. Faz-se essa comparação na medida em que antigas edificações dão espaço para novas e modernas moradias, contribuindo para a apropriação de um novo segmento social; em nosso caso, de poder aquisitivo mais elevado³².

A reflexão acima é vista por nós como elemento próprio do modo de produção capitalista, pois se trata do solo urbano como valor de troca. Por outro lado, também empreendemos reflexões acerca do solo urbano como valor de uso, visualizando ~~todos os~~ significados que podem ser proclamados por esse conceito.

No Macuco, o valor de uso e o valor de troca estiveram presentes no processo de produção do espaço urbano no início de seu loteamento, como ainda estão presentes na atualidade. Em algumas áreas do Bairro há maior eminência do valor de uso, principalmente para os moradores antigos, que possuem relações afetivas com o lugar e nele depositam a materialização do sonho da casa própria.

Noutra perspectiva, verifica-se a predominância do valor de troca ao percebermos as mudanças ocorridas nessa porção da cidade, quando antigos lotes, geralmente onde se assentavam os antigos chalés de madeira, são comprados e neles são edificadas moradias de um padrão diferenciado do local.

³¹ Ibidem p.117-154.

³² No caso da análise empreendida por Rolnik e Bonduki ~~esses autores~~, os loteamentos ocupados por uma classe de baixo poder aquisitivo são ocupados sob o viés da mercantilização do solo urbano. Os incorporadores imobiliários (o loteador) consideram que os lotes acrescidos de valores diferenciais podem ser vendidos para indivíduos que possuem emprego mais consolidado em relação aos moradores anteriores, promovendo assim a valorização do solo urbano.

Acredita-se que a valorização do preço do solo urbano em Santos possa sofrer influências também de seu sítio urbano, que apresenta uma barreira natural, a serra do Mar. Deste modo, a oferta de terrenos nessa localidade torna-se mais disputada pelos empreendedores imobiliários, tendo em vista os equipamentos urbanos instalados no local, bem como o status social oferecido pela proximidade com a praia.

Sposito (2004, p.139) corrobora o entendimento da lógica de produção do espaço urbano em áreas litorâneas apontando os fatores naturais.

“No caso das áreas litorâneas, a lógica de produção do espaço urbano é, entretanto, um pouco diferente. Em primeiro lugar, porque a extensão só pode se fazer, mantendo-se ou elevando-se o preço dos imóveis ao longo da orla marítima, pois à medida que ela se realiza em direção ao “interior” do continente, o afastamento espacial do litoral e das amenidades que a eles se associam, diminui o potencial de realização de renda fundiária diferencial (na venda de terras) e de sobrelucros (na venda de edificações)” (SPOSITO, 2004, p.139).

Deste modo, os empreendedores imobiliários veem no Macuco a possibilidade de aumentar a renda diferencial do solo. Esse aumento da renda diferencial se concretiza na medida em que são construídas moradias de alto padrão, que apesar de se situarem na zona leste da cidade de Santos, isto é, entre o centro principal e as praias, não possuem elevado status social em decorrência do seu processo de loteamento, voltado aos trabalhadores de baixo poder aquisitivo.

Singer (1978), ao analisar o preço do solo urbano, menciona que muitas vezes esse valor está mais associado à sua localização do que ao valor agregado em sua construção.

Contudo, além da localização facilitada pelo uso do automóvel, reitera-se que as novas moradias do Bairro oferecem a possibilidade de se ocupar uma casa em vez de se viver em apartamentos, modalidade de moradia esta que vem se tornando cada vez mais recorrente na cidade de Santos, conforme a análise realizada por Seabra³³ (1979) na orla da cidade.

Os motivos que acarretam a permanência dos moradores no Bairro do Macuco podem ser indicadores da dinâmica urbana que norteia a produção desse

³³ Ver: Seabra, O. C. L. A Muralha que cerca o mar. Uma modalidade de uso do solo urbano. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1979.

espaço. A elevação do preço do solo urbano na porção leste da cidade, onde se localiza o Macuco, contradiz a lógica de apropriação dessa porção do espaço.

Essa contradição é perceptível quando se observa a coexistência de padrões diferenciados de moradias que, por sua vez, também são ocupadas por pessoas de poderes aquisitivos distintos. Neste sentido, questiona-se: quais são os traços comuns entre esses indivíduos distintos entre si, que favorecem a permanência no mesmo espaço?

Ao analisar o tempo de moradia no Bairro percebe-se um grande percentual de moradores que vivem há mais de 20 anos, sendo que acima de 35 anos ocorre a elevação do referido percentual.

No transcorrer da aplicação dos questionários e entrevistas, observamos que existe de maneira intensa a associação do Bairro às histórias de vida; pois, ao discorrer sobre o lugar, muitos moradores mesclavam às suas narrativas de vida a história do processo de loteamento do Bairro, como se a vida estivesse imbricada naquele espaço.

Tabela 4 – O tempo de moradia dos moradores-frequentadores do Macuco³⁴

Tempo de moradia	Frequência	Percentual
Acima de 35 anos	39	19,5
Até 10 anos	28	14,0
Até 5 anos	18	9,0
Até 20 anos	16	8,0
Até 35 anos	14	7,0
Menos de 1 ano	14	7,0
Até 15 anos	11	5,5
Morador de rua	1	0,5
Frequentadores	47	23,5
Total	200	100%

Fonte: trabalho de campo, julho/agosto de 2007

Organização: CARVALHO, C.M.O.

Apesar de grande parte dos moradores viver há muito tempo no Bairro, questionamos se existia entre eles o anseio de mudança para outras localidades da cidade, ou para outras cidades. Esse questionamento foi proposto para indagar se a

³⁴ A divisão das variáveis em pequenos períodos temporais foi realizada para facilitar a compreensão de certa periodicidade, porém o que se pretende reiterar são as relações do tempo de moradia com os significados do Bairro. Deste modo, considera-se que o tempo de permanência se constitui como uma ferramenta para apreensão das apropriações realizadas pelos moradores do local.

permanência está associada à falta de possibilidades econômicas, ou se outras questões poderiam estar associadas à permanência no local.

O percentual mais elevado do Quadro 7, abaixo, indica que o maior fator de permanência no lugar está relacionado com as questões afetivas. Essas questões remetem-se aos laços de amizades, ao costume diário com o lugar durante a reprodução cotidiana, entremeada por uma relação entre o Bairro e a própria história de vida.

A afetividade dos moradores em relação ao lugar demonstra que a apropriação urbana está além do sentido econômico do espaço; inegavelmente ela é capaz de influenciar esse processo, entretanto não o determina.

Sendo assim, vê-se que no lugar se materializa a relação entre o espaço produzido e o vivido, através do tempo e da singularização espacial intermediada pelas relações cotidianas (CARLOS, 1996).

Tabela 5- Questão: Você deseja se mudar para outro lugar dentro ou fora da cidade? Por quê?

Anseio ou não de mudança para outra localidade	Frequência	Percentual
Não, porque gosto daqui; acostumei com o lugar.	57	28,5
Sim, para bairros mais nobres e/ou próximos da praia.	23	11,5
Permaneço por causa das amizades e/ou família.	18	9
Sim, para mais próximo da família.	14	7,0
Não, porque o bairro é bem localizado, há padarias, supermercados, escolas etc.	12	6,0
Não (o entrevistado não apontou os motivos para a permanência).	10	5,0
Sim, em busca de menores aluguéis e a compra da casa própria.	4	2,0
Não, porque o Macuco é tranquilo.	4	2,0
Não, pois a casa é própria.	3	1,5
Não, porque é próximo do meu trabalho.	3	1,5
Frequentadores	47	23,5
Total	200	100

Fonte: trabalho de campo, julho/agosto de 2007

Organização: CARVALHO, C.M.O.

Nesta perspectiva, apropriamo-nos das ideias de Sobarzo (2004, p.46) sobre a produção do espaço urbano “[...] Assim, os usuários e as suas maneiras de se apropriar do espaço constituem uma superação da racionalidade planejada e dominante que tenta se impor no vivido”.

Por outro lado, como já afirmamos, o solo urbano também possui o valor de troca. O desejo de mudança do Bairro para localidades mais próximas da praia resguarda o anseio da ascensão social.

A ascensão social citada pode associar-se à ocupação de bairros nobres, ou mesmo ao desejo de viver mais próximo à praia. Nesta pesquisa, acredita-se que o desejo em ocupar localidades mais nobres na cidade reflete melhor as respostas dadas pelos moradores.

Embora no quadro acima o percentual associado à moradia própria tenha sido muito baixo, é relevante analisar essa questão com certa acuidade, sobretudo porque muitas das outras respostas foram dadas por possuidores de casa própria, apenas os moradores que não a possuem que apontaram este fator como a razão principal de permanência no Macuco. Durante a realização do trabalho de campo, notou-se que a satisfação de possuir uma casa própria se constituía como uma vitória para a família possuidora do imóvel.

As ideias de Singer (1982) contribuem para estas proposições.

“[...] Como a demanda por solo urbano muda frequentemente, dependendo, em última análise, do próprio processo de ocupação do espaço pela expansão do tecido urbano, o preço de determinada área deste espaço está sujeita a oscilações violentas, o que toma o mercado imobiliário essencialmente especulativo [...]” (SINGER, 1982, p.23).

A satisfação que a casa própria instiga para os sujeitos sociais que conseguem atingir esse objetivo está intrinsecamente relacionada com as ideias de Singer (1982). As oscilações do mercado imobiliário entre valorização e desvalorização do imóvel contribuem para a instabilidade dos seus preços.

Deste modo, comprar uma casa se caracteriza como a possibilidade de permanecer numa mesma moradia por um tempo mais longo; diminuindo, assim, as chances de ter de procurar outro local para viver, caso os aluguéis viessem a subir, por exemplo.

Essa menção foi empreendida à luz das respostas fornecidas pelos moradores. Muitos disseram que gostam do Bairro porque nele constituíram suas famílias, tiveram a oportunidade de criar seus filhos. A casa própria aparece nesse contexto como a forma mediadora para a concretização de sonhos, e como a possibilidade de manter certa estabilidade econômica.

Deste modo, verifica-se que o Macuco apresenta-se como a materialização do sonho da casa própria em dois sentidos. O primeiro se refere ao benefício econômico que uma família obtém ao não precisar despendar parte significativa do orçamento familiar para o pagamento do aluguel; e, numa outra acepção, na significação simbólica que a compra da casa própria proporcionou aos sujeitos sociais analisados, conforme se pôde perceber nos relatos que exprimem as experiências de vida atreladas ao espaço em que vivem.

Bolaffi (1977, p. 22) corrobora a ideia da casa própria como elemento essencial para a subsistência humana.

[...] “Subjetivamente, a aquisição de um imóvel se constitui na principal evidência de sucesso e de posição social mais elevada. A habitação, que juntamente com a alimentação e o vestuário, constitui, na realidade, o principal bem de consumo e de subsistência, é vista como um investimento para a constituição do patrimônio - uma visão pré-capitalista herdada do tempo em que imóveis rurais e urbanos eram a única forma de investimento” (BOLAFFI, 1977, p.22)

Ainda no mesmo sentido, Bolaffi (1977, p.22) afirma que em muitos casos a “[...] flexibilidade adquirida pela eliminação do aluguel assume, nas famílias de rendas pequenas, qualidades quase mágicas”.

Diante dos conteúdos impressos nas formas da paisagem do Macuco, vê-se a essência por trás da aparência. Essa essência que transcende a aparência emerge da manifestação da vida, e atribui significado diferenciado daquilo que é instaurado pelo poder público; é a vida que transborda sobre as formas físicas da cidade, partindo do sujeito na construção do lugar.

Até o presente momento intentamos desenvolver uma análise das heterogeneidades do Macuco. Inicialmente, foi realizada uma discussão das formas diferenciadas na área de pesquisa; destarte, consideramos que as formas apreendidas por si mesmas não suscitam a reflexão sobre os seus conteúdos, isto é, sobre o movimento que dá vida à paisagem do Bairro, que é dinâmica e em constante transformação.

O próximo capítulo empreende uma análise da apropriação como conceito capaz de entender a reprodução da vida no Bairro do Macuco. A análise da relação entre o cotidiano e o espaço permitirá entender o motor da dinâmica do lugar, daquilo que particulariza a cidade a partir de quem dela se apropria.

5 —O espaço vivido no Bairro do Macuco

A apreensão do espaço vivido no Bairro do Macuco se apresentou como grande desafio na busca do entendimento do conceito de lugar, pois a paisagem do Bairro, em geral deteriorada em decorrência principalmente de um conjunto de atividades ligadas ao porto, *a priori*, impedia a apreensão da reprodução da vida, da esfera afetiva como singularidade desse espaço.

O cotidiano dita a dinâmica da esfera da vida no Bairro. Esse cotidiano mescla os usos e funções do lugar, ou seja, as formas e funções da área de pesquisa encobrem os anseios, os valores, os sentimentos dos sujeitos sociais que o compõem.

A referência à dimensão do espaço vivido é empreendida porque a apropriação que se realiza no Bairro extrapola questões de caráter estritamente econômico. Na medida em que os resultados do trabalho de campo foram analisados, percebemos que as relações afetivas dos diferentes sujeitos sociais com o lugar permeavam os motivos para a permanência no Bairro.

Deste modo, os laços de vizinhança e as histórias de vida de cada indivíduo estavam imbricados com a história do lugar. As lembranças que os moradores trazem junto a si, além de contribuírem para entender a apropriação urbana, possibilitaram compreender o processo de produção desse espaço à luz das experiências dos sujeitos sociais que participaram desse processo.

Heller (2000, p.20) compreende o cotidiano como o “centro do acontecer histórico”. A partir disso, a manifestação do cotidiano no Bairro do Macuco auxilia a apreensão do processo de produção desse espaço, isto é, aclara questões como a coexistência de sujeitos sociais tão distintos entre si no mesmo espaço.

A dimensão do espaço vivido nesta pesquisa demandou reconhecer referenciais teóricos que possibilitassem compreender a apropriação do espaço urbano do Macuco sob a influência de fatores econômicos, sociais e também afetivos.

A princípio, adotar-se-iam as concepções de lugar de Santos (1997; 1988; 2000) e Carlos (1996), no sentido de conceber o Macuco como singularidade do espaço urbano da cidade de Santos, partindo do princípio que as experiências dos indivíduos num determinado espaço os particularizam e os definem como lugar único no espaço geográfico.

Todavia, a corrente humanística se apresentava como um importante referencial teórico para compreender o Macuco, porque essa abordagem parte das significações afetivas desenvolvidas pelos indivíduos sobre o espaço em que vivem e, ademais, a área de pesquisa possui um elevado índice de experiências afetivas junto ao Bairro.

Leite (1998) apresentou um artigo definindo as correntes de pensamento que abordavam o conceito de lugar. Em sua análise, orientou que a corrente humanística corroborava o entendimento do conceito de lugar por meio da captação do nível sensível do espaço. Essa sensibilidade estaria presente nas relações afetivas que os indivíduos assentam sobre o lugar em que vivem, como se a vida emotiva fosse norteadora para o entendimento do referido conceito.

De acordo com as leituras realizadas a partir do trabalho de Tuan (1976), a Geografia Humanística se preocuparia com a experiência humana, a qual se baliza pela ligação emocional entre o indivíduo e o lugar.

Neste texto, o autor desenvolveu uma analogia entre as experiências da natureza animal, instintivas, e a natureza das experiências humanas, emotivas, que por meio da consciência, ou seja, do ato pensado, seria capaz de acarretar mudanças no lugar. Conquanto, esse lugar não prescinde de relações escalares; em sua análise, o lugar pode se configurar numa poltrona, ou mesmo num estado-nação, dependendo das experiências afetivas dos sujeitos sociais³⁵.

[...] “De que maneira as pessoas adquirem habilidades e conhecimentos espaciais? De que maneira as pessoas se tornam emocionalmente envolvidas com um lugar? Tais indagações mostram que o geógrafo humanista compartilha da preocupação do psicólogo do desenvolvimento. Suas indagações são semelhantes, embora endereçadas aos fenômenos de diferentes complexidade e escala”. (TUAN, 1976, p.7-8)

Diante da realidade apresentada por intermédio dos trabalhos de campo no Bairro do Macuco, preocupamo-nos em investigar a estrutura metodológica da Geografia Humanística, tendo como princípio perceber se essa abordagem daria a fundamentação teórica para o embasamento deste trabalho.

³⁵ Este texto é uma tradução de Maria Helena Queiróz transcrita dos ANNALS of the Association of American Geographers, 66, de junho de 1976, tendo como título original: Humanistic Geography.

O artigo elaborado por Marandola Jr. e Gratão (2003, p. 10) sobre a trajetória acadêmica da professora Livia de Oliveira informou que a construção teórica da abordagem Humanística se apropriara de conhecimentos de campos diversos da ciência, dentre estes, a Psicologia, a Filosofia, a História e a Antropologia, na tentativa de proporcionar uma leitura da ação humana.

Neste artigo, Marandola Jr e Gratão (2003) observaram a trajetória de pesquisas que veicularam uma análise da paisagem a partir do entendimento do imaginário social, isto é, da percepção das pessoas que vivem em determinados lugares sob uma perspectiva da dimensão vivida do espaço. Entretanto, no texto analisado não foi apreciada a menção a essa categoria, a qual foi inserida neste texto para facilitar a compreensão do artigo analisado.

Os estudos que partiram dessa abordagem, conforme os autores acima, configuraram-se em análises da interação entre o meio e o homem, numa perspectiva integrada, embora sem a proeminência do caráter econômico como elemento chave no entendimento da vida nos recortes empíricos pesquisados. Neste sentido extraímos do referido texto:

Os ensinamentos da professora-geógrafa revela-nos que esta Geografia mostra-se multifacetada: surgida nos anos 1950, com consolidação mais ampla no Brasil a partir da década de 1990, através da perspectiva da valorização da vida, pode humanizar a leitura da Economia, da Física e outras ciências, buscando a integração Homem-Ambiente e a valorização de paisagens e lugares. (MARANDOLA JR; GRATÃO, 2003, p.16)

O artigo de Feitosa (2007) promove uma leitura da paisagem por meio da obra literária *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto. O interesse aqui não foi promover um desdobramento dessa análise, mas atentar para a metodologia utilizada nessa pesquisa.

A princípio observou-se que a autora partiu da leitura dessa obra para entender os aspectos subjetivos do processo recente de descolonização de Moçambique; para tanto, procurou investigar os símbolos implícitos na obra literária, bem como na paisagem percorrida, cujo intuito permeava a compreensão do espaço da imaginação, ou, no dizer da autora, “a imaginação do espaço”.

Deste modo, vislumbramos, no desenvolvimento desta pesquisa, a possibilidade de investigar o Bairro do Macuco sob o viés do espaço simbólico, por

meio das memórias de vida estabelecidas no lugar. A paisagem construída pelo homem seria o palco para a verificação da condição humana nas formas construídas do lugar.

Entretanto, várias inquietações passaram a estruturar as análises sobre o Bairro do Macuco. Essas inquietações assentavam-se nas análises resultantes do trabalho de campo, bem como em todo processo de produção do espaço urbano da cidade de Santos.

Inegavelmente, as relações afetivas estabelecidas entre os moradores do Macuco com o lugar em si são extremamente representativas nesta pesquisa. Todavia, ao refletir sobre a relação entre o espaço e o tempo, com intuito de reportarmos ao passado para entender o presente, compreendemos que as relações afetivas que se estabeleceram no lugar também podem ser apreciadas como resultados espacializados de outras instâncias da sociedade.

Porém, em relação à produção do espaço urbano, vislumbra-se que uma estrutura da sociedade não se sobrepõe às demais; por isso, não se considera nesta pesquisa que os fatores econômicos sejam preponderantes aos fatores sociais, por exemplo, e nem mesmo às relações afetivas.

Assim, é evidente que o processo de produção da cidade proporciona singularidades destoantes ou similares de outras porções da cidade aos moradores de um determinado local; e estas, por sua vez, são capazes de estimular heterogeneidades entre os lugares de uma mesma cidade.

Essas heterogeneidades são os indícios da composição do lugar, da singularização do espaço da cidade. Acredita-se que isto seria o que promove a sua unicidade, o que lhe dá um sentido único diante do espaço global.

A consolidação de Santos como principal porto de escoamento do café acarretou no espaço da cidade grandes transformações. O Bairro do Macuco é considerado neste trabalho parte do resultado material dessa transformação econômica e social da cidade de Santos³⁶.

No que tange à transformação econômica, destaca-se a intensificação das atividades produtivas na cidade; desde as portuárias, o comércio em torno do café, até aos setores de construção civil, em consequência da expansão do porto e da expansão urbana na cidade.

³⁶ O desenvolvimento da produção do espaço urbano da cidade de Santos está presente no terceiro capítulo desta dissertação, no qual se realizou uma análise temporal sincrônica da expansão urbana da cidade a partir da intensificação das atividades portuárias no século XIX.

As transformações de caráter econômico em Santos acarretaram profundas transformações sociais, como o aumento da população na cidade com as migrações internas e externas, incentivadas pelo país por meio de políticas de migração internacional³⁷.

Essa breve caracterização da produção do espaço urbano da cidade de Santos demonstra que as relações econômicas foram extremamente significativas nesse processo.

Em decorrência desse processo, percebemos que a estrutura social da cidade também se modificou em razão das transformações econômicas, quando a crescente classe de trabalhadores do porto — os estivadores e os demais trabalhadores que migraram para a cidade com a missão de expandir o seu antigo porto —, provocou no poder público a preocupação com o ordenamento urbano (LANNA, 1996).

A preocupação com a moradia também foi observada na capital paulista e, de certo modo, os elementos econômicos norteadores desse processo estão relacionados à mesma dinâmica econômico-agrário-exportadora.

Além de os dados demográficos apontarem o ano de 1886 como o ponto de aceleração do incremento populacional da cidade, outros indicadores atestam que nessa época estruturou-se um dinâmico mercado de trabalho, exigindo moradias de baixo custo na capital. As mudanças ocorridas nas relações de produção nas fazendas de café, com a adoção de mão-de-obra assalariada, ocorreram ao longo dos anos 80, intensificando-se a partir de 1886 com a chegada em massa de imigrantes (BONDUKI, 1998, p.17)

Deste modo, verificamos que as mudanças sociais estão atreladas às transformações econômicas da sociedade, ou seja, nenhuma esfera se sobrepõe às demais, mas sim ocorre uma conjugação entre elas, ocasionando a dinâmica da sociedade por meio das relações sociais que se manifestam num determinado espaço.

Neste sentido, emergiu certa inquietação na adoção da abordagem humanística no desenvolvimento da fundamentação teórica da área de pesquisa. Tal inquietação baseou-se na ideia de que o Macuco é preliminarmente considerado nesta pesquisa como um Bairro singular na cidade de Santos, porque foi loteado com a finalidade de acomodar a classe operária; portanto está intrinsecamente relacionado aos reflexos econômicos de um determinado recorte temporal.

³⁷ Idem

Por outro lado, preocupamo-nos em conduzir essas reflexões a partir das consequências diretas do modo de produção capitalista. Essa precaução está calcada na singularidade do Macuco, pois mesmo diante de uma estrutura dominante, neste caso pautada no poder público, o recorte analítico se configurou como o lugar da vida para uma parcela significativa da população.

Diante disso, as reflexões de Duarte (2005) estimulam a discussão acerca da dimensão econômica nas/das cidades e, neste sentido, esboça a preocupação em não dimensionar os processos econômicos como base única para o entendimento das relações espaciais.

[...] “ O modo de produção capitalista como objeto de estudo assume na teoria Marxista, principalmente, um importante e emergente método de análise dos processos espaciais, mesmo que não fosse este o foco principal de estudo, propondo muitas vezes explicações “macro” e de cunho economicista da questão espacial . É preciso salientar porém, que não podemos generalizar as análises dentro deste paradigma único, mesmo porque, nenhum paradigma conseguiu responder ou corresponder ao todo, e que essa pretensão não é e nem deve ser seu objetivo [...]” (DUARTE, 2005, p.42)

Essa reflexão proposta pelo autor destaca que a dimensão econômica não pode ser apreendida como a principal mediadora das explicações sobre o processo de produção do espaço nas cidades.

Neste sentido, apesar de o Macuco ter sido loteado sob o interesse de uma classe dominante, tanto a sua ocupação como a sua apropriação basearam-se em perspectivas que ultrapassaram questões referentes à economia, ou seja, à estrutura homogeneizante do capital.

Além disso, constatamos uma contradição observada na lógica de expansão da cidade de Santos. O Macuco foi loteado para abrigar a classe trabalhadora, mas moradias de padrão não condizente com a realidade dessa classe favoreceram que outras classes mais abastadas ocupassem o local – como a classe média. Contudo, a classe trabalhadora, originalmente relacionada com o lugar, permaneceu no Bairro, ocupando os chalés de madeira, os quais já tipificamos no capítulo 3.

O significado desse processo de apropriação no Bairro do Macuco é apenas um indício do processo de produção desse espaço, pois se vê que as experiências

individuais e coletivas balizam a dimensão do vivido como precursora do estudo desse Bairro.

Os depoimentos extraídos dos moradores antigos do Bairro demonstram a convivência entre as funções portuárias e as funções de moradias. Ressalte-se que não se trata de uma convivência harmônica, porque há a insatisfação dos moradores quanto à realização das atividades portuárias, todavia essa concomitância de usos é característica do lugar.

Atentando a isto, os questionamentos realizados na entrevistas sobre o que os moradores mudariam no Bairro estavam principalmente relacionados à convivência de funções diferenciadas no lugar.

[...] “O trânsito de caminhões” [...] “As firmas de contêineres e as oficinas” [...] “Se não houvesse tantos caminhões melhoraria, o asfalto está muito esburacado por causa do peso deles, pelo jeito isso não vai mudar no Bairro” [...] “O movimento das carretas arrebenta os fios de telefone” [...] “Esses fios, essa luz amarelada e esses caminhões deixa tudo com cara de porto³⁸”.

A reprodução no espaço, como ente geográfico da realização da vida, contribui para que não se conceba o Macuco como espaço homogêneo, tanto no que concerne às formas como à sua apropriação.

Em relação à reprodução da vida nesse espaço, enfatizam-se as relações de afetividade dos moradores em relação ao lugar. Essa dimensão afetiva é evidência de que a homogeneidade no espaço só pode ser identificada de maneira superficial, já que é de difícil compreensão definir o que seria homogêneo no espaço da cidade de Santos.

Nem mesmo as técnicas empregadas na estrutura produtiva do porto de Santos exprimem uma realidade globalizada, pois a estrutura social relacionada ao trabalho, ao cotidiano, fortalece a heterogeneidade como traço norteador do lugar.

³⁸ As entrevistas foram realizadas em julho e agosto de 2007. Os entrevistados que forneceram estas entrevistas vivem no Bairro há mais de trinta anos.

“Dentro desse contexto, ‘lugares’ podem ser imaginados como articulações específicas destas relações sociais, incluindo relações locais ‘dentro do lugar’ e muitas daquelas conexões que vão além. E todas estão articuladas em camadas de histórias complexas. [...] Esta é uma noção de lugar onde a especificidade (lugar sem igual, um sentimento de lugar) deriva não de algumas raízes internas místicas nem de uma história de isolamento relativo – agora a ser desfeita pela globalização – mesmas precisamente da particularidade absoluta da mistura de influências ali encontradas juntas”. (MASSEY, 2007, 152-153)

Diante da leitura sobre globalização de Massey (2007) e a plausível relação com a área de pesquisa, é válido perceber que as interações econômicas na atualidade possuem características diferentes de outrora, isto é, ocorreram mudanças na estrutura sociopolítica mundial, no entanto esse processo está longe de se configurar como a homogeneização dos lugares.

Por este motivo, vislumbra-se que o Bairro do Macuco carrega traços materiais da dimensão econômica em sua estrutura física; porém essas singularidades são elementos que o definem como heterogêneo, a partir da interação entre a esfera econômica e a dimensão do vivido.

Neste sentido, apreende-se a conceituação de lugar de Carlos (1996, p.16): “Deste modo o lugar se apresentaria como o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição com o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento”.

Estabelece-se a importância da tríade definida por Carlos (2006, p. 21) sobre o lugar baseado na relação entre o cidadão-identidade-lugar; “[...] Abre-se aqui a perspectiva da análise do vivido através do uso, pelo corpo”.

A tríade elaborada por Carlos (2006) ilustra a análise sobre o Macuco, numa tentativa de ajustar as experiências em campo com a análise do conceito de lugar.

Reafirmando as questões orientadas pela tríade desenvolvida por Carlos (2006), o cidadão por meio de seu corpo se apropria do espaço em que vive e, juntamente a essa apropriação, cria a identidade, singulariza esse espaço, transformando-o em único através de sua experiência de vida, constituindo-se assim, o lugar, que passa a configurar o espaço do vivido, da realização da vida.

De acordo com essas ideias, apropriamo-nos neste trabalho da obra *Por uma outra globalização*, de Santos (2000), que analisa os aspectos da globalização nos

lugares. Segundo o autor, os lugares, assim como os territórios, recebem influências do processo de globalização, todavia emergem como uma contra-ordem (2000, p.114).

A contra-ordem estabelecida por Santos (2000) se figura na ordem dos indivíduos que não estão na base do poder político e, ao mesmo tempo, são capazes de promover a diferenciação dos lugares por meio de suas vivências, culturas herdadas, novas relações com o lugar.

Na área de pesquisa deste trabalho, é justamente analisada esta “contra-ordem”, que não se traduz como uma contraposição ao que é definido pelo poder público como algo subversivo, mas sim como a reinvenção da possibilidade de permanência num lugar no qual se sentem pertencentes, no qual percebem a valorização da vida enquanto possibilidade.

Essa possibilidade possui sentidos diferenciados para os indivíduos que vivem no lugar. Para alguns, é a alternativa de viver próximo a equipamentos urbanos; para outros, a possibilidade de permanecer no lugar de nascimento ou de outras relações estritamente afetivas.

A contra-ordem no Bairro do Macuco também pode ser verificada no passado, quando o poder público ditou regras que padronizassem as moradias, cujo objetivo baseava-se na higienização da cidade; em consequência disso, e também devido ao anseio de permanecer no lugar, vários chalés de madeira foram erguidos em mutirão, conforme relata Cardoso³⁹ (2006):

“No Macuco, a maior parte dos moradores era constituída de imigrantes de outros países – principalmente do Japão e Portugal – e migrantes de outros estados que quando aqui chegavam, por não ter moradia, tratavam de construir suas casas clandestinamente. Mas não eram só eles que usavam este artifício: os moradores pobres do bairro também erguiam seus chalés da noite para o dia, em sistema de mutirão, em que uns ajudavam os outros na construção” [...] (CARDOSO, 2006, p.59).

³⁹ A obra “O Macuco do meu tempo”, de Maria Alice Fernandes Cardoso (2006), é o relato das experiências de vida de uma moradora do Bairro, cujo cotidiano foi valorizado pela autora. Posteriormente, e conjuntamente com as entrevistas realizadas com moradores antigos do Bairro, será realizada uma reflexão sobre as experiências de vida desses moradores, e os símbolos que carregam consigo do Macuco de outrora e do presente, no sentido de contribuir para o entendimento do espaço vivido no lugar.

No relato apreendido acima, verifica-se a imposição de duas ordens distintas e complementares, uma delas seria a ordem conceituada por Santos (2000) como a ordem distante. Essa ordem distante se baseia nos interesses econômicos advindos do aumento das atividades portuárias em Santos; portanto, da emergente necessidade de sanear a cidade para garantir o crescimento das atividades portuárias, a saúde dos comissários de café, bem como a dos trabalhadores portuários⁴⁰.

Não obstante, apreendem-se as resistências impostas “pelos de baixo”, isto é, pela parcela de menor poder aquisitivo, incorporada pela força advinda das horizontalidades, pois estas são capazes de reinventar as possibilidades de realização da vida, conforme os meios coletivos e individuais.

É essa reinvenção do espaço produzida pelo homem que singulariza o Bairro. É a forma como os sujeitos sociais garantem a reprodução da vida, criam possibilidades de uso, constroem seus sonhos, aproximam-se da realidade do outro; porque o outro é parte dele mesmo, uma vez que juntos formam uma identidade comum, apesar da diferença cultural, social que possa separá-los em determinadas situações.

Neste sentido, Deusdedith Junior (2006, p.3) demonstra a noção de cotidiano como elemento que particulariza a reprodução humana, porquanto parte das experiências de vida no espaço como ponto de articulação do mundo e do indivíduo.

“Desce-se ao cotidiano. Ele fica lá em baixo, na raiz, e sustenta tudo o que se lhe sobrepõe. O cotidiano é assim a percepção do ‘comum’, daquilo que se tornou habitual mas sem o qual não viveríamos humanamente, não reconheceríamos os outros, o mundo e nem a nós mesmos” (Deusdedith Junior, 2006, p.3).

A compreensão do cotidiano, ou seja, daquilo que mediou a reprodução do espaço vivido no Macuco, influenciou o questionamento feito aos moradores antigos sobre os motivos que os incitaram escolher o Macuco como lugar de moradia.

⁴⁰ Sobre este assunto ver LANNA, A. D. Uma cidade em transição. Santos: 1870-1913. São Paulo: Hucitec, 1996.

[...] “Porque aqui consegui comprar a minha casa em 72” [...] “Escolhi o Macuco porque foi onde o dinheiro deu para comprar uma casa” [...] “Meu pai comprou a casa porque na época o preço era bom” [...] “Nasci aqui” [...] “Escolhi porque fica bem na beira no cais” [...] “Sempre morei aqui, tem tudo perto, farmácia, padaria, ônibus na porta” [...] “Fui sorteado pra morar nas populares”.

Os trechos acima demonstram que o Macuco também é apreendido pelos seus moradores como o lugar da possibilidade. Essa possibilidade é consubstanciada no direito de moradia, no ato de adquirir uma casa própria e, ainda, no usufruto de alguns fatores locacionais que possam contribuir para a reprodução cotidiana.

É válido mencionar que esses moradores são antigos, muitos residem no Bairro há mais de trinta anos; portanto, os apontamentos que são tecidos remontam a um período em que o preço do solo urbano não era condizente com o poder aquisitivo da classe trabalhadora.

Na atualidade, essa possibilidade se restringe aos novos segmentos sociais. Essa reflexão é realizada quando se observa a nova tendência de edificação em determinados trechos do Bairro, como o exemplo das moradias sobrepostas. Essas moradias de alto padrão coexistem na mesma paisagem com os antigos chalés de madeira; trata-se do novo e do velho no mesmo espaço, bem como de conteúdos diferenciados no que se refere a sua ocupação e à apropriação desse espaço.

No Macuco, vê-se a interação entre o espaço mundial e o local como se ali houvesse a adesão dessas duas esferas. Ou ainda, como se nesse lugar fosse possível apreender a dinamicidade do espaço, que é justamente esse refazer constante, vivificado pela apropriação dos indivíduos.

A paisagem heterogênea do Macuco confirma o entendimento da produção do espaço urbano, na medida em que se percebe que esse processo extravasa questões unilaterais. Neste sentido, Santos (1997) traduz a importância do cotidiano como dimensão de articulação entre o mundo e a sua desigual materialização nos lugares.

“[...] O lugar é o quadro de uma referência pragmática do mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade” (SANTOS, 1997, p.258).

A orientação metodológica para a análise do recorte analítico pautou-se no anseio de entender o conceito de lugar como espaço vivido, com base nas relações horizontais dos indivíduos. Entretanto, acautelamo-nos em considerar que estas relações também são reflexos e condicionantes de estruturas de dimensões escalares distintas, como a econômica e a política. Não obstante, é no lugar que essas estruturas se tornam singulares, reforçando a possibilidade da existência de heterogeneidades no/do espaço.

5.1 Macuco: lugar de heterogeneidades

Inicialmente, vale a pena reforçar o que se considera nesta pesquisa como heterogeneidade. Neste trabalho, essa noção está estritamente relacionada às diferenças resultantes do modo de apropriar-se do espaço, e o Bairro do Macuco caracteriza-se como o lugar da materialização desse processo.

Neste momento da pesquisa, cabe salientar que se pretende compreender o Macuco como lugar singular da cidade de Santos. Para realizar essa análise, pautamo-nos nas conceituações de lugar de Santos (1997) e Carlos (1994), uma vez que esses dois autores proporcionaram — ainda que se considerem as diferenças em sua abordagem metodológica —, o suporte intelectual para entendermos que o lugar é o conceito capaz de captar o nível sensível das experiências humanas, como se fosse a escala de materialização da vida.

Os referidos autores concebem a vida observada no lugar como resultado das experiências humanas, contudo não deixam de considerar que essas experiências também estão relacionadas ao processo econômico e social, presentes na produção do espaço urbano.

Neste sentido, foram aplicadas entrevistas junto aos moradores antigos do Bairro. Esse segmento social foi selecionado por considerar-se que presenciaram parte significativa do processo de produção do espaço nessa porção da cidade. A partir disso, propõe-se analisar suas experiências no lugar como instrumento de apreensão das heterogeneidades que compõem a área em estudo.

Em relação à apropriação urbana que se realiza na área de pesquisa, é válido mencionar que 30% dos entrevistados são oriundos do Nordeste brasileiro. Esse dado é relevante quando se observa a cultura trazida por esses moradores, e a forma como ela se manifesta revestida do novo, a qual é inerente ao novo espaço de que estes passam a se apropriar.

Braga (2006, p.1-2) corrobora essa questão ao mencionar a intensificação da migração do Brasil associada ao crescimento urbano e industrial, caracterizados pelo autor como “elementos importantes para a análise do processo de integração das regiões no âmbito do desenvolvimento produtivo e das relações de trabalho”.

Diante disso, vê-se que a presença de migrantes na cidade de Santos, em especial no Bairro do Macuco, é reflexo da ação de esferas políticas e econômicas, observadas ao longo do tempo no país.

É fato elementar que parte considerável dos moradores originários de outras localidades fazem parte do movimento migratório observado entre as décadas de 30 e 70 do século XX, decorrente da industrialização e da posterior desconcentração industrial na cidade de São Paulo (Braga, 2006).

Não cabe aqui o aprofundamento de questões de mobilidade espacial no Estado de São Paulo, porém destaque-se por meio das ideias de Martins (1998, p. 58) que o “processo de desterritorialização”, reflexo da dinâmica capitalista, não contempla todos os questionamentos sobre a migração interna no país.

Por outro lado, ressalte-se que as respostas fornecidas pelos moradores do Macuco apontam a migração como a possibilidade de melhoria na qualidade de vida, principalmente no que tange a possibilidades de emprego.

No entanto, a migração em busca de novas possibilidades de sobrevivência não encerra os motivos que contribuíram para a escolha do Bairro do Macuco para fixação de moradia. A migração para a cidade pode ter sido impulsionada por questões econômicas, todavia a escolha pelo lugar é muitas vezes associada aos familiares residentes no Bairro.

Não definiremos os motivos que levaram esses moradores a migrarem da região de origem, porém é significativo ressaltar o anseio que os acompanhou na ocupação do Macuco. Para tanto, cabe analisar o depoimento abaixo:

[...] “Vim parar no Macuco porque tinha um conhecido que veio da Paraíba e morava aqui. Vim por motivo de trabalho e cheguei aqui e trabalhei muito pra fazer a minha vida. Muita gente maldizia nordestino, que é povo vagabundo, sem educação, já ouvi até dizer que era tudo gafanhoto, como a praga que foi jogada no povo da bíblia. Pela luta da minha vida consegui vencer, trabalhava num bar aqui perto do canal, era empregado, mas minha vida era da casa do trabalho, consegui juntar meu dinheiro e comprei o bar do meu patrão, trabalhei de domingo a domingo, comprei minha casa aqui, porque minha vida toda era aqui, vendi o bar e me aposentei, hoje ninguém mais me fala que nordestino é vagabundo, porque tem muito nordestino por aí trabalhando de jeito honesto⁴¹”.

Esse depoimento retrata as experiências de vida de um migrante nordestino no Macuco. O Bairro se caracterizou como o lugar que marcou a trajetória de

⁴¹ Morador do Bairro há mais de 50 anos.

vida desse sujeito social; nele encontrou desafios relacionados ao preconceito e, ao mesmo tempo, concretizou a realização de sonhos, como a aquisição da casa própria.

O modo de se apropriar do Bairro retrata a reprodução da vida nesse espaço, por meio da realização cotidiana. As experiências de vida muitas vezes se misturam à história do Bairro, presente no imaginário coletivo dos moradores.

Deusdedith Junior (2006, p. 4) observa que “O cotidiano é então o exercício diário dos atos fundadores da identidade e da diferença”.

Deste modo, a história de vida dos moradores foi inquirida por intermédio do questionamento sobre o que representava o Macuco para os moradores antigos. Destaca-se entre as respostas mais significativas a que segue:

[...] “O Macuco é a minha primeira morada, tenho a minha família aqui⁴²” [...] “Pra mim...tive meus filhos aqui” [...] “O lugar que construí minha família aqui” [...] “É tudo, vim pra cá, casei e fiquei” [...] “Representa uma parte da minha vida” [...] “É onde nasci e fui criado” [...] “Sempre foi ótimo, já tenho raízes, é a herança dos meus pais” [...] “Eu gosto daqui, criei meus filhos aqui” [...] “A minha infância, adolescência” [...]

Entre os entrevistados mais antigos no Bairro há um percentual muito elevado de moradores que nasceu ou se criou nele. Em geral, esses moradores associam o Bairro a suas vidas, conforme os trechos acima.

Ainda, em relação às experiências de vida e o processo de produção do Bairro, vê-se que os moradores mais antigos acompanharam essas transformações, e atualmente podem ser considerados como repositório precioso do conhecimento sobre o processo de loteamento e expansão do Macuco.

Vários fatos foram retratados pelos moradores antigos e, posteriormente, comprovados por meio de documentos oficiais, como as leis de ordenamento e expansão territorial da cidade, analisadas junto à Superintendência de Santos.

Esse aspecto também foi retratado na questão que se referia às impressões pessoais sobre o Bairro num período de 15 anos ou mais, de acordo com os seus moradores. Vejamos a seguir alguns trechos analisados.

⁴² Apesar de o morador se referir à primeira morada, ele tem 81 anos e vive no Macuco há 42 anos, e sua origem é pernambucana.

[...] “Era gostoso, tinha bailinho, chafariz, circo, muita coisa gostosa” [...] “Quando cheguei era tudo terra, tinha uma chácara que vendia verduras, foi um sonho construir isso aqui” [...] “Era tudo terra, tinha valas” [...] “Aqui era uma chácara de japoneses, o povo exigiu a linha de ônibus 61, tinha o chafariz onde os cavalos tomavam água, tinha feira onde tocavam chorinho, aos poucos foram fazendo as casas populares” [...] “Era tudo areião, dava pra pegar carangueijo, o cais não era tão grande” [...] “A av. Afonso Pena era tudo areião, meu pai ajudou a fazer o calçamento, ele morreu em 64” [...] “A Campos Melo era de terra, depois foi a única asfaltada, então a chamavam de a ruas das bicicletas, porque todo mundo vinha andar de bicicleta ali [...] “Aqui tinha terra de praia, não tinha calçada” [...] “Era um charco, um bequinho, mato, vala” [...] “A infância era maravilhosa, a adolescência...passeávamos juntos, andávamos de bicicleta, não tinha maldade” [...] “Não passava carro, os enterros iam na mão porque a rua era estreita, tinha que sair pulando paralelepípedo, tinha poucas casas de tijolos⁴³”.

Os relatos acima foram extraídos do depoimento de moradores que vivem no Bairro há 60 anos ou mais. As impressões relatadas por esses moradores remontam às décadas de 30 e 40 do século XX, conforme os dados extraídos da Superintendência de Santos. Além de retratarem a paisagem desse período, essas impressões expressam a reprodução do espaço vivido por meio das experiências que foram relatadas.

A lembrança das pessoas mais idosas do Bairro permite transitar entre o passado e o presente por intermédio da experiência de vida desses sujeitos sociais. Estes carregam consigo as experiências do lugar no passado e as transportam para o tempo atual; nesse trasladar de tempos, conseguem exprimir as mudanças ocorridas no espaço.

Bosi (2004) destaca a riqueza da memória social contida nos relatos das pessoas idosas.

[...] Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis [...] (BOSI, 2004, p. 60).

Devido às profícuas lembranças dos idosos sobre o Bairro, foram questionados sobre a possibilidade de trazer algo do passado para a atualidade. É

⁴³ Todos os trechos são recorrentes de moradores que vivem no Macuco há 60 anos ou mais.

notável que as experiências de vida sobre o espaço ainda se sobrepujam às questões mais voltadas ao caráter econômico.

“Traria o silêncio, os contêineres fazem muito barulho” [...] “Acho que os bondes” [...] “O sossego, menos movimento de caminhão” [...] “Só os meus filhos pequenos” [...] “A turma da infância, as brincadeiras de rua” [...] “Meus amigos que morreram” [...] “O desfile pelo Bairro da escola de Samba X-9” [...] “A família, a amizade, os vizinhos daquele tempo” [...] “Os campos de futebol, hoje não tem lazer” [...] “O carnaval de rua, o povo dançava, o bozó (jogo de dados) valendo dinheiro” [...] “A árvore com banquinho na pracinha” [...]

Bosi (2004, p.408) expõe que a memória coletiva é construída por meio de interações sociais, seja na escola, seja na família, seja na rua; e, ainda, acrescenta que determinado fato é revisto na medida em que os membros que vivenciaram determinada experiência a recontam, acrescentam ideias, corrigem alguma informação.

Deste modo, a memória dos moradores mais velhos do Macuco expressa sensações vivenciadas num determinado lugar; talvez por esse motivo, muitos fatos repitam-se em experiências de indivíduos distintos.

As brincadeiras, as lembranças familiares, a extrapolação do espaço da casa para o espaço da rua demonstram que o Macuco se constituiu como parte das experiências de vida desses moradores. O espaço da rua e o espaço da casa, e a apropriação do Bairro, fortalecem o entendimento da área de pesquisa como um lugar.

Os depoimentos apontam que no passado havia uma interação acentuada entre o indivíduo e o lugar. Na atualidade, é possível perceber a interação dos sujeitos sociais nas ruas; como, por exemplo, nas festas que ocorrem no Bairro.

A festa do dia das crianças ocorre no Bairro há cerca de 20 anos. Geralmente, são arrecadados entre os moradores mercadorias ou dinheiro para que a festa seja concretizada. Além disso, a festa é patrocinada pelos comerciantes do Bairro. Durante a festa os moradores se mobilizam na organização: algumas mulheres servem o cachorro quente; outras o refrigerante. Enquanto isso, as crianças brincam pelo espaço delimitado na rua.

Foto 28 – Festa do Dia das Crianças no Macuco I



Autor: CARVALHO, C.M.O.
Fonte: Trabalho de campo, outubro de 2008

Foto 29 – Festa do Dia das Crianças II



Autor: CARVALHO, C.M.O.
Fonte: Trabalho de campo, outubro de 2008

Outro evento tradicional do Bairro é a corrida do “Sonrisol” que acontece todo primeiro dia do ano. Essa corrida tem a participação mais intensa dos

homens, embora o número de mulheres tenha aumentado significativamente ao longo dos anos. Essa corrida também é patrocinada pelos comerciantes do Bairro. Não se sabe o tempo preciso em que teve início a realização desse evento, mas segundo os moradores ele tem cerca de 35 anos.

Foto 30 – Festa do Dia das Crianças III



Fonte: Trabalho de campo,
outubro de 2008
Org. CARVALHO, C.M.O.
Área - 3

Autor: CARVALHO, C.M.O.

Fonte: Trabalho de campo, outubro de 2008

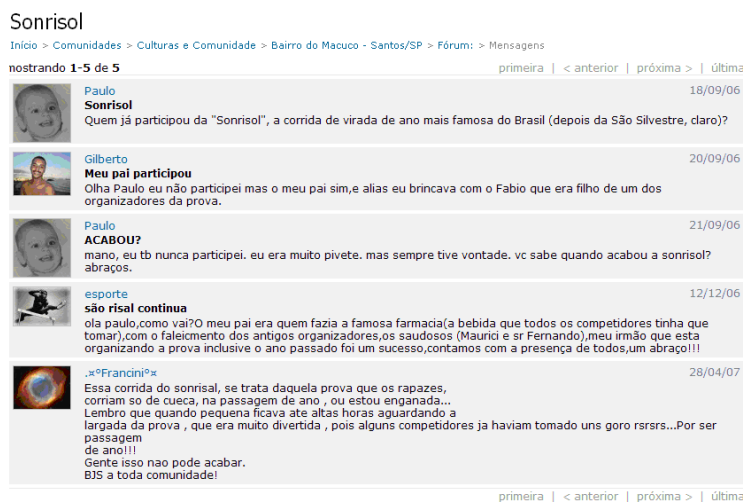
Fonte: Trabalho de campo, outubro de 2008

Conforme Bosi (2004) destacou, a memória social é construída por meio da interação entre os indivíduos. Neste sentido, observa-se na comunidade construída em um site de relacionamento, *Orkut*, a interação entre os membros acerca das impressões sobre o lugar.

Assim, reconhece-se que entre os moradores mais antigos e os moradores de menor idade há uma identidade comum mediada pela apropriação do espaço. Em relação às reproduções da vida tanto no passado quanto na atualidade, percebe-se que a experiência cotidiana torna o Bairro singular a partir da sua apropriação.

A configuração do Macuco como lugar se evidencia a partir da criação de identidades semelhantes e, ao mesmo tempo, díspares, pois as lógicas cotidianas individualizam os lugares (Heller, 2000).

Figura 9 – Comentários sobre a Corrida do “Sonrisol”



A partir do cotidiano e da formação de identidades sociais, compreende-se que o Macuco resguarda elementos simbólicos que matizam o Bairro como traço comum de determinados grupos sociais. Neste sentido, questionou-se sobre o que seria considerado como o maior símbolo do Bairro.

[...] “A X-9 e a Bacia” [...] “A escola municipal Auxiliadora e a escola de Samba Padre Paulo” [...] “As populares” [...] “A Praça Palmares” [...] “A vida” [...] “Porto” [...] “Escolas de Samba” [...] “O próprio nome do Bairro” [...] “Amizade” [...] “Alegria, amizade. fofoca” [...] “Meus filhos, netos e bisnetos” [...] “Comércio” [...] “A bagunça da molecada” [...] “A simplicidade do povo” [...] “Sujeira” [...] “Os malandros” [...] “Museu do Porto” [...] “A rua” [...] “O trabalho” [...] “Os containeres”.

Primeiramente, é válido ressaltar que todos os símbolos citados acima se repetiram durante os questionamentos, porém a Escola de Samba X-9 e a Bacia do Macuco foram os elementos mais lembrados durante essa abordagem.

Constatar os símbolos do Macuco para os moradores do lugar é uma tentativa de enxergar de modo materializado a identidade construída a partir da sua

apropriação. Seria como entender os elementos comuns que particularizam as identidades dos sujeitos sociais moradores de um Bairro composto por uma paisagem tão desigual e, ao mesmo tempo, apropriado por sujeitos sociais distintos entre si.

A análise dos símbolos do Macuco retratados pelos moradores demonstra que as experiências individuais e coletivas, *no* e *do* lugar, são evidências de que o cotidiano matiza os elementos do espaço vivido.

Esse questionamento foi realizado junto aos moradores antigos do Bairro; porém entre estes moradores existem diferenças no que tange à apropriação do espaço, como também em relação às condições econômicas, o que de certo modo está atrelado à realização do cotidiano.

A renda familiar desses entrevistados demonstra um pouco da diferença e semelhança socioeconômica dos moradores do Bairro. A maioria (40 %) desses entrevistados possui uma renda que varia entre 1 e 3 salários mínimos, e cerca de (32 %) possui uma renda entre 3 e 5 salários mínimos.

As rendas familiares mais elevadas do Bairro variam entre 5 e 10 salários mínimos e expressam um percentual de 17%; em contrapartida, as rendas familiares que atingem até 1 salário mínimo somam 10 % dessa abordagem.

A descrição das rendas foi obtida com o intuito de investigar as diferenças existentes entre os moradores. Essa constatação reforça a ideia da construção das identidades, pois elas são criadas a partir de pontos comuns entre sujeitos diferenciados. Assim, apesar da diferença existente entre esses moradores, os símbolos apreendidos por eles convergem para impressões semelhantes sobre o lugar.

As diferenças entre os moradores do Bairro do Macuco não se limitam à estrutura socioeconômica, mas também ao modo de apropriação no lugar. No terceiro capítulo desta dissertação foi possível observar o processo de loteamento do Bairro e as formas de apropriação desencadeadas ao longo do tempo. O quarto capítulo do trabalho esboçou que entre esses moradores existem muitas diferenças, as quais vão desde as formas das moradias que são ocupadas por eles até às ocupações desempenhadas; ou mesmo em relação às impressões que cada um carrega junto a si a respeito do lugar em que vive.

De certo modo, apreender as diferenças existentes entre os moradores reforça as homogeneidades existentes entre eles, principalmente no que se refere à reprodução da vida no Bairro. Neste sentido, questionou-se o que os moradores antigos gostariam de mudar no Bairro.

Essa indagação tinha como propósito verificar se os problemas do Bairro são apreendidos da mesma maneira pelos sujeitos sociais do lugar. Dentre as respostas, destacamos os seguintes trechos:

[...] “Pra mim está tudo certo” [...] Nada...nosso pedaço já se transformou...” [...] Tiraria as transportadoras, as oficinas, o mal cheiro, ta muito sem espaço” [...] “ Tiraria essa água parada da rua, faz dez anos que a prefeitura não toma providências” [...] “Jamais mudaria alguma coisa, aqui conquistei tudo que precisava” [...] “O asfalto” [...] “O movimento de caminhões” [...] “A iluminação das ruas” [...] “Tiraria os viciados” [...] “A estrutura, limpeza, asfalto” [...] “Arrumar a galeria pluvial, afundando a rua” [...] Mais organização nas ruas, menos lixo, mais lazer para molecada [...] “Quem tem que mudar é o prefeito” [...] “ As bocas de tráfego”.

Antes de se efetuar a análise dos trechos acima é necessário fazer algumas ressalvas, dentre elas sinalizar para a repetição dos resultados.

Dentre as respostas que obtiveram maiores incidências destacam-se as menções de que o Macuco não precisaria mudar em nada (36%); os problemas relacionados ao fluxo de caminhões, como o trânsito pelo Bairro, o estacionamento em lugares indevidos (20%); e as questões relacionadas ao asfaltamento (22%).

Apesar da confluência de respostas semelhantes nas impressões dos moradores mais antigos, é imprescindível perceber que as diferenças presentes nos discursos estão relacionadas às diversas formas de apropriação que se realizam na área de pesquisa.

As diferenças nas formas de apropriação podem ser apreciadas por meio dos problemas mencionados acima. Por exemplo, a maioria dos entrevistados que destacaram os problemas na pavimentação possuem entre si algumas semelhanças no que tange ao local em que vivem, pois ocupam, principalmente, as áreas do Bairro com um tipo de pavimentação mais antiga, os paralelepípedos.

Em conformidade com essa análise, percebe-se que a grande parte dos entrevistados que apontam os problemas relacionados ao tráfego de caminhões estão localizados em áreas mais próximas ao porto.

Na realidade, o que se apreende é que, conforme o modo em que a vida se realiza num determinado lugar, as reivindicações, os anseios, os costumes serão diferentes daqueles que não vivenciam diretamente determinadas situações.

Neste sentido, verifica-se que num mesmo Bairro é possível que haja múltiplas territorialidades, na medida em que os agentes sociais que se apropriam desse espaço possuem possibilidades diferentes de uso do espaço e, por consequência, criam heterogeneidades dentro de um mesmo território.

5.2 Macuco: lugar de múltiplas territorialidades

Até o presente momento da pesquisa, o Bairro do Macuco foi compreendido numa perspectiva que o considera além de sua estrutura física, de sua delimitação espacial. Essa perspectiva será mantida neste subtópico, pois os elementos heterogêneos presentes nos diferentes modos de vida que se manifestam neste lugar contribuem para que se apreenda que no mesmo território é possível ocorrer diferentes formas de apropriação.

Nesta perspectiva, Saquet (2007), em sua obra *Abordagens e concepções de território*, destaca a influência marxista e neo-marxista no estudo do conceito de território. Para este autor “[...] A materialidade do território exprime-se nas relações intersubjetivas derivadas, em última instância, da necessidade de produzir e de viver que, ligando os sujeitos humanos à materialidade do ambiente, provoca interações entre si, como membros de uma sociedade (SAQUET, 2007, p.8).

As interações desenvolvidas no seio da sociedade, por meio das atividades de produção, das relações com o meio natural e artificial, possibilitam que o conceito de território seja analisado a partir dessas interações e não apenas como o lócus das descrições de determinadas características de uma área delimitada.

Nesse sentido, o Macuco não se trata de um bairro como delimitação de gerenciamento público, mas sim de um lugar que reflete constantes transformações ao longo do tempo, em decorrência das interações sociais.

Neste ínterim, apontam-se as relações de poder desenvolvidas por Raffestin (1980), como o Poder estabelecido pelo controle da população e dos recursos, e o poder incorporado pelas relações de força, movido pela desigualdade.

Ao analisar as relações de poder evidenciadas por Raffestin (1980) é possível associar a atuação do poder público, durante o processo de expansão urbana de Santos, ao poder atribuído ao controle da população e dos recursos, neste caso associado ao solo urbano como mercadoria.

Por outro lado, também é possível perceber o poder estabelecido por meio da desigualdade; por exemplo, quando ocorreu a permanência da população residente nos chalés no início do século XX, ao mesmo tempo em que as classes de poder aquisitivo mais elevado ocupavam as moradias geminadas, inicialmente construídas para abrigarem os trabalhadores.

Ainda, na atualidade o poder relacionado à desigualdade pode ser observado, por exemplo, na permanência nos cortiços dos moradores de poder aquisitivo mais restrito; ao mesmo tempo em que ocorre a proliferação de moradias de padrão mais elevado no lugar.

As múltiplas territorialidades do Bairro do Macuco foram emergindo a partir do movimento diacrônico do processo de urbanização verificado na cidade de Santos. Braudel (1978, p.10) enfatiza a análise histórica como processo, sendo pra ele o tempo breve “a mais enganadora das durações”.

Para analisar as múltiplas territorialidades do Bairro é imprescindível relacioná-las ao tempo longo, pois este será o condicionante da realidade que se realiza no lugar, o qual só poderá ser apreendido numa perspectiva transescalar.

Deste modo, Braudel (1978, p.18) define como um grande equívoco a escolha de um tempo breve em detrimento de outras perspectivas históricas. Para o autor, “cada atualidade reúne tempo de ontem, anteontem, de outrora (simultaneamente)”. Então, alçar em busca das territorialidades presentes num recorte espacial envolve uma análise atual, bem como uma análise do movimento, do processo que delineou a realidade social a ser entendida.

Neste sentido, o estudo das formas do Bairro se configurou numa tentativa de compreender as heterogeneidades que marcam o lugar. Não se tratam de formas como objeto materializado, mas sim de formas apropriadas ao longo do tempo e, acima de tudo, que perpassaram pela influência de distintas esferas de poder.

As relações dialéticas verificadas no território constituído pelo Bairro do Macuco são evidências do “concreto no mundo das ideias”, conforme Lefebvre (1995, p.135). O Macuco é apreendido como o conhecimento concreto. Contudo esse conhecimento imediato, que seria a sua delimitação como Bairro (numa visão escalar e delimitável) torna-se um conhecimento mediato na compreensão das múltiplas territorialidades, que sinalizam para a similitude de relações processuais, isto é, são elementos distintos de um mesmo processo que se complementam.

A partir disso, vê-se que o território extravasa os limites oriundos de uma delimitação específica, cuja proeminência identifica as demais relações de poder existentes no espaço. Destarte, as relações simbólicas no Macuco originam relações de poder por meio do uso estabelecido no lugar, do convívio, da reprodução cotidiana.

O estudo do território se combina com as coexistências, com a superposição de eventos, de múltiplas relações. Santos (1996) destacou que “[...] os eventos não se dão isoladamente. Quando consideramos o acontecer conjunto de numerosos eventos, cuja ordem e duração não são as mesmas, verificamos que eles se sobrepõem” (1996 p.123).

Para determinados segmentos do Bairro, o Macuco é ambiente de moradia, de vivência de trabalhadores portuários, de convívio; porém, para determinados grupos, é um local violento, em que o valor da moradia compensa os malefícios enfrentados no dia-a-dia.

Os diversos modos de se apropriar desse espaço corrobora o entendimento das múltiplas territorialidades do Bairro. Para refletir sobre essa perspectiva, foi apresentada aos moradores mais antigos a seguinte enquête: “Quando pensa na palavra Macuco o que lhe vem à mente?”

[...] “Vem meus filhos, porque eles nasceram todos aqui” [...] “Pra mim tem gente que tem vergonha, mas eu digo, moro no Macuco” [...] “Transformação” [...] “Samba, pagode” [...] “Movimento, lugar de malandro” [...] “Trabalho” [...] “Antigamente era morte, agora não, diminuiu a violência” [...] “Saudade, o bonde para ir na cidade” [...] “ Sensação ruim, bairro pesado” [...] “Pessoas simples” [...] “Cais, porto” [...] “A minha vida” [...] “ Infância” [...] “Cais e sujeira” [...] “Um lugar bom, o pessoal falava Bacia...mas é lugar bom” [...] “Os meus antepassados” [...] “ Sossego” [...] “O próprio nome já diz, tudo é muito antigo” [...] “Um bairro que aumentou muito, tem um monte de prédio” [...] “ Pessoas simples, companheiras” [...] “Momentos bons, brincadeiras” [...] “Era terrível, o pior lugar que tinha” [...] “Casa, família” [...] “ Não vem nada, lembro do meu pai” [...]

De acordo com os trechos relatados acima, percebe-se que o Macuco possui significados diferenciados para os seus moradores. Para alguns, a atividade portuária é a expressão mais significativa do Bairro; para outros, as experiências de vida são associadas ao lugar; e ainda há pessoas que possuem impressões negativas sobre a área de pesquisa, como a criminalidade.

Essas impressões que singularizam o Macuco são construídas ao longo da vivência no lugar. Assim, se os eventos fossem analisados de modo isolado, as temporalidades não seriam diversas. Deste modo, o Macuco não seria apreendido como o lócus de múltiplas territorialidades.

Santos (1996) assinala que “[...] no espaço geográfico, as temporalidades não são as mesmas, para os diversos agentes sociais, elas se dão de modo simultâneo (1996, p. 126)”. Em virtude disso, apreendem-se as múltiplas territorialidades no Macuco a partir da assincronia de momentos distintos, em decorrência das coexistências de tempos e ritmos diferenciados conforme os agentes sociais que se apropriam de determinadas porções do espaço.

É evidente que exista a sincronia de tempos, mas a sua assimilação é singular conforme o ritmo dos agentes envolvidos nesse processo. Isto se relaciona ao eixo das sucessões desenvolvido por Santos (1996). Neste sentido, Santos (1996) define: “[...] O espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço (território) relacionadas com possibilidades diferentes de uso do tempo” (SANTOS, 1996, p.127).

Nesta perspectiva, é essencial considerar a indissociação entre tempo e espaço no estudo do Macuco como expressão do lugar. Dematteis *apud* Saquet (2006, p.76) pondera sobre o território: “Na história dos homens a superação (...) sempre foi fonte de contradições, tensões, conflitos internos, crises e mudanças: e esta é uma característica fundamental de nosso conceito de território, não verificada na territorialidade animal”.

A paisagem desigual do Macuco resguarda a sucessão de tempos e a concomitância de tempos distintos. Assim, as relações sociais que dinamizam essa paisagem são permeadas pelos conflitos existentes na apropriação do espaço. Santos (1988) concebe a paisagem como um substrato da relação entre tempo e espaço, como se um recorte fosse materializado, contudo não estático.

Turri *apud* Saquet (2007, p.142) reflete sobre o conteúdo social da paisagem “[...] O território é chão, formas espaciais, relações sociais, e tem significados; produto de ações históricas (longa duração) que se concretizam em momentos distintos e superpostos, gerando diferentes paisagens”. Desse modo, a paisagem do Macuco comporta tempos diacrônicos e assincrônicos, formando uma multiplicidade de territorialidades e temporalidades.

Dessa forma, a paisagem apreendida no Macuco difere para os indivíduos que dela fazem parte, ou para aqueles que perpassam por ela. Nesta perspectiva, Raffestin *apud* Saquet (2007,p.144) define a paisagem “ [...] Definitivamente do território, a paisagem não faz “sombra”, porque não é material, é fruto de muitas sensações [...]”.

Destarte, seria a paisagem fruto das sensações, e o território a materialização da subjetivação da paisagem. Embora a abordagem sobre território de Quaini seja distinta da de Raffestin, é relevante atentar para a sua abordagem, apreciada em Saquet (2007, p.145): “A paisagem é vivida e sentida, com mitos, sonhos e emoções; é (i)material e um componente necessário para se projetar o mundo da vida”.

Assim, a paisagem pode ser compreendida de modo distinto pelos seus moradores. Enquanto Raffestin define a paisagem como parte das sensações, cabe analisar o Macuco como possibilidade de múltiplas apreensões; enquanto para determinados segmentos sociais ele parece inóspito, símbolo de arruação, local de “população pobre”, para outros é parte de uma paisagem permeada pela sociabilidade.

Conforme aponta Saquet (2006, p.81), “Espaço, tempo e território são conceitos e processos do real intimamente articulado. Não estão separados, mas são diferentes”. A percepção das territorialidades presentes no espaço geográfico pode ser distinta conforme as ações individuais e coletivas dos moradores no bairro.

Diante disso, consideramos relevante também analisar as impressões dos moradores e frequentadores do Bairro, independentemente da idade.

As respostas observadas abaixo demonstram que as impressões sobre o Macuco são distintas, pois, na realidade, trata-se de sujeitos sociais com diferentes experiências de vida, portanto com possibilidades diferenciadas de apropriação do espaço.

As referências positivas quanto à representação do Bairro são acompanhadas de adjetivos de qualidade relacionados à atividade cotidiana no lugar. Exemplos dessas menções definem o Bairro como: “lugar bom para viver; lugar bom para se criar os filhos; o que precisar encontro por aqui”.

Além disso, os laços afetivos mencionados pelos moradores se referem à infância, ao nascimento no Bairro, à família. Tais respostas caracterizam o lugar por meio das histórias de vida. Em alguns casos, como já apresentamos, os relatos sobre a vida no Bairro confundiam-se com as transformações do Macuco ao longo do tempo,

como a “presença das linhas de bonde, os quintais com árvores frutíferas, as ruas de terra”.

A relação de afetividade com o lugar permite-nos compreender a produção do espaço também como resultado das interações entre os sujeitos sociais e o espaço. Assim, o modo de realização da vida enseja que certa porção do espaço possa figurar como lugar único para determinados segmentos sociais.

Tabela 6 - O que representa o Macuco para moradores e frequentadores

Representação do Macuco	Frequência	Percentual
Resposta positiva sem especificação.	63	31,5%
Resposta positiva relacionada ao morar e ao cotidiano.	40	20%
Resposta relacionada ao nascimento, infância e vida no Bairro.	30	15%
Associação com o trabalho.	22	11%
Resposta relacionada a tranquilidade e segurança.	14	7,0%
Não sei.	12	6,0%
Respostas que apontam a má administração pública.	6	3,0%
Resposta negativa – paisagem deteriorada.	5	2,5%
Resposta positiva relacionada a gama comercial.	4	2%
Relação do Bairro com a história da cidade.	4	2,0%
Total	200	100%

Fonte: Trabalho de campo, julho/agosto de 2007.

Organização: CARVALHO, C.M.O.

Os laços de afetividade, de relações de vizinhança, de memórias pessoais se apresentam como mediadores da apropriação espacial, demonstrando que os conteúdos da paisagem do Macuco resguardam experiências particulares de vida. Portanto, territorialidades associadas ao uso do espaço por meio do cotidiano.

A associação do Bairro ao local de trabalho não resultou menções muito significativas em relação à totalidade percentual; todavia, ela contribui para que compreendamos o Macuco como território singular para a realização da atividade portuária.

Os entrevistados que forneceram estas respostas são, principalmente, trabalhadores portuários que veem no Bairro a possibilidade de viver próximo ao porto. Essa possibilidade extravasa a proximidade espacial com o cais, mas se refere, em especial, à moradia num cenário propriamente reconhecido como Bairro portuário.

Esse reconhecimento foi apreendido através dos trabalhos de campo realizados nos bares do Macuco. Esses bares são frequentados primordialmente pela população masculina, e o que despertou nosso interesse nesse ambiente é que quanto mais próximo ao porto, maior é a incidência de estivadores; ainda, notamos que estes não são necessariamente moradores do Bairro. Dessa forma, apreende-se o Macuco como lugar de trabalhadores portuários pelos usos que nele se realizam.

Sendo assim, por meio dessas análises, percebemos dois elementos representantes das heterogeneidades e homogeneidades do Macuco em relação à apropriação de suas formas. Primeiramente, podemos apontar que o Macuco possui um sentido positivo para os moradores e frequentadores. Em sua maioria, as relações afetivas relacionadas ao espaço de moradia representam os percentuais mais expressivos na pesquisa. Portanto, as formas do Macuco possuem em seus conteúdos a expressão da vida de quem delas se apropriam.

Num segundo momento, as menções negativas reforçam os elementos relacionados à reprodução do espaço vivido, pois o cotidiano também se manifesta por meio de conflitos. É através da cotidianidade, das vivências humanas, que percebemos a escala da vida (LEFEBVRE, 1970, p.102).

**Foto 31– Trabalhadores portuários praticando o lazer em frente a um bar da
ÁREA 1**



Fonte: Trabalho de campo,
julho/agosto de 2008
Org. CARVALHO, C.M.O.
Área - 1

Fonte: Trabalho de campo, agosto de 2007
Organização: CARVALHO, C.M.O.

O espaço vivido no Bairro do Macuco possui um sentido diferenciado para a população residente há longo prazo, tendo em vista que suas experiências pessoais se confundem com o espaço em que vivem, como se a vida desses indivíduos animasse as formas do lugar.

Assim, quando nos atentamos para as ações do poder público ao impor novos limites para o Bairro, como ocorrera no ano de 1968 e, posteriormente, no ano de 1998⁴⁴, percebemos que o Macuco enquanto território extravasa a imposição arrolada pelo poder público.

Deste modo, percebemos que a atuação do poder público em instaurar novos limites ao Macuco não suprime os limites simbólicos criados pelos moradores, os quais já foram dimensionados pelas suas experiências de vida, assim, verificamos que o território é um campo mediado pela interação de ações verticalizadas e horizontais.

A tentativa de compreender as múltiplas territorialidades do Macuco advém das articulações (i)materiais provenientes de dinâmicas processuais econômicas, políticas e culturais que se evidenciaram nas formas apresentadas na paisagem, ou seja, em sua aparência. Todavia, a essência da paisagem proporcionou a reflexão sobre a

⁴⁴ Esta discussão está presente no capítulo 3 desta dissertação.

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

apropriação realizada no lugar, na emergência de múltiplas territorialidades e temporalidades apreciadas no cotidiano reproduzido no Bairro.

As particularidades do Macuco, guarneçadas pelas memórias dos moradores mais antigos, as articulações de poder calcadas na atuação do poder público e as relações sociais engendradas pelos moradores e frequentadores do Bairro refletem a importância das territorialidades no estudo dessa porção da cidade.

Essas territorialidades são construídas por meio da memória, das relações de poder, das identidades, das diferenças sociais entre os moradores. Tudo isto, na realidade, expressa o movimento que está por “de trás das formas do Macuco”, proporcionando vida e significados à paisagem materializada.

6 Considerações finais

O desafio proposto nesta pesquisa, de promover uma leitura do processo de produção do espaço urbano de Santos mediado pela escala do Bairro, certamente não se findou na reflexão aqui desenvolvida. As discussões propostas neste trabalho devem suscitar novas problematizações. Portanto esta pesquisa não se encerra, em decorrência da dinâmica que envolve o processo de produção urbana da cidade de Santos.

A produção das cidades na atualidade resguarda os traços materializados da nova ordem econômica mundial. O processo de internacionalização da economia, o avanço da informação e a política unem os espaços em torno da produção econômica, apesar de considerarmos as contradições que matizam esse processo.

A paisagem da área de pesquisa se apresentava como a materialização de processos econômicos que contribuíram para a transformação do espaço urbano de Santos. Por outro lado, verificamos que essas transformações não estavam apenas cunhadas na dimensão econômica, acercando-nos de que outros agentes sociais também estiveram presentes na produção desse espaço.

Os agentes sociais que participaram da produção urbana de Santos, em especial em nosso recorte analítico, exprimiram conteúdos distintos para o mesmo processo. Neste sentido, vimos a atuação do poder público e dos agentes imobiliários atuando nesse processo com ações de caráter vertical. Num sentido inverso, porém não menos intenso, destacamos também a ação dos moradores que se apropriam desse espaço.

Neste sentido, a investigação inicial propiciada pela paisagem do Macuco demonstrou que a globalização dos espaços não encerra a particularidade dos lugares.

As particularidades dos lugares são mantidas através da produção e apropriação do espaço. Na produção espacial, percebemos ações verticais e horizontais balizando os resultados materializados nas cidades; e, ainda, apreendemos que a apropriação consolida a particularidade de cada cidade, de cada espaço social, pois se

tratam de diferentes sujeitos sociais reproduzindo-se socialmente num determinado espaço.

O Lugar reúne os conteúdos do espaço, pois nele particulariza a vida; isto é, nele a vida se torna concreta pela mediação do homem no espaço, que o toma por meio do cotidiano.

O tempo se apresentou como a categoria que uniu os diversos momentos históricos para o estudo da paisagem atual. Através do tempo, pôde-se perceber a linearidade dos acontecimentos econômicos e sociais, como também a assincronia das ações coletivas no mesmo espaço. O *ir* e *vir*, mediados pela categoria *tempo*, auxiliaram-nos a perceber as identidades que afloravam a partir do uso do espaço da cidade.

A dinâmica do Macuco — apropriado pela diferença, singularizado por heterogeneidades — possibilitou que considerássemos que as cidades não caminham para a homogeneização, para a padronização de comportamentos, mas sim para um trasladar de possibilidades pelo uso do espaço.

Neste íterim, realizamos um ensaio sobre as territorialidades que se manifestaram no Macuco, embora acercamo-nos da necessidade de aprofundar esta discussão. A apropriação do Bairro realizada através das relações cotidianas reproduzidas ao longo do tempo proporcionou um sentido diferenciado para o espaço, de acordo com as vivências individuais e coletivas que se materializaram em nossa área de pesquisa.

O cotidiano do Macuco demonstra parte essencial do processo de produção do espaço mediado pelas possibilidades de uso da cidade, que estão além dos valores de troca. Neste sentido, o valor de uso é singularizado pelo transbordamento da vida às formas do Bairro.

A afetividade, a concretização de sonhos, as dificuldades, os conflitos entre o uso residencial e o portuário; o convívio dos moradores antigos com os trabalhadores portuários e seus filhos, junto aos novos moradores; o ritmo da rua, onde as crianças brincam, as mulheres conversam, os homens se encontram nos bares; o ontem, o hoje. São todos elementos que compõem o ritmo do lugar.

É significativo apontar, nestas considerações finais, as limitações que se impuseram na concretização deste trabalho. Outrossim, apontamos para o fato de que

priorizar o bairro como recorte espacial muitas vezes esbarra em situações que dificultam o andamento das discussões propostas.

A primeira dificuldade encontrada é referente à bibliografia específica sobre o recorte espacial. Na realidade, o que se encontra são dados gerais; torna-se então primordial superar essa limitação por meio de estratégias metodológicas.

Assim, o trabalho de campo e a pesquisa em outros trabalhos que se basearam na mesma dimensão escalar — o bairro — são indispensáveis para a superação das limitações apresentadas.

Diante da trajetória empreendida no desenvolvimento desta dissertação, constatamos que os bairros são importantes recortes espaciais para os estudos sobre o nível sensível das cidades, pois neles, o cotidiano se torna mais apreensível, a vida se torna a expressão concreta da cidade, seria como adentrar na dinâmica do *lugar*, apesar de nos acercarmos que este conceito não implica num estudo local, mas sim, na articulação entre o mundo e a sua singularização.

Além disso, nossas experiências demonstraram que a relação entre o tempo e o espaço é indispensável para o estudo de uma paisagem urbana, essencialmente porque essas formas resguardam a ação de diversos agentes sociais que, analisados através do tempo atual, não proporcionariam a dinamicidade que contempla a produção das cidades.

Evidentemente, as discussões propostas não se findam nesta pesquisa, pois outras discussões poderiam nortear este trabalho, como, por exemplo, a comparação entre os demais Bairros da cidade, os quais poderiam ser divididos em duas frentes de análise: a zona leste, localizada entre as praias e o centro, que é conhecida como a “cidade além dos trilhos de trem”; e a zona noroeste, composta pelos bairros mais populares, que supostamente possuem uma centralidade diversa do restante da cidade, primeiramente pelo distanciamento em relação ao centro principal; em segundo lugar, devido às atividades econômicas e sociais desenvolvidas nesses espaços.

Constatamos que estudar uma cidade implica mergulhar em sua construção simbólica por meio das experiências individuais e coletivas dos sujeitos sociais que se apropriam desses espaços, pois são eles que os humanizam e podem proporcionar ao poder público um planejamento da cidade voltado para os interesses dos cidadãos.

É válido mencionar que a dissertação materializa parte da trajetória da pós-graduação, pois muitas discussões embora não estejam diretamente relacionadas ao recorte empírico desta pesquisa, são essenciais para o enriquecimento do desenvolvimento acadêmico, tanto no que se refere as trocas de experiências entre alunos da pós-graduação, com professores e nos grupos de pesquisa, mas principalmente, no que concerne aos avanços pessoais, à busca por uma valorização de si mesmo, e a possibilidade de estar em constante aprendizagem, percebendo que o que conhecemos é uma pequena parte diante da imensidão que o novo pode nos proporcionar.

Referências

ABREU, M. A. **Evolução urbana no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Inplario, 1997.

_____. Construindo uma geografia do passado. **GEOUSP: espaço e tempo**. Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVIII, nº7, 2000, p.13-25.

ANDRADE, C.R.M. . O plano de Saturnino de Brito para Santos e a construção da cidade moderna no Brasil. In: **ESPAÇO E DEBATES: cidade e história**. São Paulo, v.11, nº34, p.55-63, 1991.

ANDRADE, T. F. **O Discurso do Progresso: a Evolução Urbana de Santos**. 1870-1930. (Tese de doutorado) 1989. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas.

ARAÚJO FILHO, J. R. **A Baixada Santista: aspectos Geográficos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965.

ARAUJO, D, S. **O Urbano em Processo e a Égide do Capital Mercantil**. Disponível em: www.sep.org.br/artigo/_684_a5ea0675dd41099434eb8e23c1734abb.pdf. Acesso em: 10 de junho de 2008.

AZEVEDO, M. M. M. **Migração e memória: a experiência dos nordestinos**, 2002, 236f. Tese (doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BARBOSA, M. V. **Santos na formação do Brasil: 500 anos de história**. Santos, SP: Prefeitura Municipal de Santos. Secretaria Municipal de Cultura: Fundação Arquivo e Memória de Santos, 2000.

BAGGIO, U. C. **A luminosidade do lugar**. Circunscrições intersticiais do uso do espaço em Belo Horizonte: Apropriação e Territorialidade no Bairro de Santa Tereza (tese de doutorado) 2005. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas.

BRAGA, F. G. **Migração interna e urbanização no Brasil contemporâneo: um estudo da rede de localidades centrais do Brasil (1980/2000)**. Disponível: www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_573.pdf Acesso: 19 de maio de 2008.

BRAUDEL, F. **História e ciências sociais**. A longa duração. Escritos sobre a história. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BOLAFFI, G. **A casa das ilusões perdidas**: aspectos socioeconômicos do Plano Nacional de Habitação. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BONDUK, N. **Origens da habitação social no Brasil**. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria. São Paulo: Estação Liberdade. FAPESP, 1998.

BORDIEU, P. **O poder simbólico**. Salvador: Bertrand Brasil, 2000.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, M. A. F. **O Macuco do meu tempo**. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2006.

CARLOS. A. F. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARRIÇO, J. M. **Legislação urbanística e segregação espacial nos municípios centrais da Região Metropolitana da Baixada Santista**. 2002. Dissertação (mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo.

CARVALHO. C. M. O.

Rua Conselheiro João Alfredo – Santos/SP. Lugar de permanências e mudanças. (monografia de bacharelado em Geografia), 2007, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente.

CARVALHO, C. V. **Santos e a Geografia humana do litoral paulista**. (Tese de doutorado), 1944. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CIDADES. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, vol. 1, nº1, 2004.

CHALHOUB, S. **Cidade febril**: Cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. Rede urbana e formação espacial - uma reflexão considerando o Brasil. In: **Território**. Rio de Janeiro: Garamond, ano V, n.8, p.121-129, 2000.

_____. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

DAMATTA, R. **A casa e a rua – espaço. Cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEUSDEDITH, Junior. O território do Cotidiano. In: **Raega**. Brasília. Vol. 1, nº 1, 2006. Disponível em: www.historiant.com.br. Acesso em: 17 de novembro de 2008.

DOMINGUES, A. A paisagem revisitada. In: **Finisterra**, 2001, v.34, p. 55-56. Disponível em: apha.pt/boletim/boletim3/pdf/ÁlvaroDomingues.pdf. Acesso em: 24 de novembro de 2008.

DUARTE, B. M. Entre o espaço global e o local: elementos para uma reflexão sócio-humanista da “explosão de espaços” no urbano. **Caminhos da Geografia**, nº 5, jun. de 2005. p.41-47. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>. Acesso em: 30 de maio de 2008.

FEITOSA, M.M. Espaço da imaginação ou a imaginação do espaço em um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto. **Labirintos**. Feira de Santana, Bahia: nº2, segundo semestre, 2007. Disponível: http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2007/03_artigo_de_marcia_manir_miguel_feitosa.pdf. Acesso: 29 de maio de 2008.

FELIX, C. E. A construção da individualidade/ subjetividade nos sujeitos sociais. In: **SEARA** – Revista Virtual de Letras e Cultura, 2007. Disponível em: <http://www.seara.uneb.br/index.htm>. Acesso em: 26 de junho de 2008.

GIDDENS. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FERREIRA, G. P. Morro da Conceição: espaço e cotidiano do lugar. **GEOUSP: espaço e tempo**, nº8, 2000, p. 89-111, e.2.

GIL FILHO, S. F. **Espaço de representação: uma categoria chave para análise cultural em geografia**. 2003 Disponível: <http://www.geog.ufpr.br/epistemologiadageografia/documentos/espacoderepresentacao.pdf>>. Acesso: 22 de maio do 2008.

GIMENEZ, H. M. M. **Interpretação do espaço urbano de Maringá: A lógica da verticalização – período de 1990 à 2005**. (Dissertação de mestrado) 2007. Universidade Estadual de Maringá, UEL, Maringá, PR.

GOMES, E. T. A. **Recortes de paisagens da cidade do Recife**: uma abordagem geográfica. (Tese de doutorado) 1997. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

GONÇALVES, A. C. Os bairros urbanos como lugares das práticas sociais. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**, Porto, vol. IV, 1988, p. 15 a 31. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1547.pdf>. Acesso: 22 de maio de 2008.

GOTTINIENER, J. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1997.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000

IBGE. **Cidades**. Disponível: www.ibge.gov.br Acesso: 26 de abril de 2008.

_____. **Geografia do Brasil**. Rio de Janeiro: Sergraf, 1997.

KLAUS, E. **A classe social tem importância no estudo dos movimentos sociais?** Uma teoria do radicalismo da classe média. Revista Brasileira de Ciências Sociais. RBCS: Scielo Brasil, vol. 16, nº 46, junho de 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php> Acesso em: 14 de março de 2008.

LANNA, A. L. D. **Uma cidade na transição**: Santos, 1870-1913. São Paulo-Santos, Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo rural**. Barcelona: Ediciones Península, 3ª Ed, 1975.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. **Lógica formal, lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LEITE, A. F.

O lugar: Duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**, Rio de Janeiro, vol. 21, 1998. Disponível em: www.anuario.igeo.UFRJ.br. Acesso em: 12 de junho de 2008.

LEITE, M. A. P. **Destruição ou desconstrução?** Questões da paisagem e tendências de regionalização. São Paulo: Hucitec, 1994.

LICHTI, F. M. **Poliantéia Santista**. São Vicente, Fernando Martins Lichti, 1996.

MACIEL, C. A. A. **Morfologia e paisagem e imaginário geográfico: uma encruzilhada onto-gnoseológica..** In: GEOgrafia. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco ano 3, n. 6, 2001, p.99-117

MARANDOLA JR, E. ; GRATÃO, L.H.B. **Do sonho à memória de Livia Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil**. Geografia. Londrina: vol.12, nº 12, jun./dez 2003. Disponível em <http://www.geo.uel.br/revista>. Acesso em: 28 de maio de 2008.

MARICATO, E. (org). **A produção Capitalista da Casa (e da cidade) no Brasil Industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

MARTIS, M. F. **GEOUSP: espaço e tempo**. Migração e cotidiano. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998, nº3.

MASSEY, D. **Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espaço**. Revista Discente Expressões Geográficas. Florianópolis–SC, n. 03, p. 142-155, Maio de 2007. Disponível em: www.geograficas.cfh.ufsc.br. Acesso em: 31 de maio de 2008.

NOGUEIRA, O. **Pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 2ª ed, 1973.

NOGUEIRA, M. Considerações acerca do conceito de lugar geográfico: a singularidade socialmente produzida, . In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS**, 2004, Goiânia. **Anais**, Goiânia: AGB, 2004. Disponível em: <http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo3/E3_026.htm>. Acesso em: agosto de 2006.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Orlando. Paisagens, regiões e organização do espaço. **Finnisterra** XXXVI, 72, 2001, p.27-35.

RIEPEER, A. **Cotidiano e paisagem – uma abordagem cultural**. Disponível em: www.canoadetolda.org.br/MemoriaBSF/Cotidiano%20e%20paisagem%20.pdf. Acesso: 23 de maio de 2008.

RODRIGUES, A. M. **Moradias nas cidades brasileiras**. São Paulo: Contexto; Edusp, 1988.

ROSENDAHL, Z. (org.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

SALES, P. **Santos, a relação entre o porto e a cidade e sua (re) valorização no território macrometropolitano de São Paulo**. (Tese de doutorado) 1999. Tese defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. **Finisterra** XXXVI, 72, 2001, p.37-53. Disponível em: www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72_04.pdf. Acesso em: 19 de outubro de 2008.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

Janeiro: Record, 2000.

_____. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Edusp, 2005

SANTOS. **Plano Diretor Físico de 1968.** Hemeroteca Municipal de Santos.

_____. **Plano Diretor Físico de 1998.** Hemeroteca Municipal de Santos.

_____. **Leis de ordenamento territorial de Santos.** Acervo da Procuradoria Geral de Santos.

_____. **Mapa de Abairramento de Santos, 1968.** Secretaria Municipal de Obras de Santos.

_____. **Mapa de Abairramento de Santos, 1998.** Secretaria Municipal de Obras de Santos.

SAQUET, M.A. **Proposições para estudos territoriais.** In: **Geographia.** Revista da pós-graduação da UFF. Niterói, 2004.

_____. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SARTRE, X. A. Teoria do sujeito, geografia e desenvolvimento local. In: **Novos Cadernos, NAEA**, vol.8, n.2, p.109-124, dez.2005. Disponível em: www.naea-ufpa.org/revistaNCN. Acesso em: 18 de junho de 2008.

SCHIER, R. A. Trajetórias do Conceito de Paisagem na Geografia. In: **R. Ra'E GA**, Curitiba, n°7, p.79-85, 2003. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/viewFile/3353/2689>. Acesso em: 26 de julho de 2008.

SEABRA, O.C.L. Urbanização e fragmentação: apontamentos para o estudo do bairro e da memória urbana. In: **Urbanização e Cidades: Perspectivas Geográficas.** Presidente Prudente: Unesp/GAsPERR, 2001, p.75-95.

_____. **A muralha que cerca o mar – uma modalidade de Uso do Solo Urbano** (dissertação de mestrado), 1979. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas.

_____. **Urbanização e fragmentação: a natureza natural do mundo.** Disponível em: http://www.ufes.br/geoufes/download/urbanização_e_fragemntação.pdf. Acesso em: novembro de 2006.

_____. Conteúdos da urbanização: dilemas do método. SILVA, S. J.; COSTA, M. C.; DANTAS, E. W. **A cidade e o urbano:** temas para debate. Fortaleza: EUFC, 1997.

~~SCHIER, R. A. Trajetórias do Conceito de Paisagem na Geografia. In: **R. Ra'ê-GA**, Curitiba, n°7, p.79-85, 2003. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/viewFile/3353/2689>. Acesso em: 26 de julho de 2008.~~

SERPA, A. (org) **Cidade Popular**. Trama de relações sócio-espaciais. Salvador: EDUFBA, 2007.

SILVA, W. R. **Para além das cidades: centralidade e estruturação urbana: Londrina e Maringá**, 2006. (Tese de doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista.

SILVA, S. J. Discutindo a cidade e o urbano. SILVA, S. J.; COSTA, M. C; DANTAS, E. W. **A cidade e o urbano**: temas para debate. Fortaleza: EUFC, 1997.

SILVA, V.P. **Paisagem: Concepções, aspectos morfológicos e significados**. 2007. Disponível em: www.sociedadennatureza.ig.ufu.br. Acesso em: 26 de setembro de 2007.

SINGER, P. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 2002.

SIQUEIRA, G. C. **Política urbana e distribuição da população**: o caso da região de Campinas. Caxambu, 1996. Disponível: www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_416.pdf. Acesso: 08 de junho de 2008.

SOBARZO, O. A. **Os espaços da sociabilidade do espaço público em Presidente Prudente**. (Tese de doutorado) 2004. Universidade Estadual Paulista, UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia.

SOBRINHO, C. S. **Santos noutros tempos**. Santos, A Tribuna, 1953.

SOUZA, M. J. L. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v.51, n.2, p. 140-172, 1989.

SPOSITO, M. E. B. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo**. (Tese de Livre docência) 2004. Universidade Estadual Paulista, UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia.

_____. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1997.

TRINDADE JÚNIOR, S. C. Espacialidades e temporalidades da dinâmica das formações urbanas. **Cidades**: revista científica. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, v. 1., n. 2, p.241-258, 2004.

_____. Estrutura, processo, função e forma: a aplicabilidade à análise do espaço intra-urbano. In: CARLOS, Ana Fani A. (org.). **Ensaio de geografia contemporânea**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 133-140.

TUAN, YI FU. **Humanistic Geography**. Tradução: QUEIRÓZ, M. H. **Annals of the Association of American Geographers**, 66: (2), jun. 1976. Disponível em: <<http://ivairr.sites.uol.com.br/tuan.htm>>. Acesso em: 23 de maio de 2008.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Brasil: A Terra e o Homem**. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense.

WHITACKER, A. M. **A produção do espaço urbano em Presidente Prudente: uma discussão sobre a centralidade urbana**. (dissertação de mestrado), 1997, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente.

ANEXOS

Anexo - 1



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - FCT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Anexo—1

Questionário

- 1 - Qual local de origem
- 2 - O que representa o Macuco para o Sr. (a)? (idade_____).
- 3 - Quais são os limites do Bairro do Macuco?

3.1 - O Sr. (a) trabalha? Onde? (local)

3.2 - O Sr. Estuda? Onde (local)

4 - Desloca-se principalmente:

() a pé () transporte coletivo () condução própria ()
outros _____

5 - Em que Bairro reside?

6- Casa própria() alugada () cedida () outros ()

7 - Com que frequência se desloca para o centro da cidade? Quais são as atividades principais que executa neste local?

9 - O que mais lhe despertou interesse quando escolheu o Bairro do Macuco para morar?

10 - Há quanto tempo vive no Bairro?

11 - Se você tivesse a possibilidade de morar em outro lugar da cidade ou em outra cidade, você se mudaria? Por que?

12 - Quais são os maiores problemas que você enfrenta no Bairro?

13 - Quais são as maiores qualidades do Bairro na sua opinião?

14 - Onde efetua suas compras mensais?

15 - Onde faz as suas compras cotidianas (padaria, farmácia, açougue) ?

16 - Onde você procura atendimento médico hospitalar?

17 - Que tipo de lazer você pratica?

18 - Onde você pratica atividade de lazer?

19 - Como você se desloca para este lazer?

20 - Qual a sua faixa de renda? (Entrevistado)

() até 1 min. () 3 a 5 min () mais de 10 min.

() 1 a 3 min. () 5 a 10 min.

21 - Qual a faixa de renda familiar?

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

() até 1 min.

() 3 a 5 min

() mais de 10 min.

() 1 a 3 min.

() 5 a 10 min.

22- Quantas pessoas vivem em sua casa?

Anexo - 2



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - FCT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Anexo—2

Entrevista

- 1 - Há quanto tempo vive no Macuco? (Idade_____) Local de origem:
- 2 - Profissão dos moradores (marido e mulher, ou chefe da família).
- 3 - O que representa o Macuco para você?
- 4 - Por que escolheu o Macuco para morar?
- 5 - O que faz você permanecer no Bairro?
- 6 - O que você mudaria no Bairro?
- 7 - O que havia no passado que você resgataria para o presente? **(questão para moradores com mais de 5 anos de moradia)**
- 8 - Como era a sua vida no Bairro há 15 anos ou mais anos atrás? **(Questão para moradores bem antigos do Bairro, de 15 anos ou mais)**
- 9 - Você tem contato com a vizinhança? E como é a sua relação com eles?
- 10 - Você conhece algum vizinho que já morou aqui e mudou-se? Quais são as impressões do Bairro que ele tem?
- 11 - Se houvesse possibilidade de escolher outra área para viver, você escolheria onde? Por que?
- 12 - Quais são as suas atividades cotidianas no Bairro?
- 13 - Como você se locomove até elas?
() a pé () transporte coletivo () condução própria () outros
- 14 - Que tipo de lazer que você pratica no Bairro? Fora dele?
- 15 - E como você se locomove até elas?
() a pé () transporte coletivo () condução própria () outros

A paisagem do Macuco: os lugares por detrás das formas do Bairro

16 - O que falta no Bairro do Macuco?

17 - O que você considera positivo no Bairro?

18 - Quando pensa na palavra Macuco, o que lhe vem a mente? Por que?

19 - Qual o símbolo do Macuco para você?

20 - Qual a sua faixa de renda? (Entrevistado)

() até 1 min.

() 3 a 5 min

() mais de 10 min.

() 1 a 3 min.

() 5 a 10 min.

21- Qual a faixa de renda familiar?

() até 1 min.

() 3 a 5 min

() mais de 10 min.

() 1 a 3 min.

() 5 a 10 min.

22 - Quantas pessoas vivem em sua casa?

|

Anexo - 3



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - FCT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Anexo—3

Enquete

- 1 – Como se chama a área que o ~~Srº~~Senhor-(a) reside?
- 2 – O Senhor_dSrº ~~Desenvolve~~ alguma atividade no Macuco (lazer, compras, atendimento médico...)?
- 3 – O Senhor Srº se sente pertencente ao Bairro do Macuco? Por que?

